

COO JORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Seqüestro dos Uruguaaios em Porto Alegre:

UM CRIME CONTRA O BRASIL!



Uma reportagem de seis páginas, com todo o caso que botou a polícia no banco dos réus e o País diante de um difícil desafio

**PRESTES
AOS 81 ANOS:
"VOU VOLTAR"**

**ATALLA: O
MILAGRE
DO MILAGRE**

**A BRIGA DOS
BRANCOS NO
PARQUE XINGU**

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira Cooperativa de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembleia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembleia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

Editor
Elmar BONES da Costa
Secretário
Osmar Trindade

Redação
José Antônio Vieira da Cunha, Rosvita Saueressig, Jorge Polydoro, Tomás Pereira, Waldoro Teixeira, Elaine Lerner, Lenora Vargas, Marco Antônio Schuster, Rafael Guimarães, Najar Tubino, Maria Angélica de Moraes, Leonardo Dourado, Sílvio Corrêa, Marina Wodtke, Lilian Bem David, Jorge Gallina, Baru Derquim, Maureci Santos, Pedro Flores (editores, repórteres, diagramadores e fotógrafos), Sérgio Batsow, Edgar Vasquez, Juvenal da Luz, Luiz Carlos Ferré (arte), Luiz Recena Grassi (Brasil), Gilberto Pauletti (Rio), Geraldo Hasse, Jorge Escosteguy (São Paulo), Gleizer Neves (Belo Horizonte), José Maria de Andrade (Recife), Paulo Marconi (Salvador), Luiz Lanzetta (Florianópolis), Zélia Leal (França), Eva Dürr (Alemanha), Moema Bauer (México), Lúcio Azevedo (Moçambique), Caco Barcelos (Nova Iorque), José Reis, Quilida Terezinha Cardoso e Mozart dos Santos (arquivo e laboratório).

Industrial
Francisco Alba (coordenador), Lindomar da Silva, Sílvia Berni, Edison Ubratan Trindade, Maria de L. B. Lima (revisão), Carlos Milton Rios (produção), Júlio Ferrari, Atil Vinetun, (fotolito), Paulo Sá, Ivan Carlos Franco, Hélio Pinho, Júlio César Martins (fotocomposição), Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado, Léo Roberto dos Santos (montagem).

Administração
Eládio Vieira da Cunha

Comercial
Enio Lindenbaum, Francisco Cleber Bressani

Circulação e Assinaturas
Renan Carvalho Rodrigues (coordenador), Suzi de Ávila Bérni e Gilberto Taurino.

Números atrasados
A venda somente a partir da edição nº 13. Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL.

Endereço
Rua Comendador Coruja, 372
CEP 90.000 — Porto Alegre — RS
Fones 218984 e 240951 — Telex (051) 1605
Registro nº 33170/Livro A 1

Impressão: Diário de Notícias
COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.
ASSOCIADOS: José Antônio Vieira da Cunha (Presidente), Tomás Pereira (Vice-Presidente), Rosvita Saueressig (Secretária), Affonso Ritter, João Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Baru Derquim, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow (Conselheiros de Administração), Antônio Oliveira, Agnese Schiffino, Danilo Ucha, Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques (Conselheiros Fiscais), Assis Hoffmann, Elmar BONES, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten, Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guacari Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd (Conselheiros de Edição), Adélia Porto da Silva, Ademair Vargas, Ângela Beatriz Riccardi, Antônio Brito, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Koleczka, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Edgar Vasques, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ybarra, Imara Stallbaum, Jandira César, José Antônio Ribeiro, José Félix Valente, Julieta Pereira, Leo Tavejnhansky, Lúcio de Azevedo, Luiz Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Crivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson de Oliveira, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Clóvis Malta, Omar de Barros F.º, João Carlos F. da Silva, Lenora Vargas, Leonid Streliev, Divino Fonseca, João B. Scalco, Eva Caparelli, Maristela Bairros, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klimentowicz, Sílvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Gomerindo Coutinho, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlbeg, Jussara Pereira Coelho, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Maria Inês Burger, José A. Pinheiro Machado, Olivio Lamas, Sil.ª Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Tonello, José Abu-Jamra, Sérgio Becker, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Carlos Karnas, Valdir Paz, Sérgio Arraoud, Ivan Pinheiro Machado, Marconi João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuzia Tassa, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Faillace, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Figueiredo, Iraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Artech, Neusa Ribeiro, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rubenich, Citina Leal, Leonardo Dourado, Edson Gomes Chaves, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaive Silveira, Adroaldo Correa, Vera Daisy Barcelos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Moura, Paulo Fogaça, Severino Goes, Fernando Guedes, Neltair Abreu, Maria da Graça Silva, Walmano Paz, Milton Fernando Wells, Maria Helena Brancher, Maria Luisa Teixeira, Júlio Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najar Tubino, Marise Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Costa, Juarez Fonseca, Maria Elvir da Silveira, Renato Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higinio Barros, José Eneid Francisco, José Roberto Caroz, Valdir da Silva, Cândido Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska, Carlos Rafael Guimarães F.º, Carlos Frederico Menz, Eduardo San Martin, Ilza Girardi, Eugênio Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoro Teixeira, José A. Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Ennio Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Figueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling, Fernando Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Sílvio Correa, Luís Carlos Ferreira, Anibal Bendatti, Arthur Oliveira F.º, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Ruschel, Luis Fernando Verissimo, José Luiz Prévadi, Maria Elaine Borges, Eduardo Bueno, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Toralles, Luiz Lanzetta, Alice Urbim, Ana Maria Barros, Lotário Neuberger, Ubrajarara Silva Prate, Antônio Canabarro Trois, Bernadete Vianá, Eloísa Beatriz Enck, Carlos Alexandre Castro, Cristina Baptista Pereira, Jane Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Nascimento, Paulo Antônio Barros, Riomar Trindade, Rômulo Krafta, Vera Maria Bosak, Patrício Davila Bentes, Raul Quevedo, Ricardo Bolsoni, Mirta Vieira Coelho, Juvenal da Luz Neto, Juan Carlos Gómez, Luiz Recena Grassi, Ariosto Paz Teixeira, Ayrton Centeno, Celso Schroeder, Milton Ribeiro da Silva, José Antônio Severo, Lucila Camargo, Paulo Marconi, Armênio Abascal, Maurecy Santos, Hélio Ferreira, Luis Humberto, Valter Firmo, Manuel Joaquim Martins, Jorge Meditsch, Pedro Flores e Zeka Araújo.

Caro leitor

Com certeza você ainda lembra do gesto mais importante que fez no dia 15 de novembro passado. É provável até que você o tenha feito com entusiasmo, como fizeram muitas pessoas esperançosas com a perspectiva de voltarmos a uma democracia. Afinal, esse entusiasmo e esperança acabaram tornando o dia 15 um marco expressivo nesta caminhada para o fim dos tempos duros.

No entanto, no momento em que todos nós votávamos, estava sendo perpetrado um outro ato, que dá bem a dimensão do País que queremos deixar para trás. Num pequeno apartamento, num bairro residencial de Porto Alegre, um grupo de homens armados (seguramente mais de 5), mantinham quatro pessoas presas e estavam à espera de outras duas.

Já estavam lá há três dias e ficariam ainda dois dias, até que um repórter e um fotógrafo, alertados por um telefonema anônimo, batem à porta do apartamento e, recebidos por pistolas 45, acabam envolvidos na trama que até hoje, sessenta dias depois, as nossas autoridades não conseguiram deslindar (que ninguém nos ouça, mas um veterano policial disse a nossos repórteres que, levado a rigor, o caso não requereria mais do que 15 dias de investigações para estar inteiramente esclarecido).

Aliás, se não fosse a atitude corajosa de alguns jornalistas e advogados desde o início e, logo em seguida, de toda a Imprensa, o caso já estaria morto e enterrado e é provável que outros seqüestros já estivessem em andamento. Graças a esse empenho, hoje temos já um resultado positivo: se a polícia ainda não sabe que solução vai dar ao caso, a opinião pública já sabe muito bem onde estamos metidos e certo tipo de pessoa já pôde aprender que determinadas coisas são incompatíveis com a liberdade de Imprensa.

No mais, podemos recordar as palavras de Nicolau Campos Vergueiro, deputado ao tempo do Império, mas que já em 1826 entendia o papel da Imprensa bem melhor do que muitos dos nossos homens públicos atuais. Dizia Vergueiro: "Não nos aterremos com a Imprensa, não lhe concedamos esse poder mágico de pôr e dispor dos impérios. Se a Imprensa tem concorrido para as revoluções, é só patenteando as causas existentes, que devem produzi-las. Não se confunda, pois, a publicação das causas; estas tem o seu assento ou na má organização do corpo social ou nos erros da sua administração ou no andamento progressivo ou retrógrado da civilização".

Em nossa edição passada, nº 35, publicamos um longo depoimento do coronel Jefferson Cardim Osório, que pela primeira vez contou a um órgão da Imprensa brasileira, como foi a chamada Operação Três Passos, a tentativa de guerrilha feita no Rio Grande do Sul em 1965. Ninguém precisa ter medo de ser responsabilizado pelas declarações do coronel Jefferson ou por sua publicação. Ele responde por sua parte, ratificando tudo o que disse. Nós respondemos pela nossa, assumindo todo o ônus de ter publicado as suas opiniões. Nós temos medo de muitas coisas, mas a verdade não está entre elas.



Foi um final de ano a todo o vapor, o nosso. Além da edição normal de dezembro — onde publicamos com exclusividade um depoimento do coronel Jefferson Cardim Osório sobre a primeira tentativa de derrubar pelas armas o Governo Militar de 64 — saímos com uma Edição Extra sobre o Terror Político no Uruguai, o livro com as cartas de Flávia Schilling e uma Edição Especial de Humor. Como fecho, recebemos o prêmio principal do concurso de reportagens da Associação Rio-Grandense de Imprensa, com o trabalho Golbery, Poder e Silêncio publicado em nossa edição de setembro.

O Editor

Tiragem desta edição: 30 mil exemplares.

NESTA EDIÇÃO:

5	ATALLA O Rei do Café e do Açúcar e seu falso império construído com dinheiro dos cofres públicos	22	PRESTES Uma entrevista com o Secretário-Geral do PCB, em Paris, e uma reportagem com suas irmãs que vivem no Rio
6	COOPERATIVAS x COPERSUCAR As cooperativas gaúchas organizam uma campanha para fazer valer a lei	27	O SOCIALISMO ALEMÃO Artigo sobre os dissidentes da RDA
8	PODER E POLÍTICA O que se pode esperar do Ministério de Figueiredo	30	LEITURAS

15 SEQUESTRO
Um a um, quem são e o que fizeram os principais personagens desta novela que começou com o seqüestro de um casal e duas crianças uruguaias em Porto Alegre



"Sensacionalismo e irresponsabilidade"

É lamentável a edição de dezembro último do *Coojournal*. A começar pela matéria de capa.

Acaso já teremos chegado ao clima pleno de liberdade que permita o levantamento de determinados fatos e o seu exame isento de paixões? A revelação de certos depoimentos já é insucetível de prejudicar pessoas que não têm ocasião e direito de defesa?

Não se trata de aceitar ou não tais depoimentos, mas da oportunidade de torná-los públicos, quando ainda há interessados em exumar fatos que fortaleçam a imagem dos fantasmas necessários à permanência do clima de medo. O Cel. Jefferson pode ter razão, crédito por sofrimentos passados, mas a sua versão dos fatos não comporta ainda a contradição das pessoas por ele atingidas. Por isto a publicação da matéria é, pelo menos discutível. O acoadamento para publicar material inédito, em tais casos, caracteriza a busca do sensacionalismo e configura uma irresponsabilidade.

Outro aspecto deplorável da referida edição é o generoso espaço aberto à entrevista de Carlos Oliveira, o lamentável pilholo da burguesia carioca. Veja já tinha mostrado, para quem não conhecia, quem é o refinado pilantra. O *Coojournal* não poderia avaliar com sua indistinta simpatia os escarros de Carlos Oliveira. A posição calhorda do entrevistado sequer é original. Há milhares de anos os "valentes" cuspidores de cadáveres não têm feito outra coisa pela vida afora. Diz que cuspiria sobre o cadáver do Cap. Carlos Lamarca. É certo que não faria o mesmo sobre o homem vivo. Certamente há pessoas que fariam a defesa do Cap. Lamarca, mesmo discordando de sua forma de ação política. Mas como fazê-lo sem correr o risco da auto-incriminação quando ainda paira uma furiosa histeria sobre tais questões. O suicida Carlos Oliveira não tem a coragem de viver por uma causa, quanto mais de morrer por alguma coisa. A sua morte vai se processando de forma lenta e gradual, regada pelo *scotch* da burguesia que ele corteja, fingindo desprezar.

Por fim não pode ficar sem resposta a sua investida contra os gaúchos (tã na moda) ao dizer que estes querem "sacanear o povo, tomar o poder e fazer ditaduras ferozes". Esquece o mundano cronista que tudo o que ele diz não foi feito por querer do Rio Grande (veja todas as eleições desde 1964), mas pelos conspiradores do resto do País, e daqui mesmo, mas sem o referendo do nosso povo.

Entendo o Cel. Jefferson. Entendo também o pulha Carlos Oliveira. Não consigo, porém, entender o *Coojournal*.
Odilon Abreu

"A política em mãos limpas"

Li a reportagem do coronel Jefferson Osório e cheguei a entrar em depressão. A gente nesse sufoco, ansiando desesperadamente pela abertura, que esse regime capenga termine logo — e de repente me dou conta de que com a abertura certas pessoas voltarão.

Não tenho condições de julgar a ação do coronel, mas julgo os homens e políticos. Que procedimento indecente, irresponsável. Apoiaram, insuflaram e depois sentaram-se em cima do muro. O homem público tem que ser coerente com o ser humano. E esse tem que ter dignidade. É fundamental.

Que as pessoas sérias, bem-intencionadas deste País se conscientizem de que a política, o destino da Nação deve ser entregue a elementos decentes, limpos, coerentes com suas idéias. Basta do velho clichê de que a política é suja. Coloquem-na em mãos limpas que haverá a decantação.

Ivo A. Passos, Porto Alegre, RS

Você encontra seu COOJORNAL em Capão da Canoa na A PRAIANA e LIVRARIA SADI, em Torres no BAZAR PRAIANO.

Vamos rearticular o movimento secundarista!

Queremos registrar nossa surpresa e ao mesmo tempo nossa satisfação, por encontrarmos nas páginas do Coojornal nº 34, de novembro, uma reportagem tão importante como esta: "Quem inventou o Lar Doce Lar não tinha pai, nem mãe".

Para nós, da União Municipal dos Estudantes Secundários de Belo Horizonte, esta reportagem é de grande valor, pois além de representar um debate com a novíssima geração, como é mencionado, também é muito importante por se tratar de secundaristas do Rio Grande do Sul. Isso porque, hoje, o movimento secundarista se encontra totalmente desarticulado e se a cada dia tomamos conhecimento do que acontece pelo país, é pelas páginas da imprensa alternativa.

Portanto, é de grande interesse esse tipo de reportagem, não só para o pessoal que tenta articular o movimento, como também para todos os secundaristas que passam assim a tomar conhecimento do pensamento das vanguardas secundaristas e do próprio movimento nos diversos estados do país.

Isso é essencial, porque em tempos em que o Sr. Flávio Cavalcanti leva ao vídeo alguns "exemplos" da juventude brasileira, como sendo os bem comportados garotos que "não fumam, não bebem, são os primeiros da turma", mas também não têm uma opinião crítica perante a sociedade em que vivemos, torna-se muito importante que se mostre que estes não são os bons exemplos. Que se precisarmos de bons exemplos, estes devem ser jovens combativos e conscientes de sua função na sociedade. Além disso, o Coojornal, nesta reportagem, consegue mostrar toda a opressão de que hoje o jovem, como toda a população, é vítima. Essa entrevista consegue abrir as portas da nossa sociedade nos mais duros pontos, como, por exemplo: o problema da repressão familiar; a autoridade nas escolas; as manobras utilizadas pelo sistema para canalizar a insatisfação dos jovens, etc.

Quando tomamos a iniciativa de escrever a esse jornal, achamos muito importante que esse tipo de reportagem não se limite, nem que seja a primeira e última, mas que seja a primeira de um processo que mostre como os jovens estão sendo massacrados e despersonalizados por todos os modos consumistas que buscam nele, o jovem, apenas um consumidor e não um participante.

Nós vemos, a cada dia, a necessidade de travarmos uma luta, cada vez mais intensa, para a transformação da sociedade. Mas, para tanto, é imprescindível o apoio da imprensa alternativa, assim como dos demais meios de comunicação, para que essa luta avance.

Mais uma vez, reiteramos nosso apoio e os nossos cumprimentos pela brilhante reportagem e pelos demais trabalhos desenvolvidos por este extraordinário mensário.

Gostaríamos ainda que nos fizessem um grande favor: transmitir nosso endereço para nossos colegas secundaristas. É: Rua Guajajaras, 890, Centro, Belo Horizonte, CEP 30.000.

Estudantes Secundários, Belo Horizonte, MG

ASSINE O
COOJORNAL!



32 Heijel



"Brasil, País de contradições"

Brasil, País de contradições. Não que em outros elas não existam; aqui elas são gritantes. Se não, vejamos. Todos nós sabemos dos grandes males causados pelo fumo. Esclarecimentos são dados por autoridades médicas de todo o mundo; órgãos oficiais organizam campanhas esclarecedoras; países há onde se proíbe fumar em lugares públicos.

Agora, vejamos o que o nosso Governo permite, a fim de que seja divulgado a todos o "saudável hábito de fumar": campanhas maciças através da televisão, o maior veículo de comunicação de nosso tempo, nas quais se associa o fumo a belas mulheres, grandes conquistas, carrões, barcos, aviões, etc. E esse mesmo Governo organiza campanhas contra o fumo. Dá para entender?

E o povo, onde fica? Nós, jovens, influenciáveis que somos, um tanto imaturos, em que acreditaremos? Os comerciais da TV são bem mais sugestivos. E o jovem brasileiro, em sua grande maioria, vive alienado dos problemas que o cercam, quase inconscientemente. Com isso fortalecem-se os hábitos já existentes e criam-se novos, garantindo um mercado consumidor para o futuro. Povo, jovens, saúde, bem-estar, tudo isso às favas, o importante é faturar. É possível mudar isso... ou não?

Omar Naum, Sarandi, RS

"Silenciar é votar a favor da democracia indireta"

Entendo que idéias não faltam, o que falta são cérebros que saibam transformá-las em realidade. E entendo também que lutar é uma alternativa e um direito que cabe ao povo oprimido; silenciar é dar um voto a favor da democracia indireta.

Gostaria de divulgar este meu poema, cujo título é Duas Bandeiras:

Tuas terras dominadas pelas multinacionais, tua independência é uma farsa, teus presidentes são escolhidos pelos norte-americanos, para os quais a cada ano devemos mais dinheiro. As empresas estrangeiras, aqui chegadas, expulsam as nossas, tomam conta de nosso mercado, vivemos sob a mira dos fuzis e ogivas nucleares dos americanos. Muitos que procuraram dar novos rumos a esta Nação estão nos cárceres do Estado ou exilados de sua terra natal. Nós, que nascemos aqui, temos nossos direitos cassados, nossa gente ganhando miséria mensal. A cada eleição o povo é enganado por políticos que esqueceram muitas vezes suas raízes, por políticos comprometidos com o Gover-

no. Mas, quando o povo grita e se manifesta sua voz é abafada pelo som das metralhadoras. Nós que somos nacionais, menos de nossa pátria possuímos, nossa bandeira é metade nacional e metade estadunidense, nossa terra está hipotecada.

L. Lucka, Porto Alegre, RS

Grande conquista

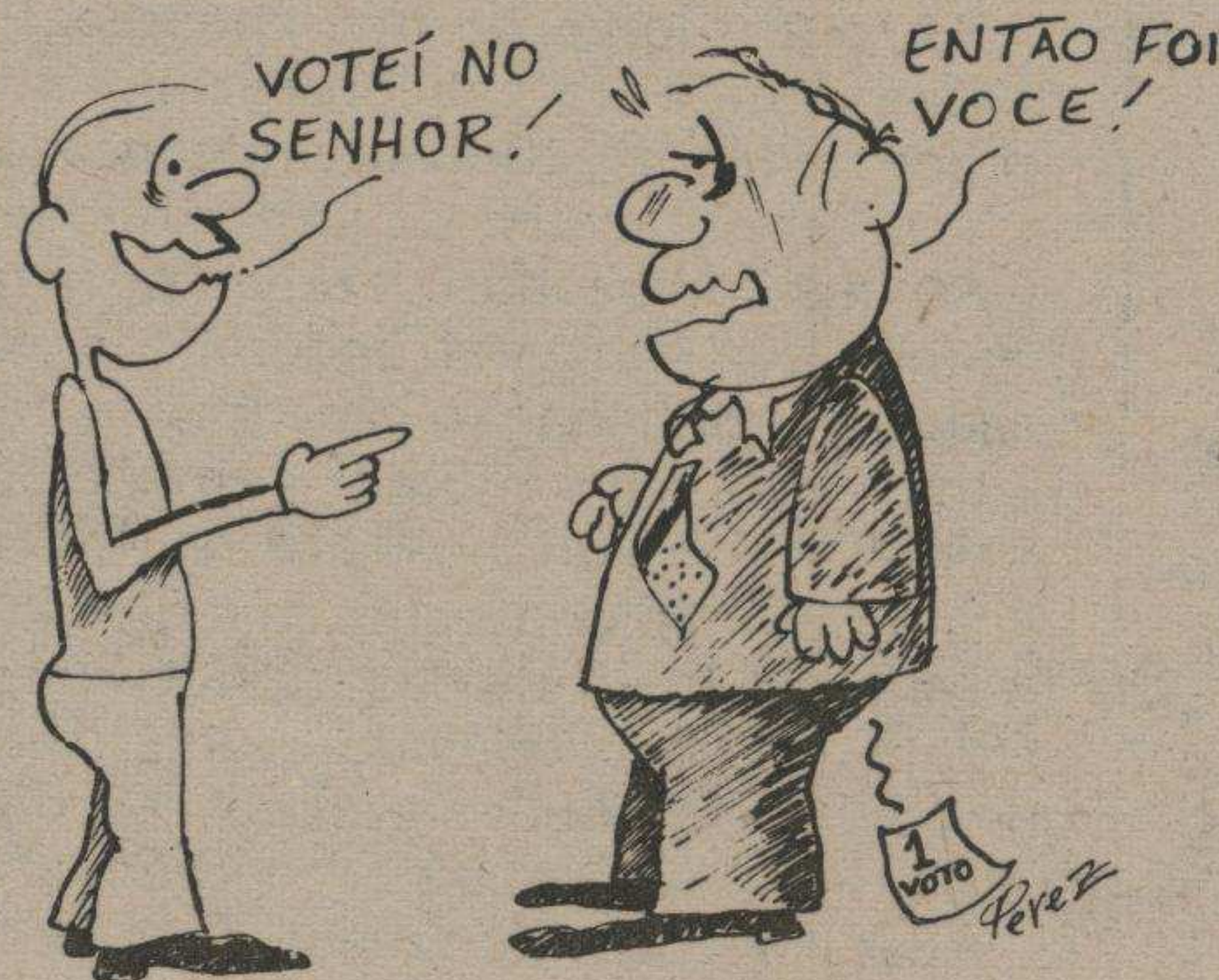
Quero cumprimentá-los por esta data que vocês comemoram, ou seja, os três anos de existência do Coojornal. Tendo em vista o padrão de qualidade que o Jornal apresenta, realmente é uma grande conquista, pois vocês nos mostram a realidade dos fatos de uma maneira pura e verdadeira, surpreendendo-nos muitas vezes. Continuem firmes!

Luiz Afonso Munari, Torres, RS

"Se a resposta for positiva..."

Tomo a liberdade de lhes enviar alguns cartuns de minha autoria, para ver se dá para publicar. Se a resposta for positiva, poderei participar do Salão Internacional de Humor do Canadá. Já colaborei com os jornais *Folha da Manhã* e *Zero Hora* e participei do Salão da Caricatura de Montreal, Canadá, e do Salão Internacional de Berlim.

Gilberto Perez, Porto Alegre, RS



Casa, telefone, passagem, tudo de graça

Diz o Coojornal (outubro de 78 nº 33) que os deputados federais ganham 90 mil cruzeiros por mês. Não sei de onde vocês tiraram este exagero. Deputado federal

ganha menos de 40 mil de salário e mais uns "extras" por algumas reuniões. Quem sabe vocês têm mais cuidado com as informações que vendem aos leitores?

Mirian Correa, Porto Alegre, RS

Nota da Redação: A edição de 29 de outubro do Estado de S. Paulo informa que "um deputado federal tem atualmente como subsídio fixo mensal Cr\$ 13.933,00 e, para cada sessão a que comparece, mais Cr\$ 828,00. Isso significa que, indo à Câmara durante 30 dias, recebe Cr\$ 38.773,00, sem contar com descontos de imposto de renda e do IPC, este último uma espécie de fundo de pensão para congressistas. Este dinheiro cresce com as sessões extraordinárias, 15 por mês, em média, totalizando Cr\$ 12.720,00. Para o ano, haverá um aumento de cerca de 40% no global. Dividida em duas parcelas, uma ao início da legislatura, outra ao final, há uma ajuda de custo de Cr\$ 46.644,00, que tem por finalidade colaborar para o deslocamento da família do deputado federal ao seu estado." Além destas, tem outras vantagens: por um apartamento de quatro quartos, mobiliado, o deputado paga Cr\$ 180,00 de aluguel mensal, Cr\$ 300,00 de condomínio e Cr\$ 30,00 pelo uso dos móveis; recebe por ano quatro passagens aéreas; pode dar 100 chamadas interurbanas de três minutos, de Brasília a seu estado; pode enviar por mês, de graça, 800 cartas e 200 telegramas; e tem serviço médico gratuito, para si e a família, entre outras vantagens.



"O Carlinhos é um Lamarquinha falido"

Acabo de ler e reler a entrevista com o José Carlos de Oliveira, e quero agradecer-lhes pelo prazer que a mim proporcionaram.

Ele chama o Luís Fernando Veríssimo de contundente e se esquece de que ele em si o é muito mais do que o Luís; se não for o mais contundente cronista brasileiro.

Ele diz que cospe no cadáver de Lamarca porque ele tem inveja do Lamarca; ele se sente um Lamarquinha falido, marginalizado pelo processo político vigente no País.

Outra: ele demonstrou nas suas respostas ser apenas uma pessoa nervosa, ou seja, neurótica, segundo ele mesmo, e mais nada. Tanto que, se vocês não soubessem organizar a entrevista, ela teria ficado uma merda, porque ele não responde nada por inteiro; sai quebrando as respostas, fragmentando o conteúdo, tornando a conclusão do assunto cada vez mais difícil.

Antonio Cabral Filho, Rio de Janeiro, RJ

Obrigado

Neste fim de ano, recebemos mensagens de boas festas dos seguintes amigos:

Museu Antropológico Diretor Pestana (Fidene, Ijuí); Cooperativa de Crédito Mútuo dos Empregados da CEEE Ltda.; João Adalberto Soares Behr; Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste, de Recife; Consulti — Cooperativa Sul-Riograndense de Laticínios Ltda., Pelotas; Carlos Roberto M. de Souza; Transportes Venâncio Aires Ltda.; Companhia Cervejaria Brahma; Novo Empreendimentos Imobiliários Ltda.; Proof Materiais Gráficos Ltda.; Sociedade Paulista de Papéis; José Trindade de Segadas Vianna; Pro-Graf Ltda.; Cooespa — Cooperativa de Serviços Secretariais e Similares da Grande Porto Alegre Ltda.; Dosul — Zaffari S.A. Comércio de Alimentos; Cia. T. Janer; Setor Jovem do MDB; Fecolâ — Federação das Cooperativas de Lã do Brasil Ltda.; Nova Publicidade Ltda.; Cepal — Cooperativa

(continua na pág. 4)

CARTAS

dos Estudantes de Porto Alegre; Alvorada S.A. Indústria Gráfica; Cosuel — Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda.; Maia Farina, Assessoria Empresarial Ltda.; MPM Propaganda S.A.; Samab — S. A. Mercantil Anglo Brasileira; Wilmuth Haroldo Adam; Sulcolor; Cooperativa Regional Agropecuária Alto Vale do Itajaí Ltda.; Bernardini S. A. Indústria e Comércio; A. Ferreira e família; Unimed Grande Santa Rosa; Bi-Jóia Ótica e Joalheria; Jornal da Coopavel; Mário de Almeida e Cia. Ltda.; Editora Jornalística Gazeta Mercantil S.A.; Banco Sulbrasileiro S.A.; Distribuidora de Revistas Safari; Cláudio Valmir Fortes da Silva; Livraria Editora Pallotti; União dos Escoteiros do Brasil; Cooperativa Tritícola Exerim Ltda.; Bandeira, Distribuidora de Publicações Ltda.; Pelotas; Cooperativa de Eletrificação Rural Teutônia Ltda.; Estrela; Agapan — Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural; carteiro José Carlos; Coodonto Exerim Ltda.; KSR — Comércio e Indústria de Papel S.A.; Folha do Comércio; Mesbla Máquinas e Equipamentos; Auto-Gráfica — Importação e Serviços Ltda.; Adubos Trevo; JBJ — Jornal da Barra e Jacarepaguá; Editora Leia Livros Ltda.; Eugênio Giovenardi, Brasília; Editora Ática; Agência Um Propaganda Ltda.; Bulla Propaganda; Eliseu Padilha e família; Falk Publicidade Ltda.; Carmen e Geraldo Hasse, São Paulo; Batanguera Editora e Gráfica; Agência O Globo; Jefferson, Rosa e Jane, Rio de Janeiro; Clube de Observadores de Aves; Revista Campo Agropecuária, de Campo Grande; Kury & Padilha Ltda.; Scyla Bentoy; Neri Trindade e família; Teatro União e Olho Vivo; Exitus Publicidade Ltda.; Pinheiro Salles, Presídio Político de São Paulo; Salles Inter-Americana de Publicidade Ltda.; Máquinas Agrícolas Jacto S.A.; Martins & Andrade Propaganda Ltda.; Instituto de Biot. Criminal, Adão Oniro Knaak; Escala Publicidade; Gráfica Cita S.A.; Jota Erre Propaganda; Audipel; Jota Gê Publicidade; Banner Publicidade Ltda.; Deputado Raimundo de Oliveira; vereador Antônio Carlos, Câmara do Rio de Janeiro; Banco Nacional de Crédito Cooperativa, Agência Porto Alegre; Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Recife; Companhia de Seguros Previdência do Sul; deputado Nivaldo Soares; Fininvest; Paulo Roberto S. da Luz; Coop. de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados de Carlos Aug, Meier Ltda.; Coopercana; Coopagril — Coop. Agrícola Mista Rondon Ltda.; Itapemirim; Clarisse Gressler Groenendal; Sanbra — Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A.; Proequipe — Propaganda e Promoções Ltda.; Portal Publicidade S.A.; Mercur Publicidade; Serifortes — Serigrafia, Tipografia e Representações Ltda.; Distribuidora Dominique, Santa Maria; Bibliotecárias e Estagiárias da FBC; Clecy; Altino Rodrigues Dantas Júnior, PPS — Projeto e Processamento de Sistema S.A.; Carlos Castro; Walmor Franke, Rádio e Televisão Difusora.

Onde estão?

Li com interesse a emocionante reportagem-entrevista do coronel Cardim e sargento Alberi sobre o episódio da guerrilha que encabeçaram no Sul do país, em 1965.

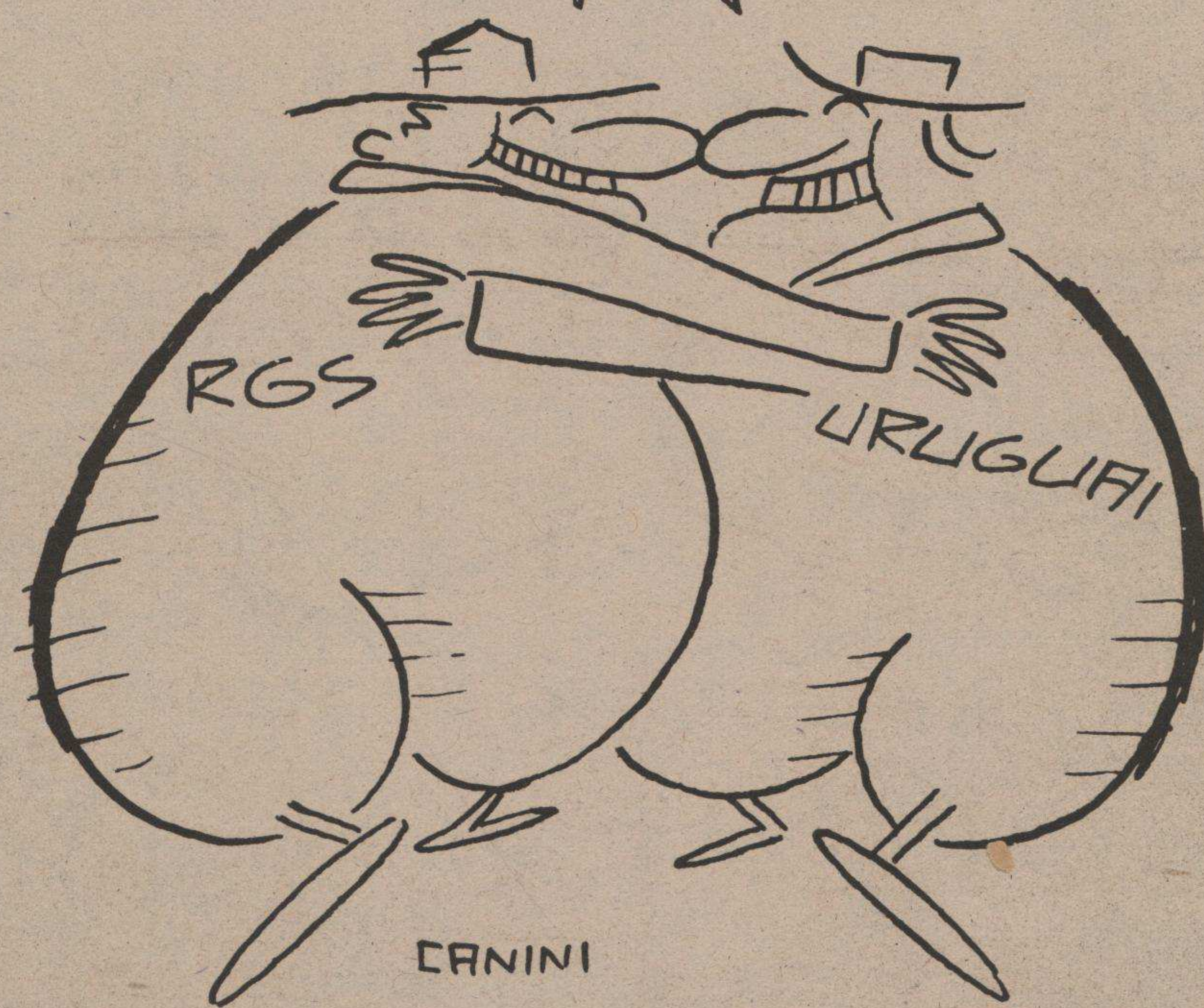
Ao pé da notícia foram citados os nomes dos principais personagens envolvidos no processo militar e sua situação atual. Acho, porém, que, para ser completa, a reportagem deveria informar onde estão e o que fazem atualmente os militares que praticaram as torturas, desonrando a farda do Exército Brasileiro.

Araldo G. Bauer, Porto Alegre, RS.

Ótimo

Ótimo o número extra do *Coojornal* sobre a situação atual no Uruguai e muito bem-divulgada a notícia do drama que a família Collares Irazoqui vem sofrendo com a prisão, pelas Fuerzas Conjuntas

SEQUESTROS, SEQUESTROS...
FUTEBOL A PARTE.



Uruguayas, do brasileiro Haroldo, meu sobrinho. Os nossos parabéns ao repórter e os agradecimentos da família Collares.

Severino Collares, Bagé, RS

“O estarecedor episódio do seqüestro...”

O estarecedor episódio do seqüestro do casal uruguio bem justifica a denominação “gigante de coleira no pescoço”, que é usada na Europa, em relação à ditadura vigente no País.

Em nome do conceito de “segurança”, comete-se os mais nefandos crimes e violações aos direitos humanos, contando com a conivência dos “altos escalões”.

Mas, uma breve análise das personalidades dos indivíduos que estão à testa do Ministério da Justiça e das Relações Exteriores, logo evidencia a coloração ideológica do sistema dominante, que é de todos conhecida.

O Ministro da Justiça nunca reuniu o Conselho de Defesa dos Direitos Humanos, foi o autor da famigerada lei que leva seu nome, teve feroz atuação na Censura e exerceu outras atividades expúrias e antidemocráticas.

O bem-falante Ministro das Relações Exteriores vota na ONU a favor dos países violadores dos direitos humanos, como Argentina, Chile e Uruguai, sempre condenados nas assembléias daquele organismo, mas que sempre contam com a solidariedade do Brasil, que lhes segue as pegadas em termos de violação dos referidos direitos.

Por outro lado, do mal-cheiroso DOPS do Rio Grande do Sul, onde pululam discípulos de Fleury, tudo se pode esperar em matéria de violação dos direitos humanos.

Ao que consta, não se ouviu de nenhum membro da bancada federal do MDB, qualquer condenação ao ato nefando, mesmo porque a mesma se compõe de cerca de 70% de eunucos, alguns dos quais, felizmente, não conseguiram reeleição.

Está na hora de ser concedida uma medalha a “Didi Pedalada”, idêntica à com que foram obsequiados alguns elementos por seus atos em favor da “segurança”.

Adacy Martins de Souza, Cachoeira do Sul, RS

“O trabalhador não quer esmola”

Ninguém desconhece a repercussão que teve, a nível nacional, a campanha para recolher fundos a serem utilizados em favor dos carentes. A força maior veio com o lançamento do Ano Internacional da Criança.

Olhando a questão sob o ângulo de necessidades tremendamente imediatas e inadiáveis, é possível aceitar tal campanha, se não ocorresse distorções. Mas o que se observa é que quase todas as pessoas dão uma dimensão muito grande a este tipo de ação, iludindo-se quanto ao alcance desta campanha pois, como se sabe, ela fica somente no assistencialismo.

Ora, se esta prática resolvesse alguma coisa, nós já teríamos notado, pois assistencialismo é feito há muitos anos e o problema cruceiro continua aumentando: o empobrecimento crescente das populações periféricas, em sua maioria operários. E isto acontece quando se sabe que o motivo da existência cada vez maior de um grande número de carentes é por demais conhecido.

O trabalhador não quer esmola, mas sim participação igualitária na solução de questões políticas, econômicas e sociais. Dar esmola é relegar a classe trabalhadora à condição de eternos carentes, sempre com o chapéu na mão, esperando que os “bons de coração” lhes alcancem algo, que na realidade lhes foi roubado. Não é esta a condição que desejo aos meus companheiros, pois ela é humilhante.

O que desejo ardentemente é ver os operários decidindo e conduzindo esta Nação para o grande acerto. Neste momento estarão cumprindo com sua tarefa maior.

Cabe, neste momento, denunciar formas paliativas e demagógicas que na realidade só somam para os responsáveis por uma situação que se agrava e que exige soluções definitivas e conseqüentes.

Nelson Edi G. Sá, Novo Hamburgo, RS

“Cadê a Segurança Nacional?”

A “quarta parte nova”, descrita pelo imortal Camões, nos Lusíadas, parece predestinada a ser palco de regimes “sustentados na ponta das baionetas”.

O Uruguai, outrora cognominado de “a Suíça Sul-Americana”, desponta hoje, segundo a própria ONU, como um dos maiores, senão o maior violador dos direitos fundamentais do homem.

Nessa republiqueta encravada no cone sul do continente, são cometidas todas as espécies imaginadas de torturas. Inclusive com a utilização da prática da Medicina.

O País é governado por um Conselho Supremo da Nação, composto de 21 oficiais gerais e cinco civis, que colocou na presidência o advogado Aparício Mendez, simples marionete nas mãos do seu dono.

O êxodo da população é enorme. Calcula-se que entre 250 a 500 mil uruguaios tenham deixado sua pátria, no último ano.

A pretexto de combaterem os tupa-

maros — grupo guerrilheiro de extrema-esquerda — os militares transformaram o País num dos principais focos de tensão do continente.

As prisões políticas estão abarrotadas. A lavoura está quase deserta. O País vive um processo acelerado de deterioração política. Até aí, tudo bem. São problemas de soberania, que diz respeito ao próprio Uruguai.

Mas, quando um casal e mais duas crianças são raptadas em pleno centro de Porto Alegre e ainda mais, com a cumplicidade declarada dos órgãos policiais brasileiros, então a coisa se complica.

Cadê a Segurança Nacional, copiada do modelo americano e implantada no Brasil pelos teóricos da Escola Superior de Guerra, entre eles o general Golbery? Ou será que toda essa balela é somente a segurança do próprio regime implantado em 64 e consagrado em 68, com o AI-5?

Isto para não deixarmos de citar ainda a estúpida prisão da brasileira Flávia Schilling, que mesmo com a saúde débil é obrigada a permanecer prisioneira, sendo obrigada a pagar, inclusive, sua hospedagem, como se estivesse ali por sua livre e espontânea vontade.

O Governo Uruguio faz pouco caso da opinião pública brasileira. E o Brasil faz também o mesmo jogo dos depredadores de um dos mais belos ideais humanos: a liberdade.

Os tempos são chegados.

O povo heróico se agiganta.

Raymund Lung, Brasília, DF

Amazônia

No número 34 do *Coojornal* saiu uma matéria sobre um relatório de uma comissão de multinacionais, indicadas pela FAO, que percorreu a Amazônia. Sou correspondente em Belém do Estado de S. Paulo e tenho imenso interesse em ter acesso à íntegra desse relatório. Gostaria de saber se vocês dispõem do documento e o que eu poderia fazer para ter acesso a ele.

Lúcio Flávio Pinto, Belém, PA

Nota da Redação: Estamos encaminhando as informações ao companheiro.

“E quem crucificaria Rex Humbard?”

Já me referi num artigo ao bem-sucedido empresário Rex Humbard, autodenominado pastor — na verdade, pastor no vídeo de um novo símbolo que quer derrubar o da cruz: a imensa torre de transmissão.

É que os programas religiosos no rádio e TV se transformaram num grande negócio, uma indústria que cresce rapidamente, gera milhares de empregos e centenas de milhões de dólares. E recebem mais dinheiro do que o necessário: arrecadam 250 milhões de dólares e gastam apenas 80 por ano. Sobram 170 milhões para ternos novos, Boeings e Electras brancos, férias maravilhosas e quejandos.

No Brasil, nossos subdesenvolvidos pastores são obrigados a ter duas ou três profissões para completarem um apertado orçamento doméstico, enquanto as coletas, que os sustentariam, vão, por via aérea e sem qualquer participação do nosso Governo na remessa de lucros, para os gordos cofres de países ricos. Água corre para o mar...

Ainda vou escrever o *Manual do Arcebispo*, livreto em que darei as regras básicas para se ascender rapidamente e fazer carreira brilhante na Igreja: basta fazer de conta que os problemas não existem, sorrir amavelmente para gregos e troianos, ser apolítico (leia-se, prestigiar sempre quem estiver no poder, sem entrar no mérito se é comunista, nazista ou capitalista).

Isto é uma cínica deturpação do Evangelho de Cristo — que acabou crucificado. Mas quem crucificaria estes galãs da TV e do rádio? Quem está no poder político os adora, pois eles dão circo para as massas e as entorpecem para que não pensem nos seus verdadeiros problemas.

Pastor Roberto Vicente T. Lessa, São Paulo, SP

Nota — As cartas para a redação devem conter nome e endereço completo do remetente para que sejam publicadas.

Pensa que o milagre brasileiro continua/ Joga cana fora na sua usina/
Mandou fazer um hipódromo só para os seus cavalos/ Podre de rico/
Nas bodas de ouro, a champanha jorrava do chafariz da fazenda/
Deve 6 bi/ Amigo da linha dura/ Rei do café/ Rei do açúcar

ATALLA

O milagre em pessoa

Ficha técnica de J. W. Atalla

(Não confundir com J.J. Abdalla e Lutfalla)
Natural de Jaú, SP

Idade: 50 anos sem juros nem correção monetária

Curso: Engenharia do petróleo, nos EUA

Cargos: presidente da Copersucar, da Associação dos Usineiros de SP, do Sindicato da Indústria do Açúcar de SP e do Sindicato da Indústria do Alcool de SP

Condecorações: Grã-Cruz, grau master da Liga de Estímulo ao Milagre Brasileiro (LEMBRAS)

Benemérito da Ordem da Linha Dura (OLD)

Religião: Capitalismo com Crescimento Acelerado

Sinais particulares: ambição, megalomania, mão aberta com os dedos duros

Hobbies: empinar papagaios no BB, colecionar dividas e carros de corrida alheios, de preferência dos irmãos Fittipaldi

Vícios: não fuma, não bebe e não joga, exceto na baixa

Esportes que pratica: caça aos comunistas equitação (trabalha feito cavalo), pesca em águas turvas, natação, especializado em nado de costas em mar de lama, surfe, no mercado financeiro livre

Obras Publicadas: "Como fazer amigos poderosos e influenciar autoridades", "A arte de subir na vida com financiamentos públicos"

A Publicar: "Se me negarem empréstimo, conto tudo sobre a Oban"

O caso Atalla, que não acabou e ainda vai longe, é o seguinte: o homem encheu demais a boca e se engasgou, não pôde engolir. Em vez de ir para o hospital, ou seja, para os cartórios onde vão parar em concordata os empresários endividados, Atalla pegou um avião e foi direto ao *pronto-socorro* de Brasília, isto é, os financiamentos do Banco do Brasil.

"Desse jeito, até eu sou empresário", comentou um industrial de São Paulo, irritado com as facilidades encontradas por Atalla junto ao Governo Federal. A verdade é que Atalla tem patrimônio para pagar suas dividas de 6 bilhões de cruzeiros.

Possui 106 mil hectares de terras de boa qualidade em São Paulo, Paraná e Minas, tudo cultivado com café, cana e pastagens, três usinas de açúcar, 45 mil cabeças de gado, Neloré e Santa Gertrudis, uma indústria petroquímica na Bahia, uma fábrica de produtos farmacêuticos em São Paulo, uma indústria de calcário e mármore em Brasília, uma mineradora, uma fábrica de café solúvel e uma exportadora de café, além de imóveis, um jato executivo, cinco aviões a motor e um helicóptero. Sem contar o que tem na Amazônia.

O próprio Atalla avaliou seu patrimônio em quase 1,3 bilhão de dólares (27 bilhões de cruzeiros), numa entrevista que deu à revista norte-americana *Fortune*, em julho de 1977. Mas como se desconfia de que aquilo era mais uma ficha cadastral do que uma reportagem, portanto Atalla exagerou, convém reduzir um pouco a avaliação, baixando para a metade. Ainda assim, Atalla é podre de rico.

Como ele conseguiu tudo isso? Bom, Jorge Wolney Atalla, 50 anos de idade, engenheiro, é inteligente, simpático, bem relacionado.



Jorge Wolney Atalla: a personificação do "milagre" brasileiro

DINHEIRO DA COPERSUCAR

Filho de um médico do interior paulista, Atalla estudou nos Estados Unidos, onde se formou em engenharia petrolífera. Em 1954, como primeiro técnico brasileiro nessa especialidade, ajudou a construir as refinarias de petróleo da Petrobrás em Capuava e Cubatão, no estado de São Paulo. Foi onde conheceu o então coronel Ernesto Geisel, de quem se diz amigo até hoje.

Trabalhou na Petrobrás até 1960, quando assumiu a direção dos negócios da família. Tinha 31 anos de idade e ambição de subir na vida a qualquer preço. O primeiro negócio de que tomou conta foi uma usina de açúcar semifalida em Jaú, a 200 quilômetros de São Paulo. Simultaneamente, era secretário da Copersucar, fundada em 1959.

Ninguém nega que Atalla foi o grande dinamismo da Copersucar, da qual ainda é o principal dirigente, acumulando os cargos de superintendente e presidente. Mas muita gente diz que, sem a Copersucar, os negócios de Atalla não teriam crescido tão depressa.

Uma das acusações mais sérias que lhe fazem é a de ter saneado a sua primeira usina, denominada Varjão, com dinheiro da Copersucar, sem prestar contas aos as-

sociados e sem pagar juros ou correção monetária. Embora a acusação já tenha sido feita publicamente, nunca houve qualquer prova, principalmente porque Atalla se nega a abrir o departamento de finanças da Copersucar para uma auditoria dos associados.

Vários usineiros já deixaram a Copersucar porque Atalla não permite verificação nas contas. Desde 1970, quase todos os anos, algum associado da Copersucar briga com Atalla por causa das contas da cooperativa. O homem não deu a chave do cofre nem para o Banco Central, que andou pressionando a Copersucar em 1972.

TRÂNSITO FÁCIL

Apesar de criticado por alguns usineiros paulistas, Atalla é um líder de classe. Além da Copersucar, preside a Associação dos Usineiros de São Paulo, o Sindicato da Indústria do Açúcar e o Sindicato da Indústria do Alcool. Nunca uma pessoa concentrou tanto poder entre os empresários do ramo açucareiro, que tem seu forte em São Paulo.

Com tantos cargos na mão, é claro que Atalla transita facilmente entre autoridades federais, arrancando favores, conseguindo empréstimos especiais para comprar outras empresas. Na verdade, porém, Atalla já

não influi como antes, pois a linha dura com a qual se identifica politicamente perdeu muito espaço no poder, nos últimos anos.

A queda de Silvio Frota, o enfraquecimento do aparelho de repressão militar, a aposentadoria de generais linha dura como Humberto de Souza Mello e a própria abertura política deixaram Atalla um pouco perdido nos círculos do poder. Atualmente, muitos tecnocratas conscientes do papel de Atalla não movem uma palha para ajudá-lo, antes procuram criar obstáculos à sua ambição.

Ambição, taí a principal marca de Atalla. Os que o conhecem acreditam que, independente do seu reacionarismo político, Atalla se complicou por excesso de ambição, ao levar às últimas conseqüências o seu sonho de grandeza de ser maior do que os reis do café e os reis do açúcar de São Paulo de ontem e de hoje.

Ele diz que possui 12,5 milhões de cafeeiros, o que não é pouco, e produz pelo menos 4 milhões de sacas de açúcar por ano, o que representa uns 7% a 8% da produção paulista. Assim, pode ser chamado de rei do café e rei do açúcar, mas seu título mais merecido é de rei da pindura. Pois foi sempre através de financiamentos baratos que ele construiu seu império de caricatura. "Atalla é o próprio símbolo do 'milagre' brasileiro", diz um economista da Universidade de São Paulo. "Aproveitou-se com inigualável habilidade do ufanismo do sistema, a ponto de transformar-se numa expressão completa e acabada desse capitalismo brasileiro que não sabe caminhar sem as muletas do arbitrio e os créditos do regime".

Um industrial paulista que há alguns anos realizou negócios com Atalla diz o seguinte: "Acho que ele perdeu o senso de medida. Quando um sujeito cresce muito rápido, pensa que pode encontrar as mesmas facilidades para o resto da vida. Lembra-se de quando Atalla pediu 420 milhões de cruzeiros ao Banco do Brasil e ofereceu como garantia a sua assinatura? Isso é típico do cara que saiu da realidade."

"EU CONTO TUDO"

O pedido de 420 milhões de cruzeiros, feito em 1977, foi negado. No Banco do Brasil, aconselharam Atalla a vender algumas empresas para melhorar as suas condições financeiras. Ele não deu ouvidos, achou que o Governo tinha obrigação de continuar emprestando tanto quanto quisesse e precisasse.

Como o Governo continuou negando o empréstimo, Atalla queixou-se publicamente de "discriminação". Privadamente, junto a alguns amigos, afirmou que, se o Governo continuasse com essa história de não ajudá-lo a resolver sua crise financeira, "contaria tudo o que sabe" a respeito das atividades da Oban (Operação Bandeirantes), órgão de repressão política, hoje extinto, que entre 1968 e 1973 foi financiado por diversos empresários, inclusive e principalmente Atalla.

Atalla está empenhado no Instituto do Açúcar e do Alcool, órgão do Ministério da Indústria e do Comércio, no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal (que lhe emprestou dinheiro do PIS), no BNDE, no Banco de Desenvolvimento do Paraná, no Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, no Banco do Estado de São Paulo e, com somas menores, em alguns bancos particulares. Deve dentro e fora do país, pois agências do BB no exterior andaram lhe emprestando dinheiro.

O fato de possuir dívidas não constitui novidade, pois no Brasil os empresários se acostumaram a operar com um nível de endividamento elevado (a média do endividamento das empresas brasileiras é atualmente de 60%, ou seja, de cada 100 cruzeiros possuídos, 60 estão empenhados nos bancos).

Mas o caso de Atalla é especial. Primeiro, porque construiu seu patrimônio com recursos públicos emprestados em condições especiais. No açúcar e no café, onde tem suas atividades mais importantes, há financiamentos especialíssimos aprovados pelo Instituto do Açúcar e do Alcool e o Instituto Brasileiro do Café. Principalmente no IAA, as facilidades concedidas aos usineiros são tão grandes que nunca se sabe se o tomador de dinheiro está sendo financiado normalmente ou **socorrido** extraordinariamente.

Quanto a Atalla, um vizinho de suas fazendas informa que há cerca de oito anos ele vem sendo **socorrido**. Mas a rigor ninguém liga para este detalhe, pois **socorrer** empresas deficitárias virou costume no Brasil. Em segundo lugar, o caso Atalla se tornou grave porque ele entrou num processo megalomaniaco de crescimento superior à sua própria capacidade, que não é pequena. Encheu demasiado o saco e não pode carregar. Encheu a boca e se engasgou.

ALGUMAS LIÇÕES

O paralelismo entre a situação do empresário Jorge Wolney Atalla e o modelo econômico brasileiro pode encerrar algumas lições. Como o Brasil, Atalla acelerou na idéia de um crescimento acelerado e endividou-se além da conta para virar potência econômica. A semelhança do Brasil, Atalla é deslumbrado por tecnologias sofisticadas, tanto que importou da França e da Alemanha uma usina de açúcar, mesmo sabendo que o Brasil não apenas fábrica como exporta equipamentos da indústria açucareira. Além de pagar caro por essa sofisticação desnecessária e nociva, Atalla vem jogando cana fora porque não consegue operar a usina estrangeira com a eficiência adequada. Endividamento e sofisticação, eis a origem da sua crise.

A exemplo do Brasil, Atalla andou fazendo uma série de coisas exageradas. Além da usina, importou técnicos estran-

geiros pagos em dólar. Deu emprego para portugueses, angolanos e moçambicanos que vieram para o Brasil após a Revolução de 1974 em Portugal. Em 1975, que seria o primeiro ano de operação da nova Usina de Porecatu (PR), "a maior do mundo", comprou 39 colhedoras de cana, que hoje custam 1,7 milhão de cruzeiros cada uma, dispensando mão-de-obra abundante na região. Em vez de transportar cana da lavoura para a usina com caminhões pequenos e maleáveis movidos a álcool, como costumam fazer várias usinas brasileiras, comprou um lote de jamantas Scania diesel que mal conseguem manobrar no meio dos canaviais. "Coisa de novo rico deslumbrado, não é mesmo?", comenta um usineiro paulista, racional e pão-duro como a maioria dos usineiros paulistas.

ESTÁDIO DE LEILÕES

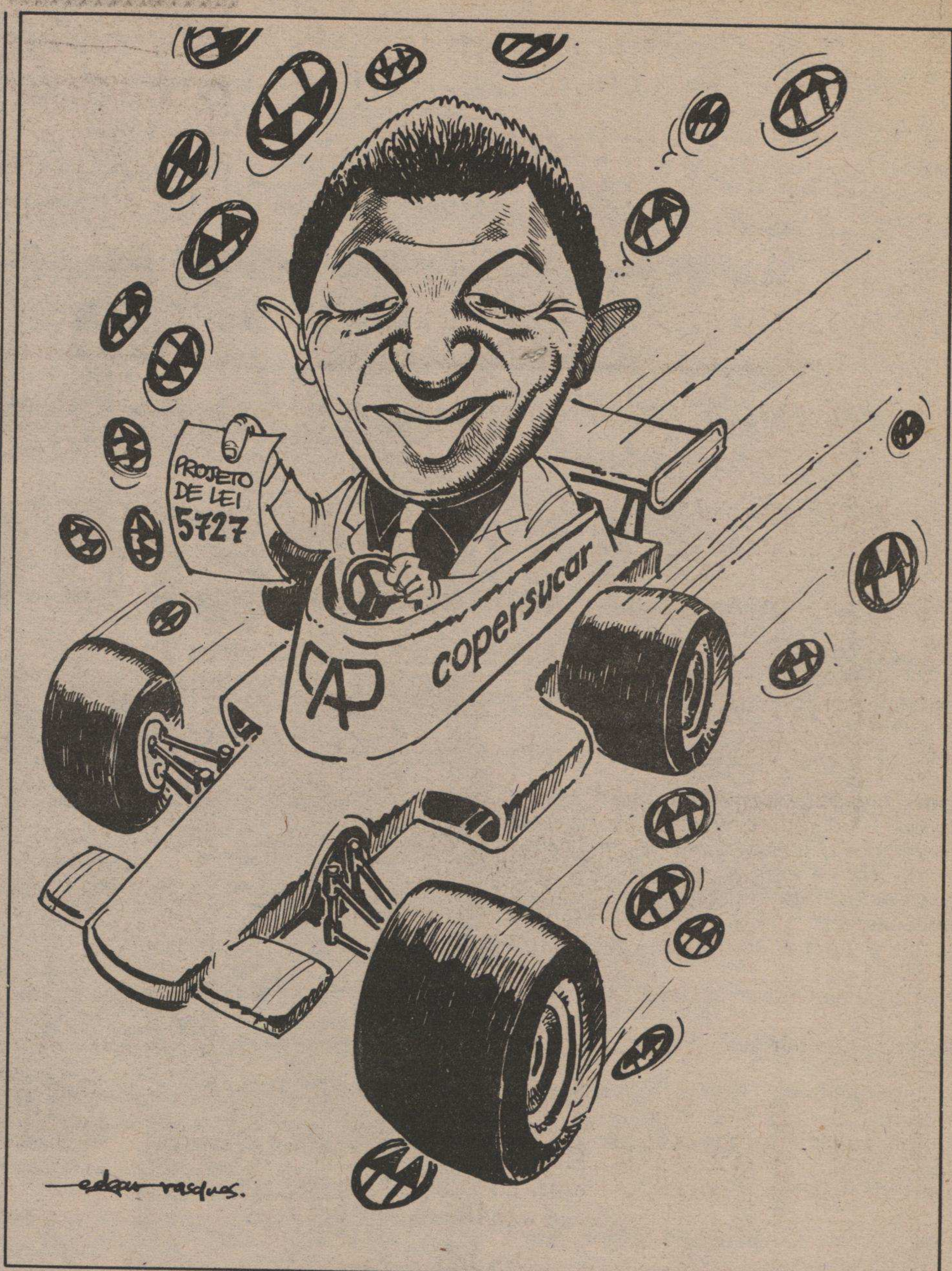
Em outros setores, Atalla também aderiu à sofisticação. Muita gente pensa que suas lavouras de café são vistosas e tocadas com técnica **adiantada**. Um vizinho dele em Jaú, no entanto, afirma que a produtividade dos cafezais de Atalla é baixa devido ao sistema exageradamente sofisticado. "O sistema Atalla funciona na indústria ou em empresas cheias de dinheiro como a Petrobrás, mas não é adequado na agricultura, que exige um grande controle de custos", diz o seu vizinho. Além da sofisticação, outro problema de Atalla é o tamanho exagerado de suas propriedades, que dificultam o controle e seguem o mesmo destino dos latifúndios, isto é, produtividade inferior à das propriedades pequenas e médias, mais bem cuidadas.

Um exemplo do sistema Atalla é que, para vender gado e fazer fama, ele construiu um estádio de leilões com 1000 lugares em Jaú. E para vender os cavalos quarto-de-milha que cria, construiu um hipódromo também em Jaú.

Por tudo isso, não é de duvidar da história de que, há cerca de dois anos, na festa de bodas de ouro de seus pais, na Fazenda Bananal, em Jaú, ele mandou construir um chafariz de onde jorrava champanhe francês.

Como diz um ex-funcionário seu, "Atalla é a personificação do 'milagre' econômico brasileiro".

NOÉ MESQUITA — São Paulo



Todas as cooperativas contra a Copersucar

A Copersucar lutou tanto, forçou tanto, negociou tanto, que está quase conseguindo: a legislação brasileira sobre o Cooperativismo pode mudar apenas para beneficiar este grande grupo econômico.

A lei brasileira (nº 5.764, de 1971) disciplina as cooperativas no Brasil dentro de normas universalmente consagradas — a primeira delas é de que esta é uma sociedade de pessoas físicas que trabalham em conjunto para fastar o intermediário.

Pois, em 71, com esta lei, a Copersucar, que reúne os grandes industriais usineiros e não admite a associação do produtor de cana, perdeu a condição de cooperativa e deveria ter-se transformado no que sempre foi — uma sociedade anônima. Mas desde então a empresa tentou, de todas as maneiras, ser reconhecida como cooperativa.

A última estocada foi dada em novembro do ano passado. No fim do período legislativo entrou no Congresso um projeto de lei do Executivo para ser examinado em regime de urgência (deve ser votado até 22 de março) e que ajeita a situação da Copersucar. É o projeto 5.727, que autoriza a formação de cooperativas de produtores de açúcar e muda normas substanciais da doutrina cooperativista.

Se aprovado, o projeto alterará substancialmente o seguinte:

1. Princípio da adesão: qualquer pessoa pode ingressar e sair da cooperativa no momento que quiser. Na Copersucar, não é admitido o ingresso do produtor de cana; ela só pertence aos usineiros.
2. Economia: a cooperativa não visa o lucro, mas prestar serviços a seus associados; a Copersucar tem a finalidade de lucro.
3. Número de associados: o mínimo exigido pela atual legislação é 20 pessoas para constituir cooperativas; o novo projeto diminui esta exigência para sete (número atual de sócios da Coperflu, outra empresa, esta de Niterói, que também seria beneficiada com o Projeto 5.727).
4. Tipo de associado: a cooperativa é

constituída por pessoas físicas, admitindo-se excepcionalmente o ingresso de pessoas jurídicas; o projeto permitirá cooperativas formadas apenas por pessoas jurídicas.

5. Controle democrático: no Cooperativismo, cada pessoa tem direito a um voto nas decisões em assembleia, independente do capital que tenha investido; a Copersucar, como é formada por pessoas jurídicas, continua privilegiando o capital e não o trabalho.

Exatamente porque violenta a doutrina e só beneficia poucos interessados é que este projeto do Governo provocou uma série de manifestações contrárias. No Rio Grande do Sul, presidentes de cooperativas se reuniram e decidiram desencadear uma campanha, primeiro a nível regional, que deve desembocar numa grande assembleia geral das cooperativas brasileiras, em Brasília.

A idéia é aproveitar estes episódios para esclarecer a opinião pública sobre o sistema cooperativista. O desconhecimento dos princípios do Cooperativismo, aliás, é apontado, junto com interesses econômicos, como um dos fatores que explicariam o fato de o Governo apresentar um projeto de lei como este, que favorece a Copersucar e a Coperflu.

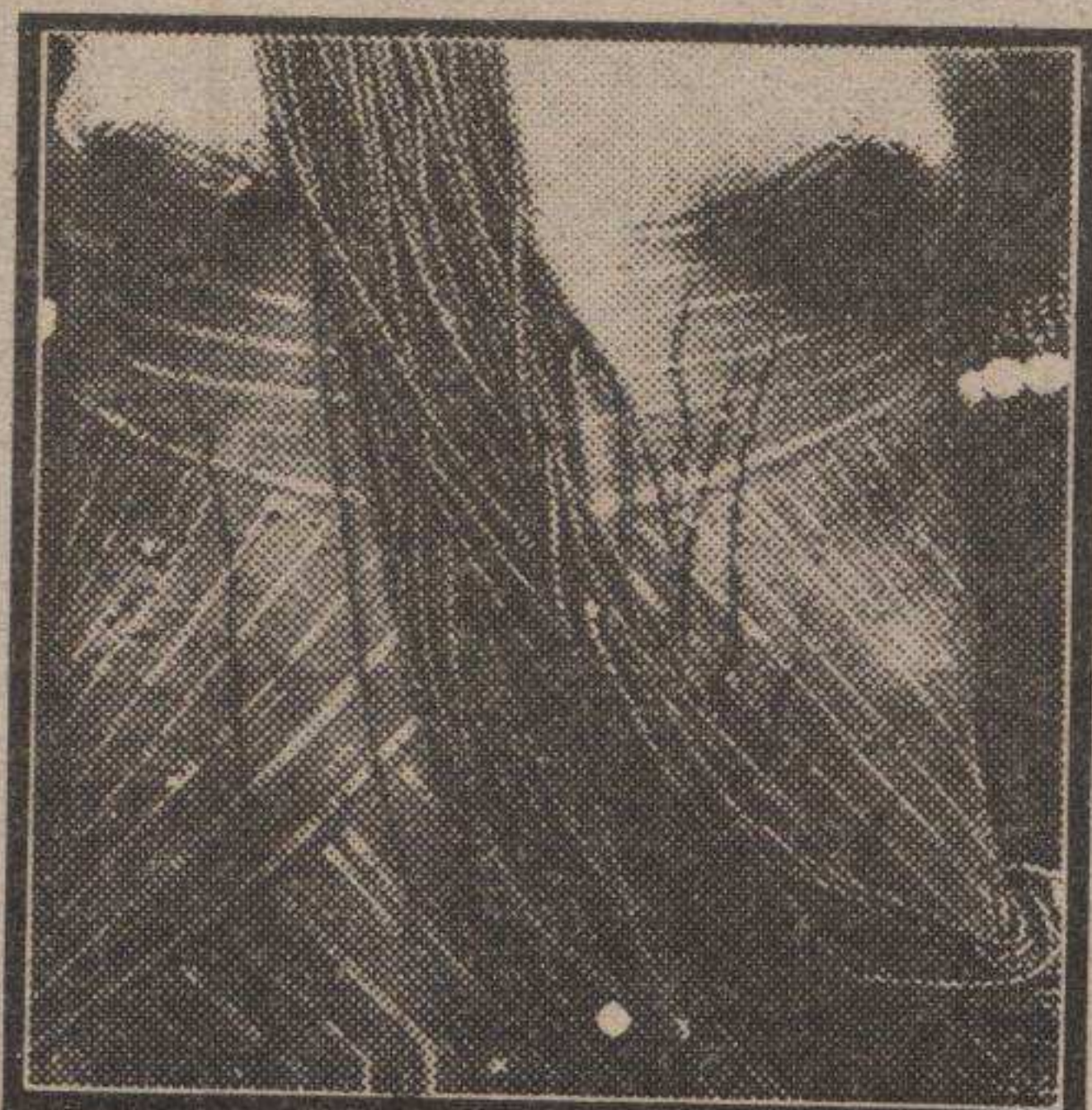
E por que uma empresa como a Copersucar quer ser cooperativa? Um dos motivos é a exportação: o Instituto do Açúcar e do Alcool só fornece quotas de exportação do produto a cooperativas. E outro é o Imposto de Renda, do qual as cooperativas são isentas porque este imposto é pago individualmente por cada um de seus associados.

Nestes meses de janeiro e fevereiro os gaúchos pretendem mobilizar as cooperativas de outros estados, o que não será muito difícil: já há movimentações em todo o país, e a própria Organização das Cooperativas Brasileiras tenta, há mais de um mês, um contato com o general Figueiredo, quando deve, forçosamente, tratar deste assunto.

José Vieira da Cunha

O índio fez arte com a índia.

Isso mesmo. Desde antes do Descobrimto eles já faziam a nossa arte, pintando-se mutuamente. Agora, através da coleção **Arte no Brasil**, você vai conhecer toda a arte visual de nossa terra. Pintura Corporal Indígena, Cerâmica, Escultura, Cestaria, Arquitetura, Pintura. **Arte no Brasil** é inédita - cerca de 2.500 fotos jamais apresentadas, textos vibrantes, informações essenciais. O lançamento dessa obra é um evento cultural exclusivamente brasileiro. Participe: peça ao jornalista o fascículo nº 1 e inicie a sua coleção.



Capa do 1º fascículo - Pintura Corporal Indígena.

Nas bancas,
a partir de
16 de janeiro.
Apenas
Cr\$ 30,00



Arte no Brasil

OLÉ!

**No senõr, no dejaremos
que la cacaca nos suba a la cabeza.**

Só porque ganhamos pelo segundo ano consecutivo o prêmio de Melhor Direção de Criação do ano, bobagem.

O Sadat ganhou o Prêmio Nobel da Paz e nem por isso saiu anunciando isto por aí.

E depois, só porque implantamos uma agência de propaganda em pleno ano internacional da crise, que nada.

Pegar touro a unha é conosco mesmo.

Só precisa molejo de cintura e reflexo rápido.

No mais, é ter um saquinho de filó para convencer algumas pessoas que nossa agência não racha comissão.

Nossa recompensa é sagrada.

Que não fazemos sexorelation: não se mistura estações.

Que não temos padrinhos nem somos afilhados de ninguém.

Que é ingenuidade associar o nome da Quadrilha com crônica policial: não tem nada a ver o fiofó com as calças.

Não somos especialistas em rififi.

O nosso negócio é um sério compromisso com a qualidade do nosso serviço.

E para manter uma postura como esta em um mercado como o nosso, aí o profissional tem que ser meio de circo.

*Tem que ser meio toureiro.
Olé.*



Quadrilha Propaganda

Teixeira de Carvalho, 55 - fone: 33-2013

Figueiredo e seus rapazes monetaristas

O ex-ministro Severo Gomes, comentando certa vez o modo como a direita e os conservadores resolvem crises econômicas agudas, saiu-se com esta fórmula exemplar: "Então, vêm os rapazes monetaristas, com um monte de livros numa mão e uma metralhadora na outra".

Concluída a montagem do ministério do general João Baptista de Figueiredo, verifica-se, pelos nomes e pela estrutura, que o próximo Presidente atribuiu-se a espinhosa tarefa de — pelo aprofundamento da abertura política — abrir mão da metralhadora, mas não da montanha de livros monetaristas que o professor Mário Henrique Simonsen traz debaixo do braço, disposto a provar que seus livros é que estão certos.

Se for isso — e se não for estamos diante de um ministério inexplicável, hipótese não de todo remota — a medida do êxito ou do fracasso do Governo Figueiredo estará na capacidade de harmonização dos braços econômico e do político-parlamentar — este, desarmado do AI-5. Além, é claro, de como a sociedade estiver disposta a receber o que vem por aí.

É certo que o professor Mário Simonsen não apenas trocou de lugar. Sua passagem da Fazenda para o Ministério do Planejamento, órgão da Presidência da República com gabinete ao lado do Presidente, representa para este Ministério nada mais, nada menos, que todos os controles da política econômica e financeira.

Simonsen, ao menos em tese, é quem dirá quem receberá o dinheiro, quanto, como e o que fazer com ele. Já começou a exercitar esse poder antes mesmo de iniciado o Governo: ele garantiu a indicação de nomes de sua absoluta confiança — de trabalho e de idéias — nas pastas da Fazenda, incuídos os Bancos Central, do Brasil e Caixa Federal; da Indústria e Comércio; e do Trabalho, caso aqui se confirme a indicação de Murilo Macedo — ex-secretário da Fazenda de São Paulo, ex-presidente do Banespa, ex-diretor do Banco Nacional.

A bem da verdade, esta última indicação é que deixou estarecidos os meios políticos de Brasília, pois a passagem de Karlos Rischbieter do Banco do Brasil para o Ministério da Fazenda é natural: ele vem trabalhando muito bem com Simonsen. João Camilo Penna, na Indústria e Comércio também faz lógica: ele foi Secretário da Fazenda do Governo Aureliano Chaves por escolha, quase imposição, do próprio Simonsen.

Mas Murilo Macedo no Trabalho? Ele saltou do Banespa para a Secretaria da Fazenda de São Paulo, há cerca de dois

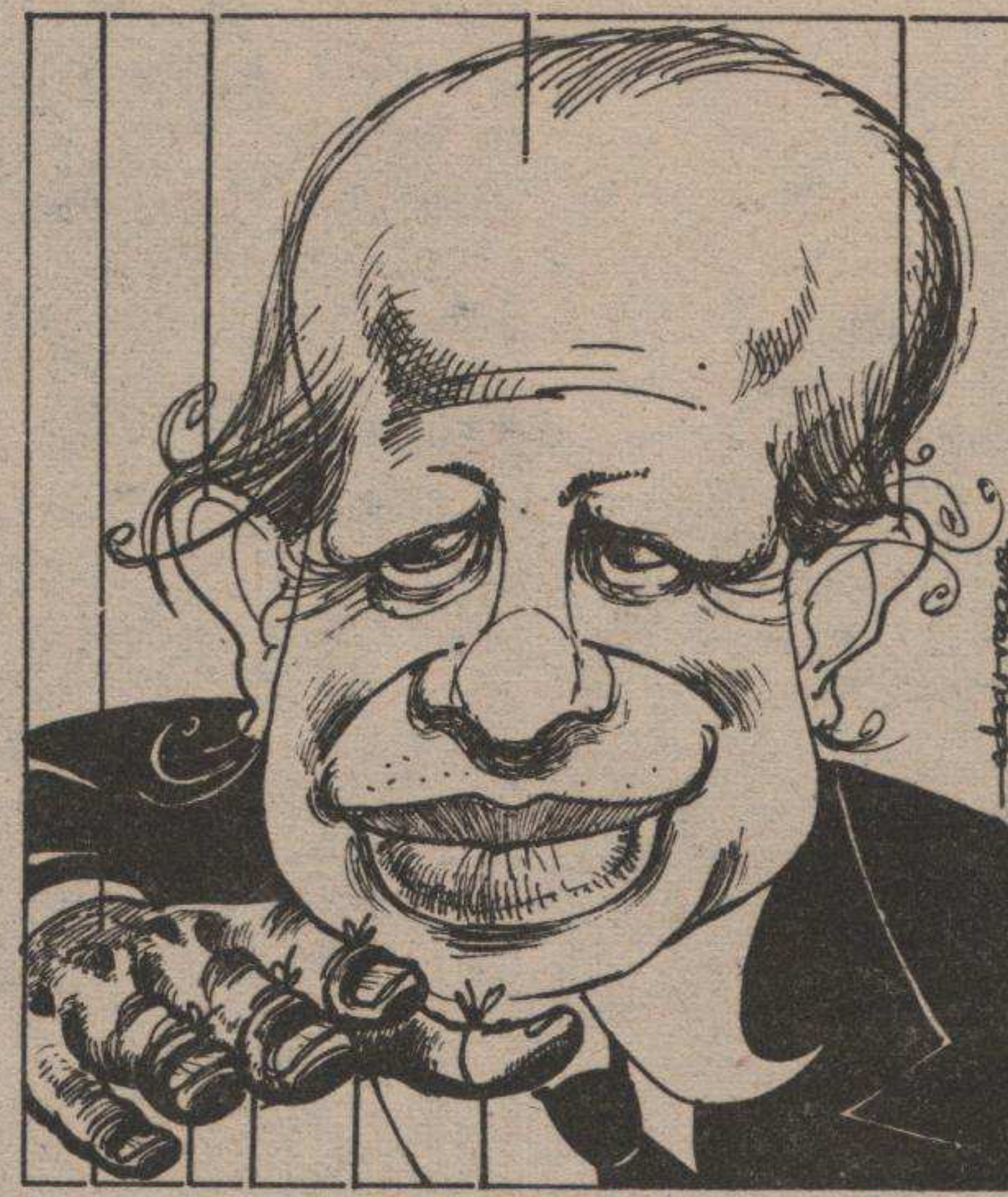
anos, depois que seu antecessor na Secretaria caiu, por ter divergido do ministro Simonsen. As divergências, procedida a mudança, acabaram. E por isso pareceu bastante natural que, aberta a corrida ministerial, Macedo fosse candidato à presidência de um dos três grandes bancos no time de Simonsen. Mas caiu-lhe nas mãos o Ministério do Trabalho, pasta que dizia-se, até então, destinada a um paulista que tivesse condições de conversar com Lula e os outros novos líderes sindicais.

Uma nova explicação, contudo, acompanhava a informação de que Macedo estava indicado. De fontes ligadas aos meios oficiais, destilava a notícia de que Simonsen teria lutado para colocar no Trabalho um homem afinado com suas idéias econômicas e com sua habilidade política, para explicá-las à classe operária, através de suas lideranças. Há aqui, naturalmente, uma coisa errada. A classe operária e suas lideranças entendem perfeitamente a política econômica e salarial do Regime. Tanto entendem que foram à greve no ano passado, com idéias precisas sobre como modificar, a seu favor, aquela política.

Donde se conclui que Macedo não vai explicar nada. Ele vai ter de vender o programa econômico de Simonsen para a classe operária; vai ter que alcançar algum tipo de acordo com as lideranças sindicais, se a intenção do Governo for mesmo a de dispensar a metralhadora.

Não se tem os detalhes do programa econômico de Simonsen, mas sabe-se que num documento encaminhado ao general Figueiredo ele escreveu que não é possível tocar um País do tamanho do nosso e com um PIB de 180 milhões de dólares, com uma inflação que, arrojando-se estatísticas, ainda passa dos 40% ao ano. Para o futuro Ministro do Planejamento, não podemos passar dos 10%. Dé modo que ele sugeriu — e Figueiredo aceitou — que os próximos dois anos devem ser dedicados ao combate prioritário e quase exclusivo à inflação. Não é difícil imaginar o desaquecimento que ele planeja.

Neste Governo do general Ernesto Geisel, o professor Simonsen vem se queixando de que não é possível conter a inflação, quando a Fazenda controla o orçamento monetário e o Ministério do Planejamento, nas mãos de Reis Velloso, controla o orçamento de investimentos. Enquanto Simonsen, de olho na inflação, enxuga a grana, Velloso, está de olho no crescimento, cujos investimentos têm extraordinários efeitos multiplicadores sobre a economia. Velloso hoje pode orgulhar-se de um "crescimento moderado" da economia, enquanto Simonsen observa de-



solado os índices de inflação. Não cabe aqui uma discussão quanto à necessidade de uma recessão, ou minirrecessão, como se passou a dizer recentemente, para conter a inflação. Importa o que Simonsen e seu pessoal acham disso; essa tese vingou e vai ser aplicada no próximo Governo.

Não se deve esquecer — de outro lado — que o professor Mário Simonsen é autor da fórmula básica de reajuste salarial. E ele sempre esteve convencido não apenas das virtudes matemáticas da fórmula, mas, também, o que é muito mais importante, de suas virtudes políticas.

Tempos atrás, antes da emergência do novo movimento sindical em São Paulo, o professor comentou acontecimentos na Alemanha Federal, onde se desenvolviam penosas e demoradas negociações salariais entre empregados e patrões, processo entremeadado de greves, num momento em que o Governo alemão combatia tenazmente a inflação. Simonsen referiu-se, então, a nossa fórmula de reajuste salarial, para comentar, entre aliviado e orgulhoso, como uma simples e precisa equação matemática eliminara graves conflitos sociais.

A história, viu-se logo, não era bem assim. A crise política que se abateu sobre o Regime, as greves operárias e as conseqüentes negociações diretas — como na Alemanha — demonstraram outra verdade: não era a milagrosa fórmula salarial que garantia a paz social, mas o AI-5 e todos os instrumentos de arbítrio, em pleno uso, que garantiam a aplicação da fórmula.

Terá o Ministro absorvido esse impacto político sobre suas equações? Terá perdido a fé nas virtudes da fórmula? Ou, ao contrário, estará pensando que foi justamente o abandono da fórmula uma causa principal da espiral inflacionária?

Traduzida em termos políticos, a questão é esta: ao novo Ministro do Trabalho estará destinada a tarefa de convencer a classe operária a aceitar a fórmula salarial, tal como foi bolada e aplicada nos anos da recuperação e do milagre? Ou ele terá a missão de negociar um pacto salarial com as lideranças sindicais?

A metralhadora e a negociação — essas, em tese, as alternativas para uma economia capitalista resolver uma crise aguda de inflação. Na porrada, para estabelecer a paz social e matemática. Ou um acordo pelo qual, em troca de certos benefícios sociais — casa, condução, médico, comida barata, tudo a preços subsidiados, naturalmente — os assalariados concordam em se autolimitar nas reivindicações salariais.

Do lado das lideranças sindicais, fortalecidas por greves de algum modo vitoriosas, não há nenhum indício de que estejam cogitando da volta das velhas fórmulas de reajuste. Sua posição não é apenas a de cimentar o caminho das negociações diretas, mas de reunir forças para influir politicamente na definição das metas econômicas.

Do lado do Governo, o programa de Simonsen ainda não está claro no que se refere a este ponto crucial das relações com operários e assalariados — concentrados justamente nos centros que inflingiram as maiores derrotas à Arena. Mas o braço político do novo Governo — a ser manejado pelo general Golbery do Couto e Silva, desde a Casa Civil, e pelo senador Petrônio Portella, do Ministério da Justiça — tem reafirmado o compromisso com o aprofundamento da abertura, o diálogo e a negociação. Não com a metralhadora. O general Figueiredo tem mesmo "estendido a mão em conciliação" — gesto que as oposições ainda observam desconfiadas, à espera do que possa vir.

Formado o Ministério, a oposição julgou ver motivos para inquietação. Pois dos homens ali relacionados, — entre eles as grandes estrelas Simonsen, Delfim Netto e Andreazza — todos da área econômica, pensam que os programas aplicados nos últimos 14 anos foram fundamentalmente corretos, não concentraram renda, não prejudicaram os assalariados, não desnacionalizaram a economia.

De outro lado, diz-se na área oficial, são homens treinados, Ministros que deram certo. Mas, deve-se acrescentar, deram certo em momentos que não precisavam negociar coisa alguma; que a sociedade não podia dizer que preferia outros livros, àqueles que os Ministros traziam debaixo do braço.

Enquanto o livro do General Olympio Mourão Filho está apreendido, Você pode ler outros bons lançamentos da L & PM Editores



A1 - O mais completo documento sobre o movimento de 31 de março de 1964. 2.ª edição. Cr\$ 250,00



A2 - Um livro corajoso e veemente. Mais denúncias contra o totalitarismo e as arbitrariedades do Governo. Cr\$ 80,00



A3 - As denúncias do pacote de abril e do brado pela volta ao estado de direito. Cr\$ 80,00



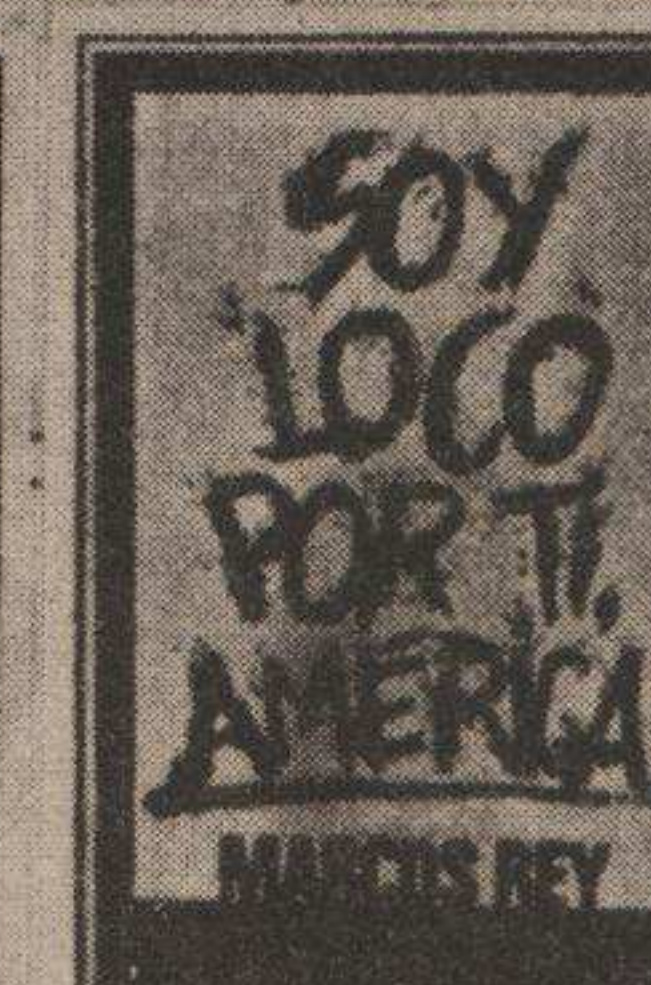
A4 - Um livro que conta os bastidores da truculenta censura à imprensa exercida em nosso país. Cr\$ 90,00



A5 - O novo romance de Josué Guimarães. A votação da emenda do divórcio é assistida na "casa" de Dona Anja. Cr\$ 120,00



A6 - Todo o humor e a ironia de Woody Allen, já em 3.ª edição. Ganador de 4 Oscars em 77. Cr\$ 100,00



A7 - Contos e novelas curtas tratando da solidão e da miséria nas grandes cidades. Um livro impressionante. Cr\$ 120,00



A8 - Uma novela sobre a noite e o submundo. Uma história urbana e personagens singulares. Cr\$ 80,00



A9 - A volta de um grande sucesso. 7 histórias de grande qualidade literária. Cr\$ 80,00



A10 - O "espírito" de Hitler para sobre os anos 70. Muito humor, numa incrível história de aventuras. Cr\$ 80,00



A11 - O mais completo quadro do humor brasileiro, com 82 dos maiores humoristas. 2 volumes. Cr\$ 90,00 cada



A12 - Humor. Cartuns sobre poluição, censura e realidade brasileira em geral. Cr\$ 70,00



A13 - O maior sucesso teatral dos últimos anos. Humor e drama em situações reais. Cr\$ 90,00



A14 - A volta do grande sucesso. Em 4.ª edição. Textos e história da liberdade através dos tempos. Cr\$ 70,00



A17 - O homem da pré-história ao seu fim. Um livro importante. Humor. Cr\$ 90,00



A18 - Rango reeditado em seus primeiros números. 240 pg. Cr\$ 70,00

Em todas as livrarias, ou pelo reembolso postal

Peço que me enviem pelo reembolso postal os seguintes livros

A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13
A14				A17	A18							

(marque com um "x" os livros desejados)

Nome.....

Endereço.....

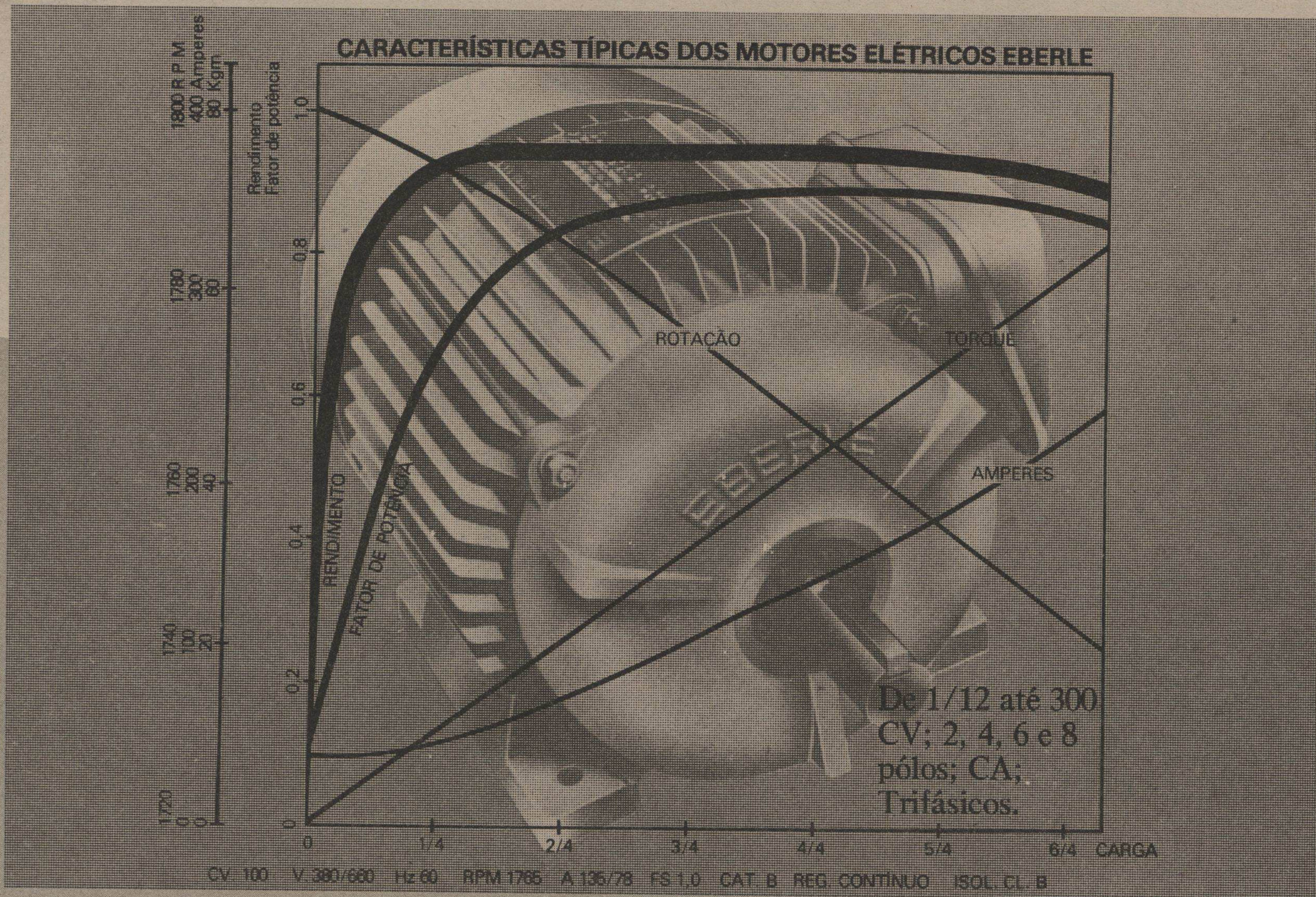
Cidade..... CEP..... Estado.....

Recorte este cupom e envie para a L&PM Editores Ltda. Rua Comendador Coruja, 372 - 90.000 - Porto Alegre - RS.

Não mande dinheiro agora

pedidos acima de Cr\$ 200,00 terão 10% de desconto

Razões e conseqüências da qualidade Eberle.



Para atingir a posição de melhor motor nacional, a Eberle precisou desenvolver importantes aspectos construtivos:

— Construção rigorosa dentro das normas e especificações da ABNT e IEC, inclusive com dimensões de acordo com os padrões exigidos no Mercado Comum Europeu.

— Torque de partida elevado, excedendo os limites mínimos normalizados.

— Escorregamento: inferior a 5%.

— Produto "rendimento x fator de potência" elevado.

— Blindagem: o único motor nacional com a classificação IP55 (Totalmente blindado contra líquidos e poeiras).

— Precisão: balanceamento dos componentes girantes entre 10 e 20 μ .

— Sobreaquecimento: Δt inferior a 80° para a classe de isolação B.

— Baixo nível de ruído assegurado pelo controle de qualidade utilizando equipamento BRÜEL e KJAER.

Como conseqüência destes índices, os motores Eberle apresentam

um desempenho superior.

Têm maior vida útil, menores custos de manutenção e consomem muito menos energia elétrica. Isto significa lucro.

Sem quebras ou interrupções.

A prova da veracidade destes dados são os dois anos de garantia sobre todos os motores Eberle.

A Eberle construiu e testou.

Você utiliza e comprova.



O CORAÇÃO DOS MELHORES EQUIPAMENTOS



EBERLE

2 anos de garantia

MATRIZ: Rua Sinimbu, 1670
CEP 95.100 - Caxias do Sul - RS
End. Teleg. EBERLE
Fone: (054) 221-2511
Telex n.º 0542-155 MAEB-BR
PORTO ALEGRE - CURITIBA
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO
BELO HORIZONTE - SALVADOR
RECIFE

Em terra de índio, os brancos é que não se entendem

Antropólogos e sertanistas em briga surda no Parque do Xingu

— Índio começa a entender que civilização não vai resolver o problema do índio. Tem sertanista, antropólogo e todos dizem gostar muito do índio. Inimigo de índio é fazendeiro, vivem dizendo. Agora, civilizado briga tanto, que tanto faz fazendeiro, antropólogo ou sertanista. Índio aqui do Xingu começa a entender isso — não deve se meter em ambição de branco...

O desabafo de Maruê, da tribo Caiabi, do parque nacional do Xingu, onde chefia o posto Diuarum, não foi simplesmente um exercício discursivo, tão comum entre os índios. O recente episódio, em dezembro último, do afastamento do antropólogo Olímpio Serra da direção do Parque, substituído pelo Sertanista Apoena Meirelles, lhe revelou o intrincado universo de luta pelo poder dos civilizados. Mesmo entre aqueles que se dizem os maiores amigos dos índios, cientistas sociais (antropólogos, etnólogos) e sertanistas.

FIDELIDADE

A demissão do antropólogo Olímpio Serra — por insubordinação, conforme foi divulgado — provocou uma avalanche de protestos contra a medida e de tão avassalador, esse protesto acabou por atingir a comunidade de 2 mil índios do Parque do Xingu. Quando Apoena Meirelles desembarcou no Parque, acompanhado dos irmãos Villas Boas, estava longe de imaginar todos os desdobramentos do episódio.

Não é novidade a Funai demitir diretores de áreas indígenas. Demissões essas que deveriam gerar protestos. O próprio Apoena Meirelles foi afastado da direção do Parque Nacional do Aripuanã, num momento que sua conduta era de absoluta fidelidade à causa indígena. Mas como ele defendia intransigentemente as terras dos índios, no Território de Rondônia, onde essa defesa é extremamente impotente, terminou demitido. Eram os tempos do Governo Médici, sem o alvoroço atual e



O contraste trazido pela civilização

não houve tanta repercussão.

Hoje, os Villas Boas encontram-se há quase três anos afastados do Xingu e poucas não foram as mudanças. Sandálias japonesas, calções Joe Frazier, gravadores, instrumentos de caça submarina e até parquinho de diversões para crianças, encontram-se instalados no Xingu. Há também um projeto para o plantio de cinco mil pés de café, na área do Parque, e diga-se, o índio só muito recentemente veio a conhecer o café, e o que é pior, detesta, pela sua própria condição de ser, qualquer tipo de monocultura.

CARAÍBA É PERIGO

O que causa perplexidade é que índios que há quatro anos — os Kren-a-Karore, por exemplo — derrubavam suas árvores para a construção de suas casas ou feitura de suas roças, com machado de pedra, agora poderão praticar sua lavoura utilizando-se de um trator de esteira.

Há 10 anos freqüente o Parque do Xingu. Na época dos Villas Boas era comum



Uma coisa os índios aprenderam: não dá pra entrar em briga de branco



Os índios, cercados pelas fazendas, querem cada vez mais armas de fogo

eu ver esses irmãos dizendo não ao índio. Às vezes até mesmo gritando, quando se tratava, por exemplo, do desejo deles irem até a BR-80, que cortou a parte norte do Parque, a mais rica e fértil de toda região.

Muitas vezes Cláudio Villas Boas, homem calmo por natureza, perdia a calma e dizia aos índios:

— Caraíba (branco) é um perigo para índio. Caraíba de estrada traz doenças, quer mulher de vocês, vai terminar invadindo a terra dos índios. Vocês têm que fugir e pôr pra fora caraíba, quando eles penetrem na área do Parque.

Hoje, quem desce no Posto Leonardo, sede do parque indígena, se depara com índios a pedir tudo. Não há moeda corrente, mas os salários já chegaram até os índios. Uma chefia de posto — e existem vários índios como o caiabi Maruê nesses cargos — ganha até 15 mil cruzeiros. E os efeitos de tal política só podem ser avaliados por quem se demora mais tempo no Xingu.

Um grande capitão, de linhagem de chefia, geralmente se recusa a aprender a língua civilizada. E essa recusa, com sen-

sibilidade, pode ser completamente entendida. Esses índios com chefias históricas, evidentemente não podem ser funcionários da Funai, encarregados de posto, o que implica em falar no rádio, receber mercadorias, brindes, registrar ocorrências, enfim toda a parafernália burocrática que envolve o processo civilizatório.

VISÃO COERENTE

Esses índios de grande linhagem, como Raoni, da tribo Txucarramãe, estão pobres, abatidos moralmente, já que os índios que ganham salários da Funai compram bicicletas para os filhos, carrinhos de pilha, compram gravadores e alguns até mesmo instrumentos de caça submarina e motor de popa de 50 HP.

Claude Levy Strauss, respeitado antropólogo, acena com uma visão coerente com os princípios dos cientistas sociais: as nações indígenas não são culturas inferiores, mas equivalentes às dos brancos, só que ambas caminharam em direções distintas.

Agora, quando se lembra que o índio vive em paz com a natureza, não conhece a propriedade privada dos meios de produção, não precisa competir ou destruir o outro — enfim, é e não vive o pânico do não ser do homem civilizado — chega-se à conclusão que ele está sendo manipulado politicamente.

Basta ler certos manifestos atribuídos a grandes chefes indígenas, para se perceber que a manipulação é visível e notória. Querem fazer com o índio brasileiro o que nos deixou a história dos Estados Unidos da América do Norte. Ocorre que são situações e estágios diferentes. E o que é pior: repete-se, mais uma vez, a macaúce da transposição colonial.

O índio brasileiro tem, como qualquer povo primitivo, um profundo sentimento pela terra — um compromisso visceral. E o Poder Executivo se comprometeu, pela lei 6.001 (Estatuto do Índio) a demarcar todas as terras indígenas, no prazo de 5 anos, a contar de 19 de dezembro de 1973, data do Estatuto. A Funai, através da grande imprensa, revelou na primeira quinzena de janeiro, que faltam ainda ser demarcadas 3 milhões e 589 mil hectares de terras indígenas.

Ou seja, até hoje nem um terço da terra dos índios brasileiros foi demarcado pela Funai!

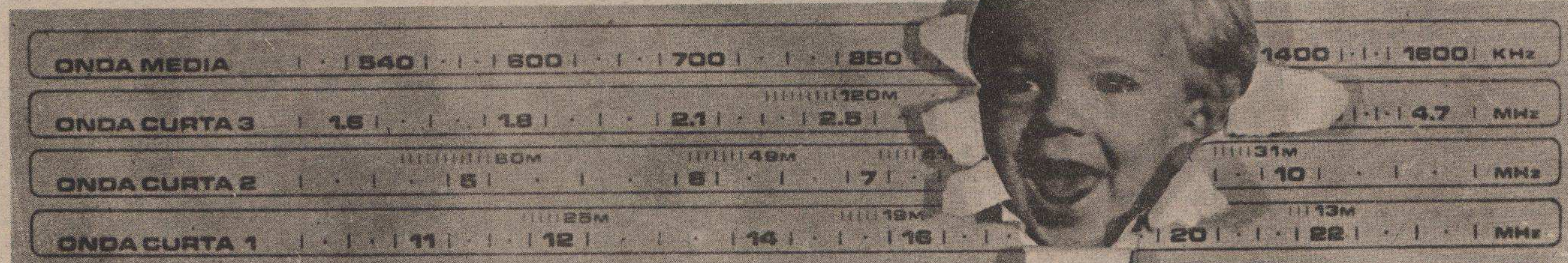
BOIS PARA SÃO PAULO

Terra não demarcada é terra exposta à cobiça de fazendeiros e grileiros que tão bem sabem manejar, através de advogados



VOZ ATIVA

Rádio Continental/Breve: 50 kilowatts



O SOM INTELIGENTE. A NOTÍCIA NA INTIMIDADE.

competentes, os instrumentos legais de ocupação. Enquanto antropólogos e sertanistas fazem uma briga surda — e que nem por isso deixa de ser briga —, as terras dos índios vivem a ameaça de uma falsa emancipação. E têm suas reservas invadidas conforme nos mostram os índios Surui, em Rondônia, e o Parque Indígena do Pantanal é desativado, sem gerar qualquer protesto. Um parque inteiro — um dos quatro existentes no País — o da Ilha de Bananal, onde vivem os Carajás e os Javaé, é desativado e não há grita. As terras desse ex-parque há algum tempo só servem para engorda de bois, que são mais tarde abatidos em São Paulo, procedentes de Mato Grosso.

A BR-80, um dos braços da rodovia Cuiabá-Santarém, cortou o Norte do Parque do Xingu, retirando-lhe na ocasião do Governo Médici, cerca de 8 mil quilômetros quadrados. Era a faixa mais rica onde viviam os Txucarramãe. E a rodovia podia ter poupado o parque, bastando que contornasse a Cachoeira Von Martius. Mas havia interesses poderosos, ela foi construída e inaugurada.

A estrada hoje encontra-se abandonada, e em conversa com o barqueiro que faz a travessia dos veículos, na altura em que ela corta o Rio Xingu, ele informa a total paralisação da rodovia:

— Pela danada dessa estradona só passa mosquito. Carro aqui é uma vez por mês e olhe lá...

A estrada não tem nenhuma razão de ser, econômica, e quem a percorre são os caçadores excêntricos, principalmente paulistas. Os índios dos caciques Kremuro e Krumari, e também Raoni, não gostam. Vez por outra desapropriam um barco, uma arma qualquer em poder dos caçadores.

Era a hora de questionar o custo dessa estrada e a sua razão de ser. Esta é realmente uma questão estimulante e pertinente ao índio.

ÍNDIO MANIPULADO

O sertanista Apoena Meirelles não se assustou, entretanto, com a grita contra a demissão de seu antecessor. Ele diz:

— Se tivesse notado no índio realmente uma disposição para o retorno do Olímpio Serra e mais, se tivesse percebido hostilidade real a minha pessoa, não caberia aceitar de forma alguma essa função. Na verdade, o que constatei foi um índio manipulado, perguntando pelo número de Xavantes, que meu pai (NR: sertanista Francisco Meirelles), teria assassinado, se eu iria perseguir as mulheres do Xingu e outras vilanias assim.

Durante uma viagem de 15 dias em que percorremos praticamente todas as aldeias do Parque Nacional do Xingu, a única dificuldade que encontramos — Apoena Meirelles, o sertanista José Bel, seu ajudante e eu — foi na aldeia dos índios Mkrangonitire, no Rio Jarina. Em todas as aldeias Apoena recebia muitos presentes, principalmente bordunas, cocar e lanças. Mas nessa aldeia do Rio Jarina, cuja pureza cultural é muito visível, não levamos presentes para as mulheres. O resultado foi que permanecemos mais de dois dias sem comer, já que as mulheres não permitiram que os homens nos cedessem uma galinha para prosseguirmos viagem.

A nossa única alternativa foi trocar minha bolsa de fotógrafo por uma franguinha de umas 600 gramas, a ser dividida pela fome de dois sertanistas, um repórter e mais um índio Txucarramãe, de mais 1,80 m de altura.

Aceito pelos índios, Apoena Meirelles já anunciou os três pontos básicos de seu trabalho como novo diretor do Parque Nacional do Xingu: saúde, terra e fortalecimento das lideranças naturais. No parque vivem hoje 1.500 índios e Apoena pretende restaurar a harmonia da comunidade fortalecendo os velhos capitães:

— Com os índios chefes de posto discutiremos os problemas administrativos. Os problemas de terras, distribuição de brindes, as questões que envolvem a aldeia, discutiremos com os líderes autênticos, os verdadeiros capitães.

E ao começar o seu trabalho, Apoena deixa claro o que pensa a respeito do capítulo do Estatuto do Índio a ser regulamentado e que prevê a sua emancipação:

— Sou contra a emancipação. No Brasil 110 milhões de brasileiros também são tutelados, pois não podem eleger seus principais governantes!

Edilson Martins

ALTO PODER AQUISITIVO



Se o produto ou serviço que sua empresa vende é destinado ao público classe "A", utilize uma emissora que convive com a classe "A" nas 24 hs. do dia.

RADIO UNIVERSAL FM STEREO

Peça sem compromisso a presença de nosso contato pelos fones: 23.80.11 ou 23.07.53 e multiplique suas vendas na classe "A".

Estão murchos os cravos de abril?

LISBOA — Os cravos vermelhos já não florescem como antigamente nos jardins da jovem democracia portuguesa. Quem foi testemunha daquela euforia liberalizante dos anos 74/75, terá direito a algumas apreensões sobre o futuro da revolução que, no dia 25 de abril de 1974, sob o comando de alguns capitães e com maciço apoio popular, em apenas nove horas, deu fim a uma ditadura fascista que já se arrastava por 42 anos.

Logo depois do 25 de abril, a maior vergonha que poderia haver em Portugal era ter ligações com o fascismo. Quem as tinha, procurava sepultá-las ou então aderir plenamente ao novo regime, cortando os velhos laços.

Nos últimos tempos, entretanto, a situação vai mudando pouco a pouco. A divisão existente nas forças mais democráticas, que sustentaram politicamente a revolução portuguesa, — e especialmente a ambigüidade do Partido Socialista, esquerdista na base, direita na cúpula — têm ajudado os fascistas a criar coragem.

O Governo do primeiro-ministro Mota Pinto é o mais conservador de todos que se sucederam desde 1974 e, apesar da severa legislação antifascista, grupos neonazistas ou abertamente fascistas começam a se organizar e a agir abertamente.

No começo, foram atentados cautelosos, automóveis de personalidades políticas danificados, livros esquerdistas queimados. Na última semana de novembro, porém, aproveitando uma indisfarçável tolerância oficial, os grupos "negros" tornaram-se mais audaciosos. Assaltaram sedes de partidos esquerdistas e de centro-esquerda no Porto, e destruíram tudo o que puderam. Foi um festival insólito. Os terroristas apareceram motorizados, portando cruces suásticas e desfilaram pelas ruas dando vivas a Salazar: eram aproximadamente 150 motocicletas e os assaltantes estavam armados com cassetetes e correntes de ferro. Alguns foram reconhecidos como membros das organizações juvenis dos partidos de direita, Partido



Social Democrata (ex-PPD) e Centro Democrático Social. Faziam a clássica saudação nazista e usavam camisas negras.

A polícia limitou-se a aparecer depois dos assaltos e a seguir os manifestantes, sem intervir.

Também uma escola secundária de Lisboa foi atingida pela violência política de direita. Um grupo ligado ao Partido Democrata Cristão, que aqui em Portugal tem muito pouco de cristão e menos ainda de democrata, cercou uma escola, prendeu um estudante da chapa de esquerda que concorria à diretoria do grêmio estudantil, e espancou-o no pátio da escola. Uma professora que tentou defender o aluno, além de apanhar junto, teve seu automóvel danificado.

Nos ministérios e repartições públicas voltam a soprar velhos ventos salazaristas.

Quem ficou esses últimos quatro anos calado, numa semiclandestividade, escondendo cuidadosamente compromissos com o regime anterior, assume publicamente, até pelos jornais, sua condição salazarista, relembrando serviços prestados ao fascismo. E é bem sintomático o aparecimento cada vez mais freqüente de biografias, fotos, elogios do general Pinchet em jornais da extrema-direita, como que a apontar novos rumos à sociedade portuguesa.

Alguns jornais estatizados, como o *Diário de Notícias* e também a Rádio e Televisão Portuguesa, concederam o benevolente tratamento de "manifestações nacionalistas" à violenta onda de atentados fascistas.

No Alentejo, o avanço da reforma agrária é detido com energia. Muitas terras já começam a ser devolvidas aos grandes proprietários, com o auxílio de guardas armados que cuidam da expulsão das famílias. Numa dessas ações, que têm o apoio do Governo, um guarda apontou sua metralhadora para uma criança de sete meses e gritou: "Tu já não cantarás o *Unidos venceremos!*" Foi um escândalo nos jornais independentes do dia seguinte, pois vários repórteres que acompanhavam a "ação" testemunharam a cena.

Complementando o quadro, cresce o movimento em favor do pluralismo sindical, como forma de enfraquecer a poderosa central operária unitária — a CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional), que tem sido um dos obstáculos mais importantes ao recuo da revolução.

Mas nem tudo parece estar perdido para a jovem democracia portuguesa (que, entre outras vitórias, tem o crédito de ter influenciado a redemocratização de sua vizinha Espanha). Os partidos e organizações antifascistas parecem amadurecer rapidamente a consciência de que sua união é fundamental para defender a democracia. Neste sentido foi o patético discurso do octogenário e respeitadíssimo Dr. Antonio Macedo, presidente do Partido Socialista, que diante de uma multidão entusiasmada fez um apelo no último fim de semana de novembro: "Temos que levantar uma barreira comum das forças políticas que acreditam na liberdade e na democracia contra o fascismo e o terrorismo". E, de fato, essa unidade parece indispensável para o futuro de Portugal. Talvez não consiga, tão cedo, uma nova floração dos cravos de abril de 74. Mas, seguramente, é condição para evitar a volta aos tempos sombrios de Salazar e Marcelo Caetano.

José Antonio Pinheiro Machado

Petrobrás apanha para tirar álcool da mandioca

A Petrobrás, acusada de não se interessar muito pelo Programa Nacional do Alcool, está sofrendo para produzir álcool de mandioca em sua usina experimental de Curvelo (MG), que agora em janeiro completou um ano de operação.

Já se esperava que a experiência de Curvelo apresentasse alguns problemas, mas não tantos quanto os citados por Paulo Vieira Bellotti, superintendente da Petrobrás, numa palestra feita em dezembro, em São Paulo, durante um seminário sobre o Programa Nacional do Alcool. "Os problemas defrontados foram numerosos, tanto de ordem mecânica como de processo, cujos rendimentos ainda não alcançaram o nível de projeto, embora venham sendo paulatinamente melhorados", disse Belotti.

Segundo o projeto, a usina deveria produzir 60 mil litros de álcool por dia, resultado do esmagamento de 360 toneladas diárias de mandioca, que seria fornecida por agricultores da região. Embora o rendimento médio obtido em Minas seja de 15.900 quilos de mandioca por hectare, o projeto previa uma produção de 25 mil quilos por hectare. Assim, para a usina operar a plena carga ao longo do ano, bastaria cultivar 5 mil hectares em Curvelo.

Os agricultores mineiros se mobilizaram para abastecer a usina, mas a produção média, em 1978, não passou de seis toneladas por hectare (quase três vezes abaixo da média estadual). Pela primeira vez cultivados em larga extensão, os mandiocais foram atacados por bactérias e por lagartas popularmente conhecidas como manduruvás. Em consequência da baixa produtividade, a usina só pôde produzir, em 1978, uma média diária de 25 mil litros de álcool, pouco mais de 40% do previsto. Além disso, em vez dos 166 litros de álcool por tonelada de mandioca previstos no projeto, a usina vem retirando entre 140 e 150 litros por tonelada.

Um dos problemas causadores do baixo rendimento industrial da mandioca é a falta de definição das variedades mais rendosas no solo do cerrado mineiro. Ao longo do ano passado, a usina recebeu mandioca de 16 variedades diferentes. Nos próximos meses, será preciso acelerar os experimentos para descobrir quais as variedades mais resistentes às pragas, mais adequadas ao solo e mais ricas em amido e outras substâncias transformáveis em álcool.

Em sua conferência em São Paulo, o superintendente da Petrobrás disse que outro problema a ser resolvido na usina de Curvelo é o que fazer com o vinhoto, resíduo de destilação altamente poluente. Além disso, ele admitiu que, apesar de ter investido Cr\$ 160 milhões para montar a usina de Curvelo, a Petrobrás ainda tem dúvidas quanto ao tamanho ideal de uma destilaria de álcool de mandioca. Há possibilidade de que os técnicos optem futuramente por um processo diferente; em vez de mandioca verde, tritura a raspa seca, o que implicaria em sérios problemas para os agricultores, que teriam de se preparar para fornecer a matéria-prima já elaborada.

Do sucesso da experiência da Petrobrás em Curvelo dependem 10 outras destilarias de álcool de mandioca que estão sendo construídas no país dentro das normas do Programa Nacional do Alcool. Até 30 de setembro passado, o Governo já havia aprovado 195 projetos de destilarias, a maioria utilizando a cana-de-açúcar como matéria-prima. Da produção de álcool resultante desses projetos, as destilarias de mandioca deveriam responder por 8,5%.

COMPRE OS SERVIÇOS DA COOJORNAL

Compre os serviços da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

A Coojornal é a maior equipe de profissionais-jornalistas de todos os setores de Imprensa. Além disso, tem um dos melhores núcleos industriais do estado para a produção gráfica e jornalística. É uma experiência com mais de quatro anos e quase 30 clientes.

Conte com a Coojornal em:

Serviços editoriais

Planejamento, execução e produção de jornais, revistas e boletins de empresas e entidades de classe. Edição de revistas, livros,

jornais, anais, relatórios e quaisquer outras publicações, especializadas ou não.

Artes, lay-outs e produção de capas de livros, revistas, folhetos, prospectos, cartazes, malas-diretas, etc.

Serviços fotográficos

Departamento fotográfico, com laboratório próprio e fotógrafos com formação jornalística e publicitária.

Arquivo a cores e P&B e serviço de audiovisuais.

Serviços industriais

Nosso núcleo industrial está operando com modernos equipamentos de

fotocomposição e fotolitagem, uma completa unidade preparada para atender a necessidade de fotolitos P&B e seleção de cores.

Produção e impressão *off-set* de material jornalístico e publicitário, em qualquer tiragem, formato e padrões gráficos.

Consulte hoje mesmo a Coojornal sobre preços, prazos e condições.

COOJORNAL

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.
Rua Comendador Coruja, 366/372
Fones: 24.0951 e 21.8984 - Telex (051)1605
90000 - Porto Alegre - RS

Querida família:

O livro de Flávia Schilling, já nas bancas e livrarias.

A guerrilha do coronel Jefferson...

Poucos dias depois do *Coojornal* nº 35 circular, a 18 de dezembro de 78, começou a polêmica. Pela primeira vez desde 1965 vinha a público a versão do ex-coronel do Exército, Jefferson Cardim Osório, e do ex-sargento da Brigada Militar, Alberi Vieira dos Santos, sobre a tentativa de rebelião armada ocorrida no Rio Grande do Sul, em março de 1965, e que ficou conhecida como a *Operação Três Passos*.

A questão mais polêmica de toda a entrevista era, sem dúvida, a acusação dos dois ex-militares contra o ex-governador gaúcho Leonel Brizola. Segundo Jefferson e Alberi, o movimento de Três Passos contava com o apoio de Brizola, então exilado em Montevideú. Como se sabe, o que aconteceu na época foi exatamente o contrário: Brizola negou qualquer envolvimento com a guerrilha do coronel Jefferson e ainda desautorizou seus companheiros no Rio Grande do Sul a apoiarem o movimento.

O segundo ponto mais delicado e controvertido do depoimento publicado pelo *Coojornal* era aquele em que os dois ex-militares aludiam à ligação entre os exilados brasileiros — liderados por Brizola — e Cuba, que teria inclusive enviado 1 milhão de dólares para que a guerrilha no Rio Grande tivesse início.

Finalmente, Jefferson Cardim Osório acusava o chanceler Azeredo da Silveira de ter presenciado e autorizado seu seqüestro, em Buenos Aires, a 13 de dezembro de 1970, quando era embaixador do Brasil na Argentina. Azeredo da Silveira teria, ainda, passado um recibo aos militares argentinos atestando as "boas condições físicas" do coronel Jefferson.

LENHA NA FOGUEIRA

Um dia depois de o *Coojornal* chegar às bancas, a 19 de dezembro, o *Jornal do Brasil* publicava o desmentido do chanceler brasileiro, juntamente com uma longa transcrição do depoimento dado por Jefferson e Alberi. Segundo o *JB*, Silveira assegurou: "Não conheço o Coronel, não conheço o episódio, e nego categoricamente qualquer participação minha ou de qualquer outro funcionário da Embaixada do Brasil em Buenos Aires neste episódio".

Mas a polêmica não parou aí. Na quarta-feira, 20 de dezembro, o *JB* e a *Folha de São Paulo* voltavam ao assunto. O jornal carioca publicava entrevista do advogado gaúcho Décio Freitas (exilado brasileiro em Montevideú, em 64) negando a existência dos dólares enviados por Cuba. Ainda no *JB*, o professor Darcy Ribeiro achava "muito estranhas" as declarações do coronel Jefferson.

A *Folha de São Paulo*, por seu lado, além de resumir o relato do líder da *Operação Três Passos* ao *Coojornal*, trazia artigo do jornalista e escritor Josué Guimarães, chefe da sucursal gaúcha do jornal e também exilado brasileiro no Uruguai em 64. O jornalista revelava ter conversado com o ex-presidente João Goulart e com Brizola sobre a existência ou não do dinheiro cubano, e os dois teriam desmentido o fato.

Josué Guimarães levanta, ainda, em seu artigo, suspeitas sobre o verdadeiro motivo das acusações: "O sargento Alberi, por exemplo, fala com relativa desenvoltura sobre um financiamento em dólares por parte de Cuba que, mesmo dando-se de barato que tivesse havido, jamais teria sido dado conhecimento a um militar de tão baixa categoria profissional (...). Na ocasião, Leonel Brizola tinha a seu lado numerosos oficiais do Exército, da Aeronáutica e da Marinha para buscar assessoramento técnico com um sargento da Briga Militar, conforme o próprio Alberi acaba de repetir nesta última entrevista".

Dias depois, no Rio de Janeiro, outro ex-exilado brasileiro em Montevideú, o historiador Luiz Alberto Moniz Bandeira, jogaria mais lenha na fogueira. Para Moniz Bandeira, o ex-sargento Alberi há muito tempo é acusado de ser agente do SNI, e a entrevista que ele e Jefferson Cardim deram ao *Coojornal* seria "uma provocação". Eis alguns trechos das declarações de Moniz Bandeira:

— Muito me surpreendeu a acusação

que o Coronel Jefferson voltou a fazer a Brizola, porque até então eu a atribuía à tortura ou maus tratos que ele sofrera na prisão. Quando ele, em plena liberdade, vem a público e reitera este tipo de acusação, a questão assume maior gravidade.

— O Jefferson, com quem eu tinha excelentes relações — aliás, quero deixar bem claro que sempre o estimei bastante — não era, porém, um elemento da confiança de Brizola, nem estava integrado nos planos de Brizola. Não que houvesse suspeita em relação a Jefferson. É que as pessoas não o consideravam um homem de bom senso. Ele era tido e havido como um precipitado, um afoito, um aventureiro(...).

— O fato de ter o sargento Alberi entrado na aventura já é outro problema (...). Alberi estava realmente entrosado nos planos de Brizola e conhecia os contatos de Brizola no Rio Grande do Sul. Agora, aí é que entra um ponto para mim muito duvidoso, porque, já naquela época, suspeitava-se que o sargento Alberi fosse agente do serviço secreto brasileiro. E não sei até que ponto foi o Jefferson que aliciou o Alberi para a sua operação, pois foi quem abriu ao Jefferson os contatos de Brizola no Rio Grande do Sul — ou se foi o Alberi que, como agente provocador, induziu o Jefferson a empreender aquela aventura, aproveitando-se do seu temperamento muito exaltado, impulsivo. Hoje, acho muito mais provável que tenha sido o Alberi quem insuflou o Jefferson a empreender a aventura, e não o contrário, como muitos companheiros na época acreditavam (...).

— Quero crer, até hoje, na boa fé do Jefferson, apesar dessa entrevista ao *Coojornal*, que considero ignominiosa, inoportuna, falsa.

MAIS ESCLARECIMENTOS

No dia 8 de janeiro, o historiador Décio Freitas enviava a seguinte carta ao *Coojornal*:

— Devo prestar um esclarecimento sobre a matéria que o *Coojornal* publicou em sua edição nº 35, de dezembro de 78, intitulada *Este Homem Quis Incendiar o País*, ou seja, os depoimentos do ex-coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório e do ex-sargento Alberi Vieira dos Santos sobre a insurgência que empreenderam em 1965. O texto não foi assinado pelos seus autores, Osmar Trindade e Najar Tubino, mas, no final, consta meu nome. Ademais, o editorial intitulado *Caro Leitor*, diz que "em todo esse trabalho contamos com a valiosa colaboração do advogado e historiador Décio Freitas, que viveu cinco anos como exilado em Montevideú e nos auxiliou com seu conhecimento e sua vivência de muitos fatos aqui narrados". De tudo isso, fica forçosamente a impressão de que elaborei o texto ou de que pelo menos o coordenei e orientei. O *Coojornal* sabe que nada disso é verdade.

— Na segunda quinzena de novembro de 78, recebi um telefonema de Alberi Vieira dos Santos, oferecendo seu depoimento e o do ex-coronel Jefferson sobre o episódio em questão. Havíamos nos três conhecido em Montevideú, no ano de 1964 e, agora, amigos comuns do Rio haviam informado de que eu vinha recolhendo material para um futuro livro sobre os exilados brasileiros.

— Recebi com entusiasmo o oferecimento, pois a insurgência de Jefferson e Alberi constitui um dos episódios marcantes daquele período. O depoimento me seria prestado aqui em Porto Alegre, para onde ambos se deslocariam. Alberi suscitou, contudo, um problema: Jefferson passava por sérias dificuldades financeiras, que o impediam de fazer frente às despesas de passagem e estadia em Porto Alegre. Não poderia eu acudir a tais despesas? Não podia. Veio-me, então a idéia de propor ao *Coojornal*, onde tenho grandes amizades, que assumisse tais despesas, em troca de uma antecipação de parte do depoimento. Essa antecipação, eu a faria mediante uma série de condições. O *Coojornal* publicaria o relato da operação a partir do momento em que ambos saíram de Montevideú, ficando para trás os fatos de natureza política, muito controvertidos e somente

suscetíveis de elucidação mercê de pesquisa e análise de outros depoimentos. Caber-me-ia selecionar o material e, finalmente, revisar o texto a ser publicado.

— Os depoimentos foram, como sabe o *Coojornal*, gravados em minha residência, presentes dois de seus redatores — meus caros amigos Osmar Trindade e Najar Tubino. Ultimadas as gravações, após vários dias de trabalho, o *Coojornal* se ofereceu para registrar no papel o conteúdo das fitas, por sinal fornecidas por mim. Faltava-me tempo para realizar de imediato esse trabalho e o *Coojornal* tinha urgência — queria publicar o texto já na edição seguinte, que precisava ser aprontada. Concordei, entendendo que permaneciam de pé as condições preliminarmente estabelecidas a respeito do texto a ser publicado pelo *Coojornal*.

— Aguardava eu a implementação dessas condições, quando, súbito, na noite de 15 de dezembro, Osmar Trindade e Najar Tubino me apresentaram a edição já impressa do *Coojornal*, com dois depoimentos na íntegra. Indaguei por que motivo não haviam assinado matéria tão importante e a resposta foi de que haviam se esquecido. Não bastasse isso, um pequeno texto que eu preparara, analisando com espírito histórico os acontecimentos, foi agregado à matéria — quando se destinava à publicação em um box. Minha assinatura aposta a tal texto, dava a impressão de que toda a matéria era de minha autoria já que, graficamente, não havia solução de continuidade. Pode-se argumentar, e na verdade se argumenta, que o texto de minha autoria se distingue do resto por estar grifado. Essa particularidade, todavia, dificilmente será percebida pelo leitor comum, ao qual ficará a impressão de que sou o autor de toda a matéria — tanto mais que seus autores reais, por um lapso, se esqueceram de assiná-la.

— Ainda que o leitor mais arguto perceba isso, há o editorial, a induzir claramente que orientei, coordenei, ou de qualquer modo participei da elaboração da matéria. Exorto o *Coojornal* a esclarecer que isso, em verdade, não ocorreu.

— Os depoimentos de Jefferson e Alberi constituíam, para mim, documentos

históricos. Não há História sem documentos, mas a História não está toda nos documentos. Feitos pelos homens, os documentos somente dizem a verdade quando sabemos interrogá-los.

Como documentos históricos, os depoimentos de Jefferson e Alberi nem sempre primam pela objetividade e é pena que o *Coojornal* não me tenha dado a oportunidade de fazer esta aferição. Com isso, deixou de somar mais um serviço aos tantos que lhe são devidos por todos os que amam a justiça e aspiram a democracia no Brasil de hoje.

Quando ao Coronel Jefferson, ouvido pelo repórter Márcio Bueno, de *Movimento*, ele disse: "Ratifico tudo o que foi publicado. Espero agora a reação de Brizola. Ele tem de responder sobre isso".

Finalmente, em entrevista ao semanário paulista *Movimento* (25 a 31/12/78), quem se manifestou sobre as declarações de Jefferson e Alberi foi o próprio Leonel Brizola. Disse o ex-governador gaúcho:

— Em princípio, considero positivo que se divulgue e publique tudo o que ocorreu ou que entendam que possa ter ocorrido durante esses 15 anos de autoritarismo. São úteis no sentido de despoluir o ambiente. Isto tanto de um lado como de outro, a favor ou contra os que atuaram em nome do regime, quanto dos que atuaram contra ele. Não conheço o texto dessas declarações, apenas li o resumo que publicou o *Jornal do Brasil*. Não sei com que intenção foram feitas, espero ler o texto completo logo que me chegue às mãos. E aí, se for o caso, fazer os comentários que julgar convenientes. Verifiquei logo que nas referidas declarações se encontram muitos disparates. De qualquer forma, é bom que venham a público. O povo brasileiro já adquiriu uma grande maturidade para assinalar toda essa ordem de problemas. Vivemos um período de radicalização, com muitos fatos e episódios controvertidos que é bom que se esclareçam, para que se faça a verdadeira História desses tempos. Agora, o que importa realmente é compreendê-los e retirar deles suas grandes lições. O futuro é que realmente deve nos preocupar.

Coojornal
edição especial

HUMOR AS PAMPAS

Todo o Rio Grande do Sul está revisado humoristicamente nesta edição.

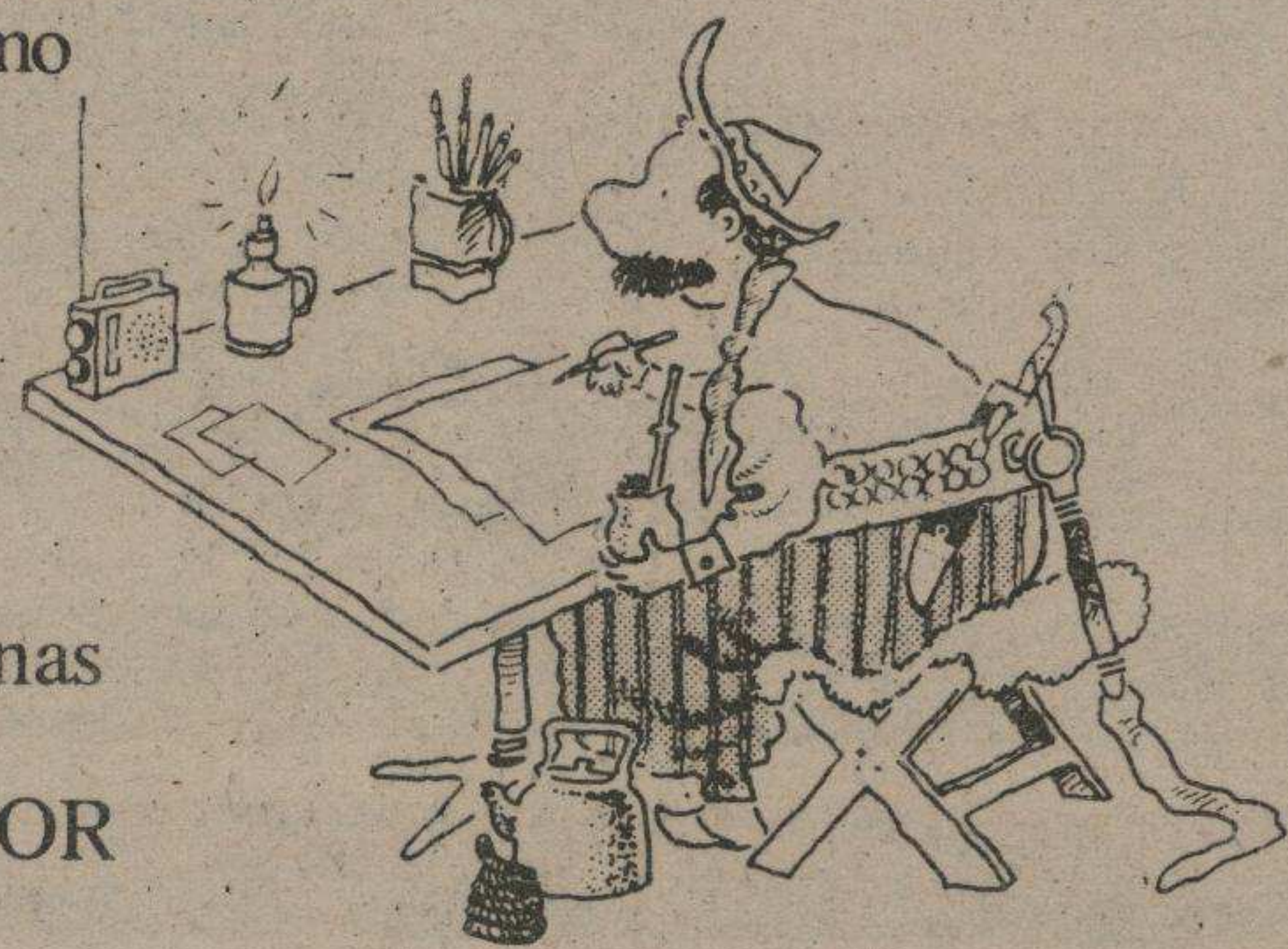
Você vai rir das tradições, da história e da vida gaúcha nos últimos tempos.

Com o talento, a capacidade e a inteligência de rir de si mesmo dos melhores humoristas gaúchos.

Participação especial dos maiores nomes do humor brasileiro, além de poetas, escritores, cronistas e intelectuais baixando o pau nas coisas do Sul.

Você não pode perder HUMOR AS PAMPAS.

Já nas bancas



ALUGUE UM CARRO DA AUTO LOCADORA GAÚCHA. A VIDA É CURTA E ISSO É MUITO BOM.

Nos sábados e domingos fica assim de gente na Auto Locadora Gaúcha: todo mundo alugando carro pra sair por aí. Faça isso também.

Só não esqueça de que na segunda a vida continua.

E para que ela continue boa, você às vezes precisa alugar um carro no meio da semana. Quer ver?

Ou o seu carro foi para a oficina e você fica a pé.

Ou você tem que viajar e não quer gastar o seu carro.

Ou sua mulher precisa dar umas voltas de carro e você empresta o seu, o que fazer? E vai por aí.

Razões não faltam pra que você fique na mão uma ou outra vez.

Nessas horas, lembre-se de que a vida é curta. E que é preciso aproveitá-la, como diz o sujeito aquele na televisão. E alugue um carro da Auto Locadora Gaúcha.

É mais barato do que você pensa e é muito bom.



**AUTO LOCADORA
GAÚCHA**

O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.
Loja 1: Conceição, 364 - fones (PABX) 21-3333, 21-5555 e 24-5166 - Horário: 7 às 22h,
inclusive domingos e feriados. Loja 2: Av. América, 211 - fones 22-4510 e 22-2121
Horário: 7 às 22h, inclusive domingos e feriados. Loja Aeroporto: fones 42-4510 e 42-5363
Horário: Atendimento até à chegada do último voo.



SEQUESTRO

Um crime grosseiro fere o país

Por Hamilton Almeida Filho, Najjar Tubino e Elmar Bones

Dois jornalistas, cara a cara com o policial Didi *Pedalada* dizem: "Este é um dos homens que estavam no apartamento e nos apontou uma pistola 45. Não há dúvidas". Quatro advogados trazem de Montevideú a declaração do menino Camilo, reconhecendo o delegado Pedro Seelig, o Fleury dos Pampas. A OAB apresenta um relatório com os resultados de suas investigações e diz: "Houve seqüestro, Pedro Seelig é um dos homens e

houve quebra de soberania nacional, pois policiais uruguaio entraram no Brasil para acompanhar a operação". A polícia já ouviu sete policiais e tem todos os elementos para elucidar o seqüestro. Não tente, porém, prever o desfecho. Este não é um simples caso policial. É uma novela em que todos os personagens são reais e lógicos, mas a trama é absurda. É uma luta do futuro contra o passado. No último capítulo tudo pode acontecer! ▶

O Brasil do seqüestro: que País é este?

"A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade". (Artigo 153 da Constituição Brasileira)

A descrição que orientou o retrato falado que publicamos nesta página foi feita há 40 dias para a Polícia Federal, pelo jornalista Luís Cláudio Cunha. O terceiro homem é assim: magro, altura mediana, cabelos entre ruivo e castanho, bigodes compridos caindo no canto da boca, idade aproximada de 30 anos.

Nadal indica que essa pista tenha sido seguida, mas esse é apenas mais um lance inexplicável nessa trama absurda, com personagens reais, iniciada há 60 dias e ainda sem final previsível.

Tudo começa com o constrangimento ilegal e abuso de poder contra dois jornalistas que surpreendem mais de cinco policiais em meio a uma operação, num apartamento de um casal de estrangeiros num bairro de Porto Alegre. Liberados depois de 20 minutos, os repórteres deixam o local temerosos e não comunicam o fato a ninguém nos próximos dois dias. O que presenciaram bem que poderia ter sido uma ação policial perfeitamente normal, não tivessem os quatro moradores e os policiais desaparecidos de cena.

Nessa mesma sexta-feira, pouco depois, o advogado do casal de moradores, alertado por um telefonema interurbano, procura os seus clientes no mesmo local por duas vezes, às 18 e 21 horas — e ainda mais uma vez na manhã do sábado seguinte. Não encontra ninguém e lá fica um bilhete seu, colocado na primeira visita. O fim de semana corre calmo e tranqüilo, sem novidades.

Um dos jornalistas, na segunda-feira à tarde, procura a Polícia Federal, agora bastante intrigado: ele sabia que o casal era perseguido político pelo Uruguai e temia ser seqüestrado pelas forças de repressão do País vizinho. Os federais não sabiam de nada (aliás, como nenhum outro órgão de segurança do Estado, todos procurados pelo jornalista da *Veja*) e o delegado se mostra cético diante do que considera *muito estranho*. Nenhuma autoridade se digna, nesse dia, a visitar o local do crime. Apenas o repórter Erni Quaresma, de *O Globo*, sente a notícia — e corre ao apartamento do bairro do Menino Deus. E o encontra, no fim da tarde, todo revirado: os espelhos arrancados, interruptores de luz e tomadas retirados, latas de cervejas, pontas de cigarros, até dois Modess usados.

O locatário e seu filho, no apartamento, dão ao jornalista uma informação capital: às 11 horas daquela manhã, um garotão, baixo, magro, lhe entregara um bilhete. Nele, sua inquilina, que havia pago dois meses adiantados de aluguel, dizia que por motivo de viagem às pressas, não podendo devolver as chaves pessoalmente, mandava entregar agora e se desculpava — sem se importar nem mesmo com a devolução do dinheiro da caução, Cr\$ 5.000,00. O proprietário não teve dúvidas e já se preparava para limpar tudo, recolocando o apartamento para alugar em prazo recorde.

Somente na terça à noite, depois de finalmente tomar a termo na tarde desse dia as declarações do jornalista da *Veja*, os federais se deslocam até o apartamento. Não havia mais nada o que procurar: tudo limpo, arrumado e nenhuma pista ou impressão digital por lá.

Mas seria no dia seguinte que começariam a ficar evidentes os sintomas de total inversão do caso. Enquanto o advogado entrava com um requerimento junto à polícia para que ela localizasse seus clientes, a Polícia Federal, ao invés de procurar "os desaparecidos", começava a investigar a vida progressa do casal de estrangeiros.

O que não seria preciso. A mãe da própria "desaparecida", vinda de Montevidéu, à procura da filha, esclareceu dois fatos importantes: 1) Que a filha, ex-líder estudantil no Uruguai, era exilada política, tendo vivido na Itália e adotado cidadania italiana — sendo que agora pretendia morar com os dois filhos no Brasil, mas perto da família; 2) que no dia 4 de novembro, uma antiga amiga de sua filha, que mantinha correspondência com ela no Brasil, havia sido presa pelas forças da repressão uruguaias.

Oito dias depois da operação surpreendia pelos dois jornalistas no apartamento da Rua Botafogo e ainda sem qualquer explicação das autoridades brasileiras, o "desaparecimento" se transformaria, finalmente, no "Seqüestro do casal uruguaio e duas crianças, em Porto Alegre". As Forças Conjuntas do Uruguai, sem cerimônia, dariam a público o comunicado: "Um casal de uruguaios, Lilian Elvira Rosas Casariego Celiberti e Universindo Rodriguez Diaz, e duas crianças, Camilo Casariego Celiberti e Francesca Casariego Celiberti, foram detidos ao atravessarem a fronteira do Brasil com material sedicioso e por integrarem uma vasta organização internacional marxista".

Estava montado finalmente o teatro do absurdo onde se desenvolveram todos acontecimentos: como poderiam estar no Uruguai, quatro pessoas que 8 dias antes estavam em sua casa, em Porto Alegre, detidas por policiais brasileiros? Só então, a Polícia Federal, dois dias depois do comunicado uruguaio, abriria finalmente um inquérito para investigar, de forma lenta e confusa nos próximos 60 dias, o que havia acontecido.

O quadro desse crime de seqüestro, remontado de forma linear, nos coloca diante de duas realidades que o Brasil vive hoje. O comportamento dos principais personagens envolvidos, deixa isso bem claro. O casal de uruguaios com os dois filhos de Lilian Celiberti, acreditava que o País já havia retomado o caminho do Estado de Direito, onde as franquias democráticas lhes garantiria uma vida tranqüila.

Ambos poderiam até manter atividades políticas relacionadas ao seu País, de forma pacífica, através da imprensa e das idéias.

Já os policiais agora reconhecidos (Orandir Portassi Lucas e Pedro Carlos Seelig) como participantes do seqüestro, se portavam como se estivessem há alguns anos atrás. Numa época de exceção quando agiam em plena impunidade em meio a ações arbitrárias e ilegais que raramente chegavam ao conhecimento público. Os jornalistas da *Veja* — como seus colegas —, surgem na história confusos. A ponto de verem policiais sem mandato, portando armas pesadas e constrangendo o seu trabalho, mas não denunciavam prontamente o crime por se sentirem — culpados — um deles já conhecia o casal seqüestrado. E, por fim, as autoridades, que não só tentaram encobrir imediatamente os fatos, como passaram a tentar distorcê-los. Com uma ótica velha, todo o aparato de segurança pública o episódio em questão, não como um seqüestro que chegava a ferir a soberania nacional; e sim como uma "operação normal contra movimento subversivo internacional com ramificações em três cidades brasileiras: Rio, São Paulo e Porto Alegre".

Essas constatações nos dão a verdadeira dimensão do episódio. O seu desfecho nos mostrará qual das duas realidades que vivemos é a verdadeira. Se as dos jornalistas, que reagiram e passaram a investigar a verdade dos fatos, junto com os advogados e a opinião pública a seu favor. Ou a das autoridades?

Eis a questão: Didi Pedalada, por exemplo, dois meses depois do seqüestro, ainda impune, apesar de acareado com os jornalistas que o reconheceram como seqüestrador, na praia de Capão da Canoa, declarava jogando bola com alguns companheiros.

— Essa eu tirei de letra!

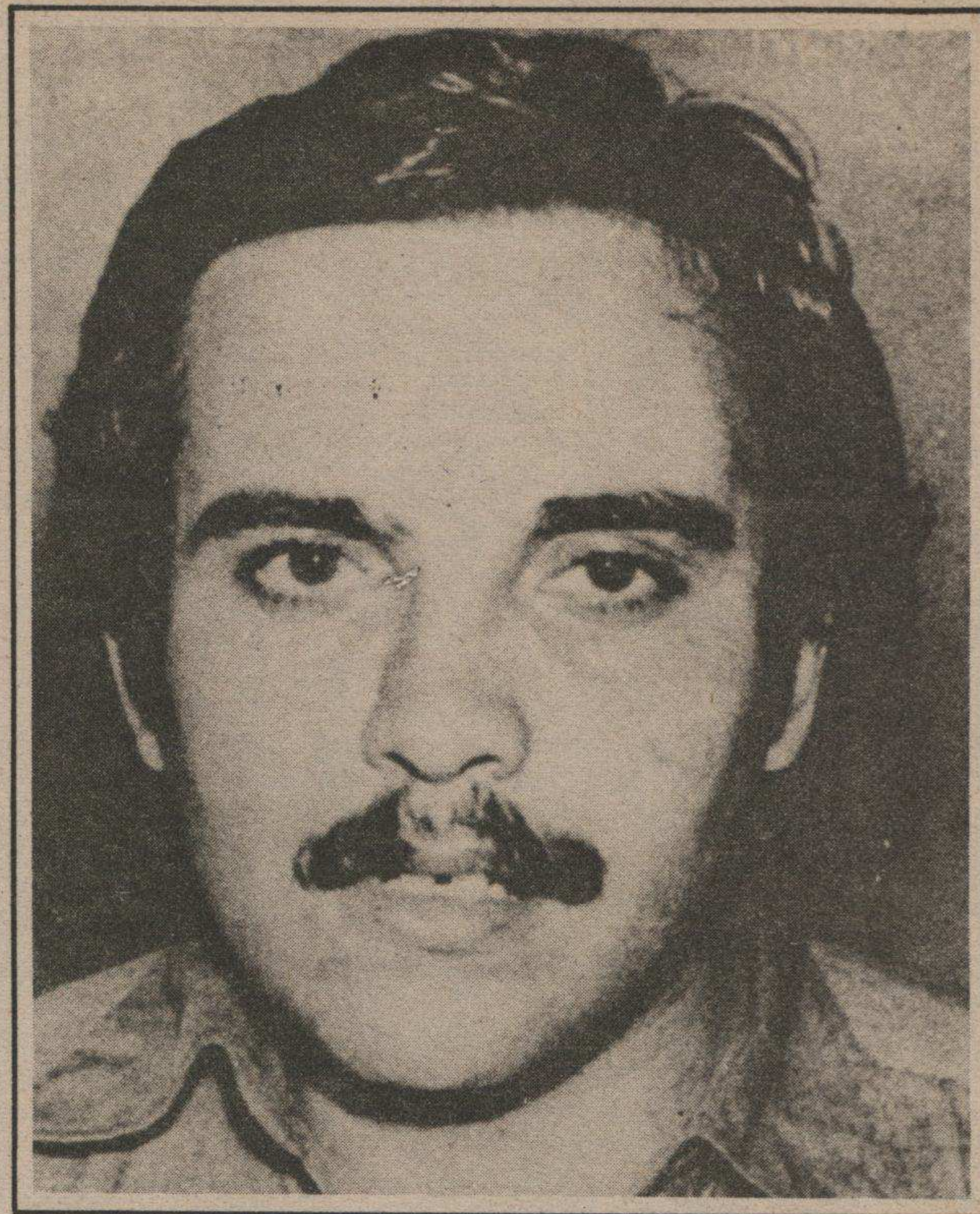
Por que a Polícia Federal, quatro dias depois do seqüestro, baseada nas declarações dos dois jornalistas da *Veja* (eles descreveram dois policiais em seus depoimentos), e nas palavras do proprietário do apartamento de Lilian (Jaime Plavinik, que viu um garotão lhe entregar as chaves e um bilhete de Lilian com assinatura falsa); não fez o retrato falado que possibilitaria a identificação de três dos seqüestradores? E por que, nem mesmo depois do reconhecimento do delegado Pedro Seelig e do inspetor Didi Pedalada, ambos do DOPS, os federais não procederam o reconhecimento fotográfico de outros policiais da mesma repartição diante das três testemunhas?

Como também não se sabe de nenhum levantamento dos nomes de outros agentes do DOPS pertencentes à equipe que trabalha com Didi Pedalada, e dirigida pelo delegado Pedro Seelig. E havia motivos de sobra para suspeitarem que pelo menos 10 pessoas participaram da operação mal feita. Na sala do apartamento, os jornalistas viram cinco ou seis homens; fora os que estavam no interior do quarto vigiando Lilian Celiberti. Na rua, como é praxe em operações desse tipo, deveriam haver mais policiais fazendo o que se costuma chamar na gíria de "campana" — a cobertura dos que estão atuando.

Mas, ao invés disso, o inquérito da Polícia Federal se arrastava normalmente e em sigilo. Buscavam em outro lado, informações que comprometessem os seqüestradores "com o movimento subversivo internacional". Assim foi presa a família Hernandez, uruguaios residentes em Porto Alegre, cuja prima era exilada e amiga de Lilian.

Ao que tudo indica, os federais procuravam os uruguaios errados. Camilo Celiberti, filho de Lilian, e o jurista francês Jean Louis Weill, deixaram claro que policiais ou militares uruguaios (o francês citou o nome de quatro maiores) participaram do seqüestro. E o próprio advogado da família Celiberti, Omar Ferri, chegou a receber um telefonema anônimo denunciando o estranho caso de uruguaios armados impedidos de embarcar para São Paulo no aeroporto Salgado Filho; que acompanhados do delegado Seelig foram liberados para embarque. Um detalhe: Seelig viajou para São Paulo no dia 21/11.

Um fato da maior gravidade, levantado pelos jornalistas ao entrevistarem várias vezes o menino Camilo Celiberti, em Montevidéu, foi o reconhecimento por ele de que esteve preso por mais de 5 horas no prédio da Secretaria de



Esta foto é uma pista:

A foto de Universindo Diaz, distribuída pela Polícia Federal, no dia 7/12, numa análise técnica, revela detalhes interessantes. Foi tirada com flash (e não com lâmpadas de estúdio, como seria de se esperar se fosse uma foto de documento) e por isso, reflete uma mancha sobre cada olho de Universindo. O fundo é uma parede escura, de cimento e não um fundo branco ou infinito. E mais: nota-se, ao lado direito do nariz, da pálpebra esquerda e da têmpora esquerda, marcas visíveis de inchações e hematomas. A polícia nunca explicou como conseguiu essa foto.

Segurança. E o que é pior: no segundo andar, onde da janela da sala em que ficou, viu o arroio que passa na frente da secretaria, na Avenida Ipiranga. No prédio, Camilo se lembra de ter sido levado pela entrada de trás. Refazendo o trajeto do garoto, a história se complica um pouco mais.

Existe uma porta, nesse trajeto, ao lado da entrada do Plantão da Delegacia de Furtos, que dá bem em frente a um pequeno elevador. Por ele se chega ao segundo andar, nas dependências do DOPS. Saltando, à esquerda ficam as salas cujas janelas dão para Avenida Ipiranga. Quase todas as salas são do funcionamento burocrático: protocolo, seção de armas, etc. Mas existe uma, equipada com sofá, ar condicionado e de cuja janela se vê o arroio Dilúvio, que hoje é ocupada pelo diretor do Departamento, delegado Marco Aurélio dos Reis. Onde poderia ficar um garoto de 8 anos, esperto como Camilo (que até tentou fugir subindo um lance de escada, conforme contou ao advogado Omar Ferri), sem ser percebido por tanto tempo?

Mais de 60 dias depois do seqüestro, o trabalho de investigação dos federais, ao que se sabe, caminhou apenas até ouvir os dois policiais reconhecidos, fazendo acareação de um deles (Didi Pedalada) com os dois jornalistas da *Veja*, que prontamente disseram: "Foi ele!". Oficiosamente, divulgou-se que outros 5 policiais também foram ouvidos. Mas não se soube de nenhum superior do delegado Seelig envolvido com a "operação seqüestro".

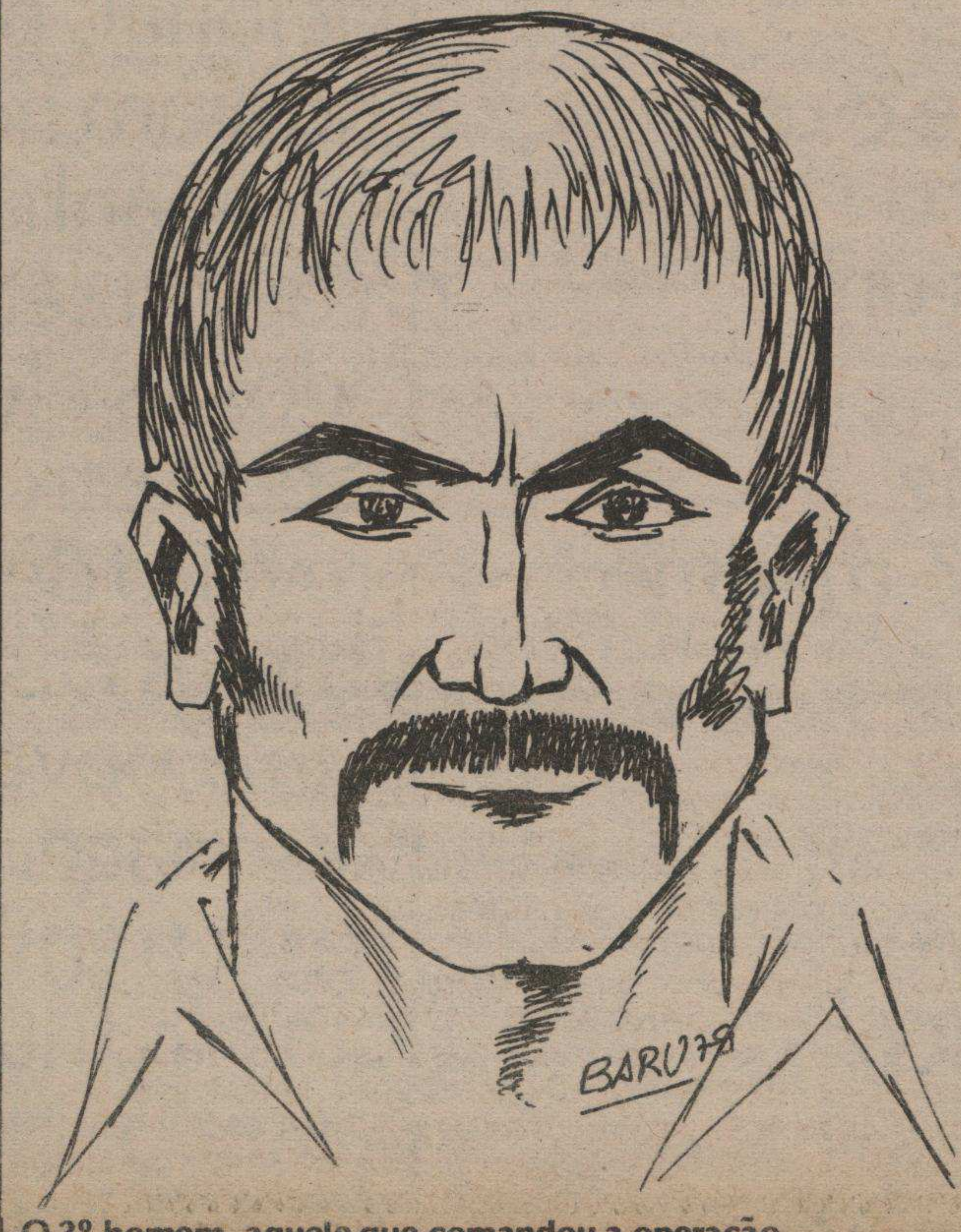
O que não deixa de ser um fato estranho nas investigações: uma ação que envolve tanta gente e armas pesadas como pistola calibre 45 (e que pressupõe a retirada de armamento do Departamento) poderia ser realmente feita sem o conhecimento do diretor, por exemplo?

Ao fim de tanto tempo, o quadro de investigação policial deixa muito a desejar. O advogado Omar Ferri, membro da Comissão de Investigação da OAB/RS que foi ao Uruguai, sentenciar:

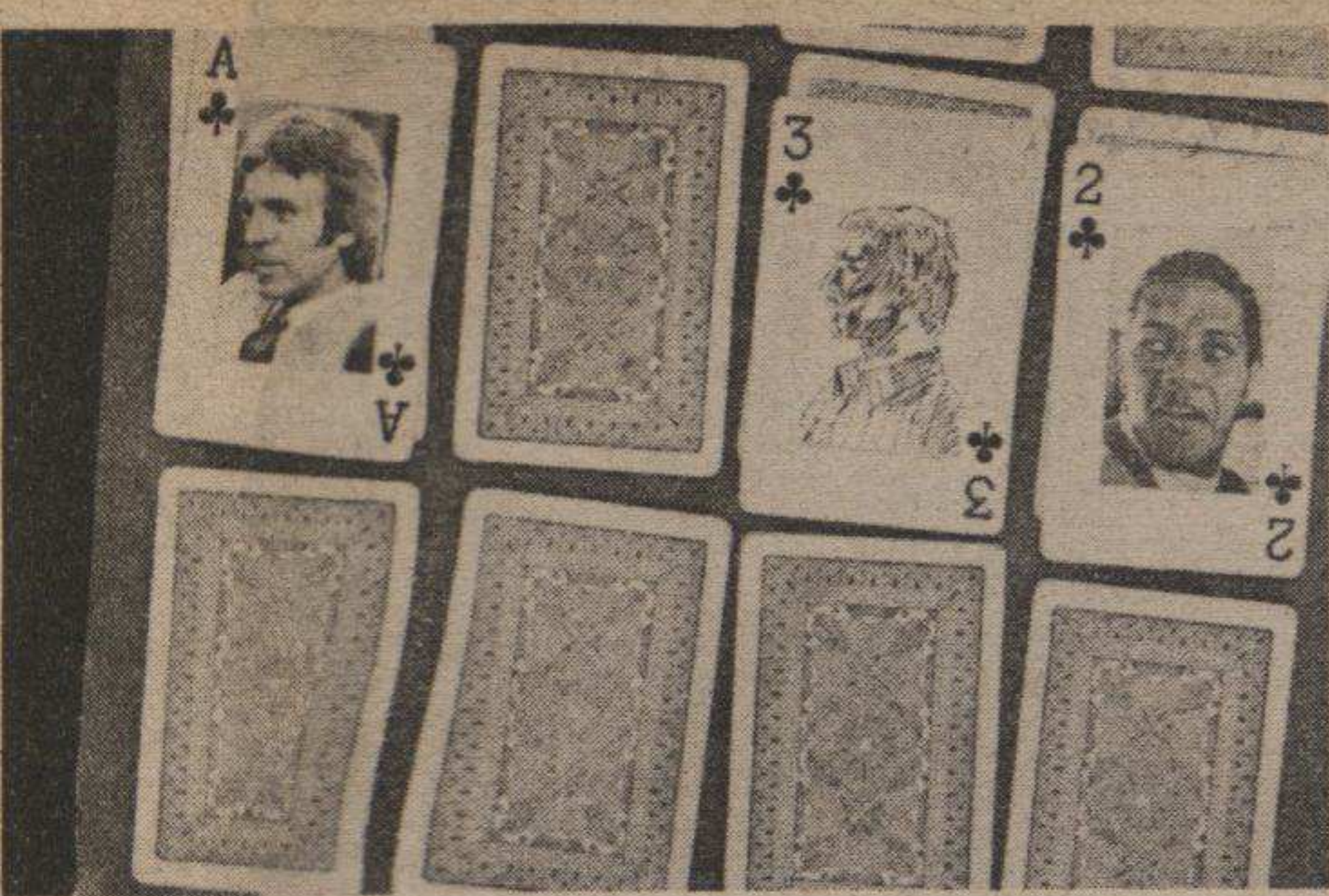
— Só acredito na apiração total da verdade com a constituição de uma CPI em Brasília e de uma Comissão de Alto Nível no Estado, com membros do Ministério Público, da Associação Rio-Grandense de Imprensa e da Ordem dos Advogados.



A descrição de Camilo corresponde ao prédio da SS, na foto; uma porta ao fundo que dá para um elevador. É mera coincidência?



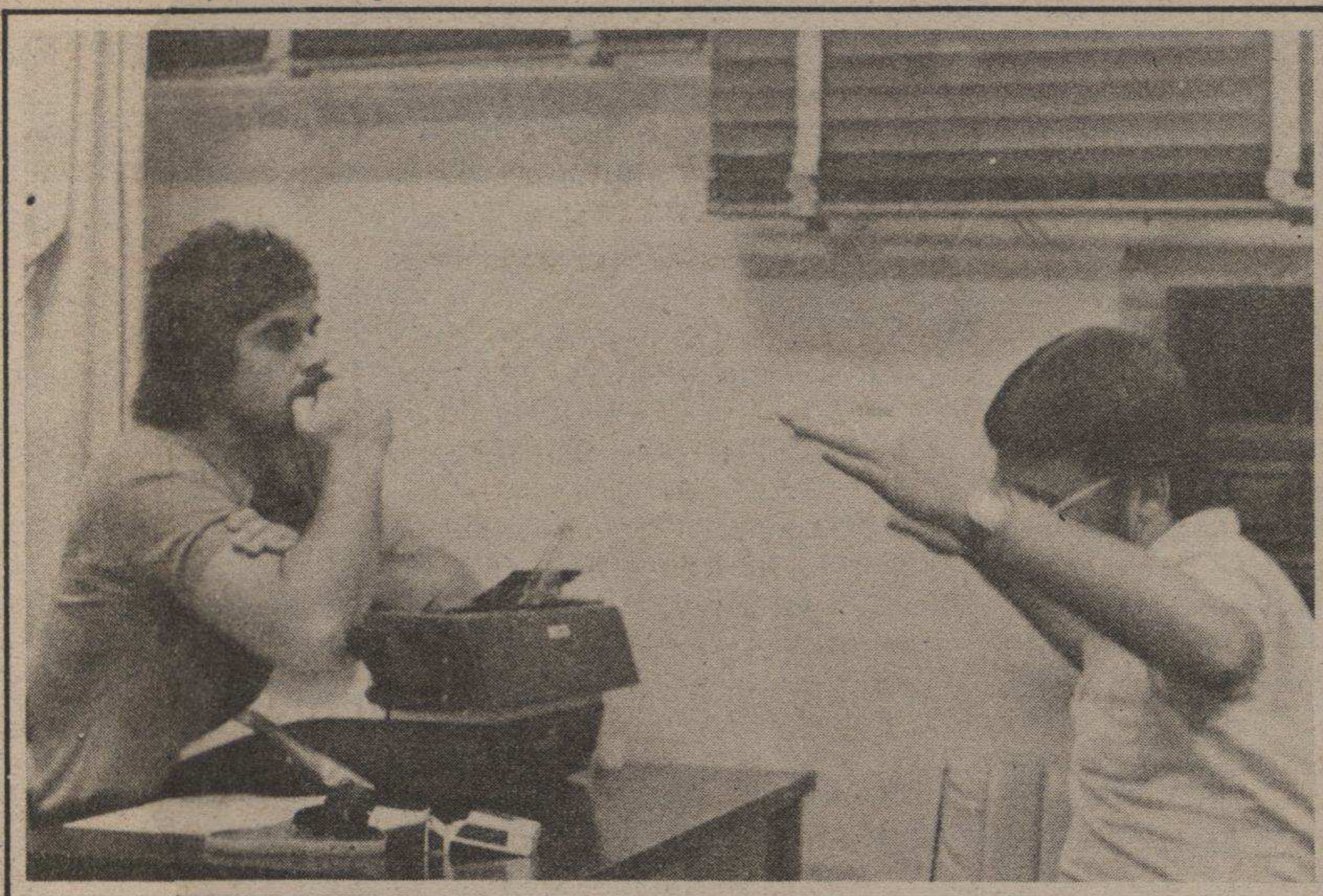
O 3º homem, aquele que comandou a operação



Qualquer semelhança entre os fatos aqui contados e fatos passados não é mera coincidência: no seqüestro dos uruguaios se chocam o Brasil de hoje e de ontem



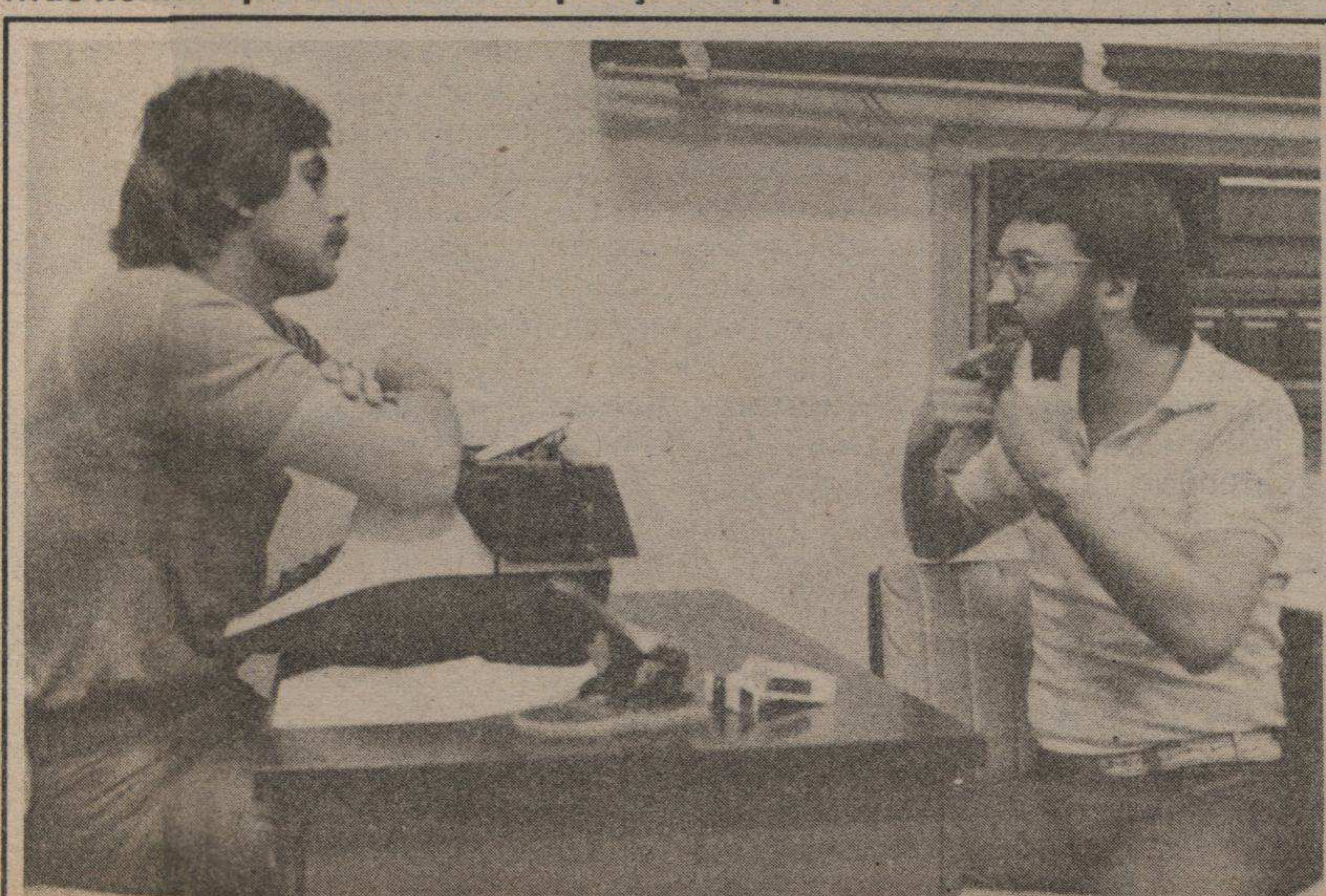
Luís Cláudio, 4 dias depois do seqüestro, depõe



...na Polícia Federal. E faz o retrato-falado



...do homem que comandava a operação no apartamento



...“era forte e tinha bigodes assim, pra baixo”.

Luís Cláudio, o drama do repórter

Seqüestros não chegam a ser novidade na América Latina. Muito menos seqüestros envolvendo uruguaios. Segundo organizações internacionais de defesa dos direitos humanos, nos últimos quatro anos 117 pessoas que se opunham ao regime militar uruguaio foram seqüestradas e assassinadas.

A novidade no caso de Lilian Celiberti e Universindo Diaz é que pela primeira vez se tem um seqüestro com duas testemunhas dispostas a falar. E, no caso, dois jornalistas. Luís Cláudio Cunha, repórter de 30 anos, chefe da sucursal da *Veja* no RS, um profissional respeitável e João Batista Scalco, 27 anos, fotógrafo da revista *Placar*, também com uma respeitável folha de serviço.

Guiados por um telefonema anônimo os dois foram bater no apartamento 110 do prédio 621 da Rua Botafogo, onde moravam os uruguaios (que um deles já conhecia, por outros nomes e sem saber onde moravam). No lugar dos donos da casa, foram recebidos por um grupo de homens armados. Revistados e interrogados, foram liberados minutos depois e aí aconteceu um fato que explica o empenho com que o repórter se dedicou a investigar o caso, mesmo quando as autoridades tentavam minimizá-lo. Pensando tratar-se de uma operação policial normal, ele voltou à redação para cuidar do fechamento da semana, atribulado devido a cobertura das eleições. Só na segunda-feira, quando a Polícia Federal disse que não sabia de nada, percebeu o que havia acontecido.

— Que mancada! Eu podia ter impedido o seqüestro, podia ter chamado a polícia, os jornais, sei lá. Mas fui vítima de 15 anos de repressão que fazem a gente se sentir sempre sob suspeita e achando que a polícia pode tudo. Um amigo me disse, brincando, que eu não estava preparado para a democracia. E é verdade. Em compensação, o drama de me sentir culpado pelo sofrimento daquelas pessoas (no início, pensei que eles seriam assassinados, como é praxe) me deu a consciência de que tinha que ir nesse caso até o fim, por maior que fosse os riscos.

Hoje, Luís Cláudio e Scalco são testemunhas chaves: além de terem visto o seqüestro, identificaram um dos policiais, o Didi Pedalada (primeiro por foto e depois na acareação) e têm condições de reconhecer pelo menos mais um.

Lilian e Universindo já esperavam

O jornalista Luís Cláudio Cunha teve um único momento de hesitação no depoimento de seis horas que fez na Polícia Federal, dia 12/1. Foi quando o delegado Edgar Fuques, que dirige o inquérito perguntou se ele conheceria pessoalmente Universindo Diaz e Lilian Celiberti, os dois uruguaios seqüestrados.

Em suas declarações sobre o assunto, Luís Cláudio dava a entender que não os conhecia. Depois de alguns momentos de indecisão, ele disse que sim, só que com outros nomes. E contou a história. Há dois meses apareceu na sucursal da revista *Veja* em Porto Alegre, um rapaz que dizia se chamar Luís Piqueres Miguel, estudante uruguaio exilado no Brasil.

Estava procurando uma edição de *Veja* com uma reportagem sobre o Uruguai. Conversaram, ele ficou de voltar outras vezes.

Um dia apareceu com uma moça que apresentou como Maria. Ela falou da situação do seu País e entregou uma cópia de um documento sobre as condições em que viviam os presos políticos no Uruguai. Contou, também, que trabalhava junto à Anistia Internacional e que, em julho passado, poucos dias antes de vir para o Brasil, havia participado de uma reunião da Comissão Internacional dos Direitos do Homem, em Genebra, ressaltando a violência da repressão uruguaia. Ao seu lado, estava um delegado uruguaio, representando os militares.

Os dois voltaram duas ou três vezes mais à redação. Levavam informações, conversaram, mas nunca chegaram a revelar seus verdadeiros nomes. Diz Luís Cláudio:

— Estive poucas vezes com eles, sabia que eram exilados e que seu trabalho político consistia em divulgar informações sobre as prisões, as torturas, as barbaridades que fazem no Uruguai, hoje. Acabei não sabendo muito da vida particular deles, pois eles evidentemente evitavam esse assunto.



Lilian: pensava viver em paz. Se enganou

Por isso, quando ocorreu o seqüestro, quase nada se sabia sobre os dois.

Lilian Celiberti Rosas Casariego, hoje, 29 anos e dois filhos, saiu do Uruguai em 1974. Professora e líder sindical, esteve presa um ano e meio na prisão de Punta Rieles (a mesma onde está a brasileira Flávia Schilling) por sua atividade política. Quando foi solta, embarcou para a Itália, terra do seu marido Hugo Celiberti.

Em 1975, depois que ganhou sua segunda filha, a menina Francesca, decidiu voltar às atividades políticas e vinculou-se ao Partido por *La Vitória del Pueblo*, organização dissidente do Movimento Tupamaro, e cujo objetivo principal é justamente a denúncia no exterior do regime uruguaio. Por causa dessa decisão, acabou se separando do marido.

No final de junho, chegou a Porto Alegre. Vinha motivada pelas notícias de abertura política no Brasil e retornou logo depois para buscar os filhos. Em outubro, instalou-se no apartamento da Rua Botafogo, (onde foi seqüestrada), com intenção de fixar residência, pois chegou a matricular os filhos na escola.

Quanto a Universindo Rodrigues Diaz, estudante de Medicina de 27 anos, não se sabe quando chegou ao Brasil, nem qual sua ligação com Lilian (segundo a Polícia Federal, ele morou antes na Rua Santo Antônio).

O plano dos dois era passar para a imprensa brasileira informações sobre o Uruguai. Foi por isso que os dois procuraram aproximar-se de jornalistas brasileiros.

Universindo nunca havia sido preso e com passaporte falso conseguia, apesar da rigorosa vigilância, entrar e sair tranquilamente do Uruguai trazendo informações, recolhidas pelos integrantes do PVP, lá.

Universindo Diaz, um rapaz forte, cabelo preto, jeito de camponês, não falava português, mas o entendia perfeitamente. Interessava-se pela política brasileira, pelo processo de abertura e impressionava-se com a firmeza de organizações como a OAB e a Associação Brasileira de Imprensa em defesa das liberdades democráticas.

Dias antes do seqüestro disse a dois jornalistas que o conheciam:

— Se me acontecer alguma coisa vocês vão receber um telefonema de São Paulo.

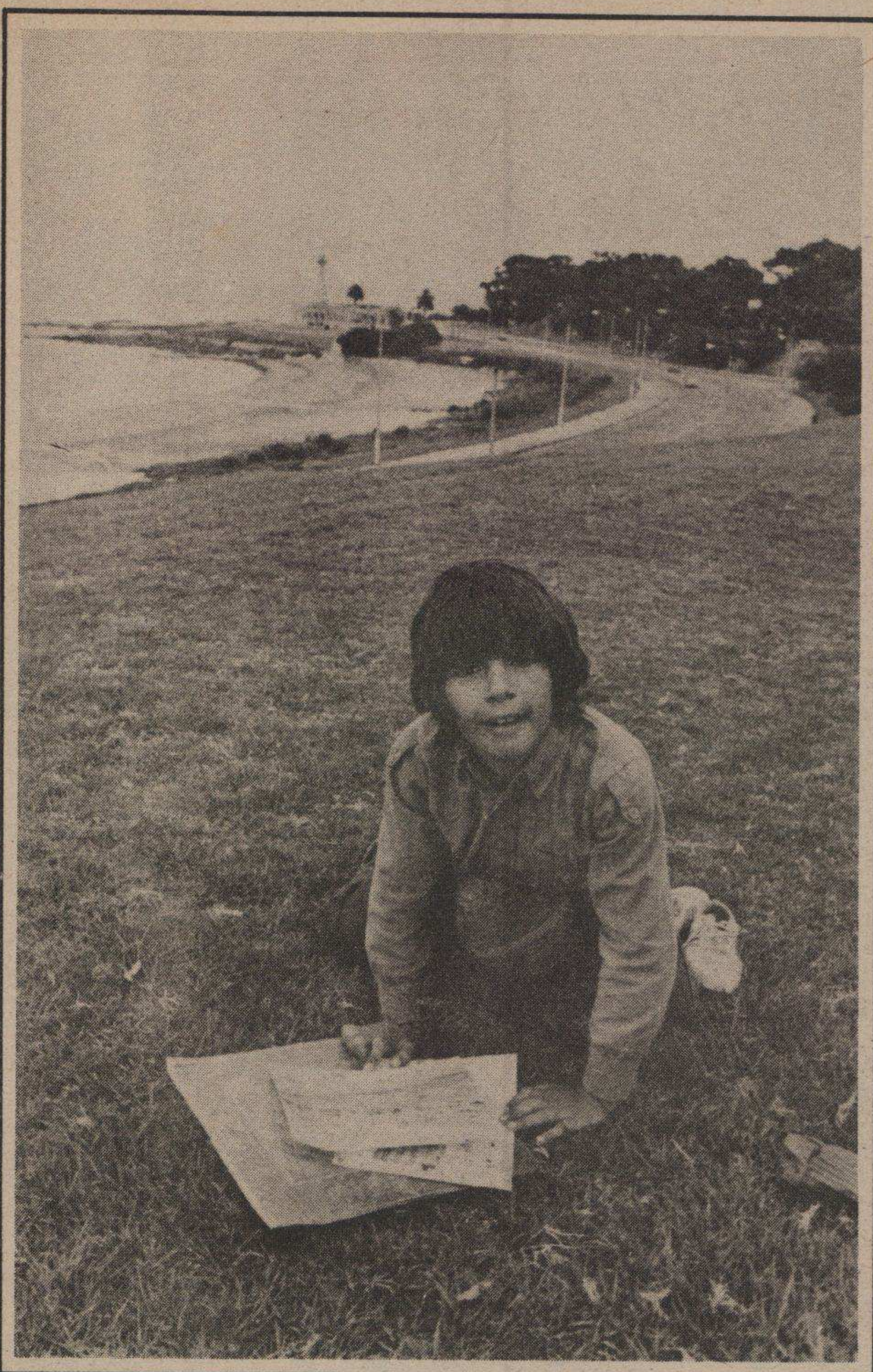
Provavelmente ele já teria recebido a informação, depois divulgada pelo advogado Jean Louis Weill de que as organizações de segurança uruguaias estavam preparando três ou quatro operações de seqüestros no Brasil.

Camilo, o menino que sabe demais

Camilo Casariego Celiberti, este menino uruguaio de 8 anos, que desde os 3 vive refugiado fora de seu País sem ter cometido crime algum, já sofreu como gente grande.

Vem daí o seu olhar esperto, sua vivacidade, sua inteligência precoce e sua contribuição decisiva para que o crime de seqüestro de que foi vítima em Porto Alegre, junto com sua mãe Lilian Celiberti, seu compatriota Universindo Diaz e sua irmã Francesca, de 3 anos, não ficasse totalmente impune como tantos outros, no Cone Sul.

— **Aqui no ay ningún Colorado!**
Na noite da primeira quarta-feira do ano, no apartamen-



Baru Derkin

Camilo, aos 8 anos, comportamento de adulto

to de sua avó, em Montevidéu, ao lado dos advogados da Comissão de Investigação da OAB/RS, ao olhar quatro fotos que lhe foram mostradas como sendo de jogadores do Internacional, seu clube de coração no Brasil, Camilo acabou por envolver definitivamente as autoridades policiais brasileiras naquilo que mais se parece a uma novela de horror.

Sentado no colo da avó, Lilia Terron de Celiberti, embora assustado porque as autoridades uruguaias tentam colocar na sua cabeça que seus inimigos são os brasileiros ("não foram eles que o prenderam?"), Camilo olhou com seriedade e atenção uma a uma as quatro fotos que os advogados Marcus Melzer e Omar Ferri, ao seu lado, exibiam, assistidos por Otávio Caruso da Rocha e José Mariano Beck — os outros membros da comissão gaúcha.

Nas quatro fotos, todas do mesmo tamanho, realmente não havia um só jogador do Colorado. E foi Omar Ferri quem lhe perguntou:

— **Você conhece alguma dessas pessoas?**

Com o dedo em cima da cara do delegado Pedro Seelig, do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande, Camilo não hesitou em dizer claramente:

— **Este yo conosco!**

— **De onde?** — perguntou-lhe Marcus Melzer.

— **De mi casa!**

— **Mas que casa é essa?** — insistiu Ferri.

— **En el departamento...** (apartamento)

Camilo apontou Pedro Seelig que aparecia em duas das quatro fotos apresentadas.

TRÊS PISTAS DECISIVAS

Camilo é um guri um pouco miúdo para a sua idade, mas demonstra saber muito bem a importância de tudo a sua volta. Afinal, com 3 anos, em 1973, começou a assistir o drama de seu País e de sua família invadir a sua casa. Sua mãe, Lilia, presa pelas Forças Conjuntas por suas atividades como líder estudantil, esteve durante um ano e meio presa em Punta Rieles — a mesma prisão onde hoje está Flávia Schilling.

A avó de Camilo, dona Lilia Terron, de 52 anos, cuidou do neto nesses primeiros anos de sua vida: ele lhe foi entregue pela polícia uruguaia na madrugada que sua mãe foi presa. Lilia Celiberti saiu da prisão em princípio de 1974 e recebeu salvo-conduto para deixar o País de navio, indo se juntar ao marido, Hugo Casariego, pai de Camilo, na Itália, em Milão. Lá, nasceu Francesca, em 1975, e Camilo chegou a ter problemas de saúde, acometido de uma meningite. E também sofreu um acidente: fraturou uma perna, ficando meses engessado dos pés à cintura.

Mas, apesar de tudo, Camilo é um menino muito calmo, que hoje fala correntemente o espanhol e o italiano. Estuda desde os 3 anos de idade e em Porto Alegre já estava matriculado na terceira série do primeiro grau, na Escola Cisne Branco, no Bairro Menino Deus, perto de onde morava e foi seqüestrado. Aqui era considerado por suas professoras como um dos mais espertos de sua turma, "quase um pequeno gênio". Na sua ficha, na secretaria, constava que apenas sua mãe poderia apanhá-lo ao fim da tarde, depois da aula. O outro nome que constava era o de seu pai, Hugo Casariego, que ainda hoje mora em milão.

A grande paixão de Camilo é o futebol. Gosta de jogar na ponta e está sempre com uma bola embaixo do braço, juntando companheiros para jogar. E foi esse seu amor pela bola que o fez dar a primeira pista concreta sobre a data de seu próprio seqüestro. Já depois de libertado, entregou novamente aos seus avós pela polícia uruguaia (no dia 25/11, ao mesmo tempo que as Forças Conjuntas soltavam o comunicado reconhecendo a prisão de Lilia Celiberti e Universindo Diaz), ele acabou por afirmar ao repórter Tomás Pereira, do *Coojornal*.

— **Eu e o amigo de minha mãe saímos para ir ao Beira-**



Com o dedo em cima da foto do delegado Pedro Seelig, o menino Camilo não hesitou: "Este aqui eu conheço"



Foto de Maureci Santos

Didi Pedalada sai da acareação, sorridente, acompanhado por um delegado

Rio ver Inter × Caxias. Era uma e meia da tarde. Saímos, andamos alguns metros e fomos presos.

E assim surgiu o dia do início do seqüestro: 12/11, domingo de Inter × Caxias, pelo Campeonato Gaúcho.

Nessa mesma conversa, de volta da praia do Buceo, Camilo tranqüilamente ainda pôde acrescentar mais três informações de importância capital:

1) que havia visto dois uruguaios em Porto Alegre quando do seqüestro; 2) que, preso, foi levado para um prédio grande onde os policiais não andavam fardados e que da janela da sala onde ficou via um arroio grande entre duas ruas (o prédio da Secretaria de Segurança do Rio Grande, que reconheceu por meio de uma foto); 3) que de lá saiu às 21 horas do mesmo dia, sem mais ter visto sua mãe desde a prisão, viajando de carro para o Uruguai, trocando de carro na fronteira até Punta del Este, onde ficou alguns dias, embora jamais tivesse ouvido o barulho de ondas do mar (quem lhe falou o nome do lugar foi um dos seqüestradores).

ESTE NÃO É JOGADOR

Dias mais tarde, Camilo ainda confirmaria a participação de mais um policial brasileiro envolvido no seqüestro: Didi Pedalada. Na presença de outro jornalista, Erni Quaresma, da sucursal de *O Globo*, na manhã seguinte ao Natal, Camilo já demonstrava sinais que estava sendo pressionado por agentes uruguaios que procuravam evitar que ele continuasse fornecendo pistas aos repórteres brasileiros. Acompanhado pelo tio, irmão de Lilia, saiu para passear de carro com Quaresma e acabou se interessando por algumas fotos de futebol em poder dos jornalistas.

— **Não queres ver umas fotos do seu time campeão?**

Claro que Camilo queria, começou a ver as sete fotos e no meio delas haviam duas de Didi Pedalada quando jogador, com a camiseta do internacional. O que foi o bastante para Camilo dizer, visivelmente irritado:

— **Este no es jugador!**

Para em seguida se envolver no pescoço do tio, num abraço e não mais querer passear ou conversar com ninguém.

Desde então o estado psicológico do menino só tem piorado. No conjunto residencial (tipo BNH) em que mora com os avós Camilo só encontra paz quando não está sendo pressionado por policiais uruguaios ou mesmo jornalistas brasileiros. No conjunto tem muitas crianças com as quais já formou ambiente. No apartamento em frente ao de seus avós, possui dois amigos na mesma situação sua e de sua irmã: Hernam, de 6 e Lara de 3 anos. Eles também tiveram sua mãe, Ana Maria Salvo, de 24 anos, seqüestrada com eles no dia 2 de novembro em Buenos Aires. Hernam que também adora futebol e gosta de jogar de goleiro, é o parceiro mais constante de Camilo nos bate-bolas pelos Jardins do prédio.

Dona Lilia, casada com Homero Celiberti, farmacêutico de 63 anos, avó de Camilo, já há alguns dias tenta proteger Camilo de todo e qualquer assédio, no que é ajudada pelo marido. Evita que Camilo tenha mais contatos com jornalistas e elementos da segurança uruguaia porque teme também por perder a guarda dos netos que lhe foi precariamente concedida por um juiz de menores. Ela chegou a ser ameaçada pelas autoridades, quase forçada a não deixar que houvesse o encontro de Camilo com a Comissão de Investigação da OAB/RS, que resultou na identificação do delegado Pedro Seelig pelo garoto. Respondeu ao homem a paisana que a visitou:

— **Só não recebo os advogados brasileiros se tiver polícia na minha porta para me impedir.**

CHORA TODAS AS NOITES

No dia 3, quando os quatro advogados lá estiveram, Camilo, a princípio, não queria falar com eles. Era noite e o menino veio das brincadeiras com seus companheiros de

prédio para jantar. Entrou, viu os advogados e passou pela sala correndo, sem falar. A conversa dos adultos continuou durante a sopa que tomou. Conta Marcus Melzer:

— **Ele tomava a sopa e nos olhava, sério, desconfiado.**

Depois, trancou-se no quarto e foi preciso que o advogado de sua mãe, Omar Ferri, fosse até ele, puxando conversa em italiano para deixá-lo mais à vontade. Só então ele cedeu em vir para a sala, para o colo da avó e aí, vendo as fotos, constatou que entre elas não havia qualquer Colorado.

— **Camilo está muito nervoso e sabe que algo está errado** — diz seu avó, Homero Celiberti. Não pergunta pela mãe mas chora todas as noites. Eu e Lilia fazemos o possível para saber notícias de nossa filha mas até agora não fomos informados de nada.

Nesse clima de insegurança, Dona Lilia chega a se lamentar de que precisaria dar um apoio psicológico para o garoto, mas sua vida é modesta, pobre mesmo, e no Uruguai de hoje, psicólogo é algo quase que inacessível para os Celiberti.

Camilo fez rápida amizade com o advogado de sua mãe, Omar Ferri, e dele ganhou de presente do Dia de Reis (6 de janeiro, que no Uruguai equivale ao nosso Natal, quando se troca presentes), uma bola de futebol. E antes dos dois se despedirem, Camilo mais uma vez mostrou o quanto é importante para o desvendamento do seu próprio seqüestro. A Ferri, nessa visita, contou que esteve com sua mãe no prédio do DOPS no dia em que foi preso e que uma pessoa falando castelhano lhe disse ter sua mãe viajado, mas que ele se encontraria com ela depois. E por fim, Camilo revelou que havia tentado fugir, "subindo um lance de escada":

— **Mas parei quando não tinha mais escadas para subir!**

Mais uma vez, mostrando a coerência de tudo o que fala e a validade de suas declarações à frente de qualquer Juízo, Camilo não cometeu um só erro. O DOPS fica no segundo andar do prédio da Secretaria de Segurança, um edifício de apenas três andares.

Seelig e Didi, dois tiras no banco dos réus

Didi Pedalada não sabe, mas ele teve muito azar nesse lance do seqüestro. Foi um pequeno detalhe que o perdeu. Naquela tarde do dia 17 de novembro, um outro fotógrafo deveria estar acompanhando o repórter Luís Cláudio Cunha, quando eles chegaram ao apartamento onde estavam seqüestrados Lilia, Universindo e as duas crianças.

Deveria ser Ricardo Chaves, o fotógrafo da Revista *Veja* em Porto Alegre, que não foi apenas porque se demorou um pouco em outro serviço. Ricardo, raramente fotografa futebol e não reconheceria Didi. Mas, como ele demorava, Luís Cláudio convidou João Batista Scalco, fotógrafo da Revista *Placar*, que há dez anos cobre jogos de futebol no estado.

Quando foram liberados os dois, Scalco comentou para o companheiro:

— **Tenho impressão de que conheço aquele cara. Acho que ele foi jogador.**

Daí foi o trabalho de forçar a memória e depois recorrer os arquivos de fotografias de jogadores nos jornais. Numa pasta com o time do Inter, de 1974, lá estava ele numa de suas últimas fotos com a camiseta do Colorado.

E assim, da noite para o dia, Orandir Portassi Lucas, o Didi, aos 34 anos e já começando a engordar, alcançou a notoriedade que ele perseguiu durante anos nos campos de

futebol. Uma incômoda notoriedade que — se o inquirido for rigoroso — deverá levá-lo com o dribble engraçado (passando o pé por cima da bola para frente e para trás, como quem pedala) que lhe valeu o apelido e com seus gols, a reforçar o time da cadeia.

— Sou muito amigo do Didi, fui eu quem falei com o Pedro Seelig...

Numa entrevista recente para um repórter de esporte, o ex-lateral-esquerdo Jorge Andrade, que jogou muitos anos no Internacional e é muito benquisto no clube, deu esta informação. Pedro Seelig, delegado do DOPS, é torcedor privilegiado do Inter: que assiste aos jogos da Tribuna de Honra, junto com a diretoria e entra nos vestiários para falar com os jogadores ao final das partidas.

Há outra versão que aponta o delegado Hugo Amorim, ex-diretor do Inter como a pessoa que ajudou Didi a chegar no DOPS. É possível que os dois — Seelig e Amorim — o tenham ajudado e uma coisa é certa: sem um bom pistão ele não teria conseguido entrar direto no DOPS já que, pelas vias normais, deveria primeiro cursar a Escola de Polícia e somente depois de concluído o curso se tornaria um funcionário do quadro efetivo do Estado.

Ele entrou em novembro de 1977, como "funcionário contratado em exercício" com a matrícula 119 329 53, ao mesmo tempo em que se matriculava na Escola de Polícia para fazer o curso de inspetor. Em 31 de agosto do ano passado, saiu formado: Orandir Portassi Lucas, inspetor de 1ª Classe, salário em torno de Cr\$ 3.500,00 por mês, fora os adicionais que o pessoal do DOPS recebe.

É do time de baixo, como se diz: novato, sem experiência nenhuma em serviços pesados, a tal ponto que logo no início, depois que foi identificado andou fraquejando. Numa roda com amigos no Bar New Jullius, próximo à Escola de Polícia, fez uma ameaçazinha:

— Se me pressionarem muito, eu falo tudo.

Depois sumiu uns dias e, provavelmente recebeu cobertura, pois reapareceu sorridente, procurando aparentar calma.

Nas quatro acareações a que foi submetido (duas na Polícia Federal e duas no DOPS), procurou mostrar-se tranqüilo, mas a impressão de Luís Cláudio é de que na Federal estava bastante tenso. Provavelmente devido à forma enérgica como o delegado Edgar Fuques, da Federal, conduziu o interrogatório. Mas disse que nunca viu nenhum dos dois jornalistas, quem nem conhecia a Rua Botafogo (apesar de ser uma rua próxima ao estádio do seu ex-clube e muito conhecida) e não cometeu nenhum deslize incriminador.

No DOPS, onde o delegado Marco Autélio Reis concentrou sua atenção em Luís Cláudio, ele estava mais à vontade. Entre Didi e o delegado se deu o seguinte diálogo:

— Que revólver você usa, Didi?

— Um 38, mas não costumo andar armado.

O delegado voltou-se para o jornalista:

— Que revólver foi apontado para você?

— Um 44 ou 45, respondeu Luís Cláudio.

— Então... disse o delegado.

Nesse momento, o advogado Werner Beck que assitia o jornalista chamou a atenção de Marco Aurélio: "Como é que ele anda desarmado se o estatuto policial obriga a todos os funcionários da polícia a usarem revólver?"

— É mesmo, respondeu o delegado. Não tinha observado... precisamos puni-lo.

Se considerarmos que a equipe do DOPS compõe uma pirâmide, Didi Pedalada está na base, embaixo, junto com a maioria dos aproximadamente 120 homens que hoje trabalham no órgão (o dobro do que tinha há 10 anos).

Pedro Seelig, ao contrário, está no topo. Delegado de 3ª categoria, só tem acima dele o diretor Marco Aurélio dos Reis. Bem vestido, cabelos cuidados, gestos elegantes, cultiva a imagem de um homem refinado. Mas é homem de ação.

Quando se levantou a suspeição de que policiais estariam envolvidos no seqüestro, o seu nome veio logo à tona, exatamente porque a fama que ele construiu é essa: o cara talhado para certo tipo de operação, arriscada e sigilosa.

Quando seu nome apareceu nos jornais pela primeira vez, em declarações do jurista francês Jean Louis Weill, Seelig ainda demonstrou senso de humor. Disse que era



Didi nas acareações: nunca viu os jornalistas, é um policial que não usa revólver e nem conhece a Rua Botafogo



A comissão da Ordem dos Advogados, em Montevidéu: em busca das provas

perseguição, por sua ação no desmantelamento dos grupos de esquerda que atuavam no Sul, e concluiu com certa ironia:

— Tudo o que acontece agora é culpa do Pedro.

Na manhã do dia 4 de janeiro, porém, quando foi identificado pelo garoto Camilo, já não conseguiu manter a mesma altivez. Diante do telefonema de um repórter que queria ouvi-lo a respeito reagiu irritado:

— Que é que vocês querem que eu diga? Que é verdade?

Depois não mais falou. Extra-oficialmente sabe-se que foi ouvido no inquérito da Polícia Federal, mas nada transpirou do seu depoimento. De qualquer forma não deixa de ser irônico para Seelig, hoje com 46 anos e uma longa carreira iniciada ainda no tempo da Polícia Civil, estar sendo acusado por um garoto de 8 anos, envolvido num seqüestro.

Há menos de um ano, ele esteve na cabeça das notícias, envolvido no seqüestro de seis garotos, todos com idades próximas a de Camilo. Só que naquela vez ele era o herói. Os garotos foram seqüestrados por um rapaz desequilibrado em busca de notoriedade e Seelig montou um gigantesco aparato para deslindar o caso.

Por ironia, também, foi um retrato falado feito com base nos depoimentos dos meninos que levou ao seqüestrador, Santino Ferreira da Silva, hoje, condenado a 10 anos de prisão.

Com esse caso, Seelig recuperou junto à opinião pública um pouco da imagem, abalada desde 1973 quando ele foi responsabilizado pela morte de Luís Carlos Arévalo, de 17 anos, seu enteado. O garoto morreu em consequência de um susto que Seelig mandou aplicar nele, no DOPS.

O caso foi um abalo em sua carreira. Foi afastado da chefia da Divisão de Segurança Social e ficou uma semana sem ir à Faculdade de Direito na PUC, onde estudava e se formou naquele mesmo ano. Recuperou o cargo depois (está nele até hoje) mas durante cinco anos andou um pouco apagado.

Mas se manteve, escudado na sua atuação no combate à subversão, que lhe rendeu o apelido de *Fleury dos Pampas*, dado pelos jornais e uma *Medalha do Pacificador* dada pelo Exército em 1973. Trunfos que ele usa até hoje.

Advogados: a decisão de ir até o fim

Um telefonema anônimo, em castelhano, bem marcado para o apartamento do presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Raymundo Faoro, no Rio:

— *Alô, Dr. Faoro? Em Montevidéu nós conhecemos um ótimo lugar para o Senhor e toda a comissão que vai tentar libertar Lilian Celiberti e Universindo Diaz ficarem hospedados uma temporada. O hotel não é muito bom, mas é barato — se chama Libertad!*

Só algum tempo depois de desligar o fone é que Raymundo Faoro, hoje o advogado mais respeitado do Brasil por sua luta em prol da volta ao Estado de Direito e defesa dos Direitos Humanos, se tocou e se indignou com a ameaça: Libertad é um dos nomes tristemente famosos de um presídio do Uruguai, onde além de preso, o infeliz ainda é obrigado a pagar pelo que come e bebe.

Destemido, Faoro não só denunciou o fato à Nação, como também, imediatamente ordenou à OAB/RS, naquele mesmo dia 19/12, para que escolhesse entre os seus conselheiros os mais agressivos para uma viagem de investigação ao País vizinho que certamente não seria fácil.

Os advogados haviam entrado no caso através de outro gaúcho, Omar Ferri, que naquela sexta-feira, 17/11, recebeu — tal como o jornalista Luís Cláudio Cunha um telefonema de São Paulo pedindo para que fosse ao apartamento da Rua Botafogo, no Bairro Menino Deus ver o que se passava. Ferri não hesitou um minuto. Sozinho, deixou sua casa, um verdadeiro sítio cercado de árvores e deixou de cachorros, no Bairro Tristeza, e por duas vezes foi até lá, primeiro às 18, depois às 21h30min — quando deixou um bilhete. Voltou no sábado de manhã e pela terceira vez não encontrou ninguém em casa.

LUTE CONTRA A ALIENAÇÃO.

DE UMA ASSINATURA DO COOJORNAL DE PRESENTE.

Preencha este cupom com o nome do seu amigo e envie ao Coojornal. **Tai uma sugestão criativa e inteligente.** Dando um assinatura do Coojornal, você estimula o debate.

faz seu amigo pensar, criticar, entender melhor que País é este. **E mais uma cabeça pensante na luta pela liberdade.**

COOJORNAL

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome:

Endereço: Fone:

Bairro: CEP: Cidade:

Estado: Profissão:

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome:

Endereço: Fone:

Bairro: CEP: Cidade:

Estado: Profissão:

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Ferri, um homem franzino e grisalho, procurou na segunda-feira, dia 20/11, a Polícia Federal para denunciar, aquilo que as autoridades durante um longo tempo trataram como uma história absurda e fantasiosa de dois jornalistas e um advogado.

— Não existe tradição no Brasil para que a polícia uruguaia entre aqui sozinha, sem o conhecimento de qualquer autoridade brasileira, coisa que fazem na Argentina habitualmente.

Essa convicção acompanhou o advogado e os jornalistas que desde a primeira hora acompanham o caso: não se tratava de um simples caso de desaparecimento, mas sim de um seqüestro que envolvia policiais brasileiros e uruguaio em evidente quebra da soberania nacional. Hoje, passados mais de 60 dias do fato, Omar Ferri diz:

— A partir do momento que nós, os advogados, pudemos ter provas concretas, desde o depoimento do jornalista Luís Cláudio, sobre a violação da Lei de Segurança Nacional e da soberania nacional, passamos a tomar medidas de convencimento. Com a denúncia do jurista francês, Jean Louis Weill, onde apareceu pela primeira vez o nome do delegado Pedro Carlos Seelig, a nossa luta para provar que houve seqüestro se tornou mais objetiva. A viagem ao Uruguai com a confirmação do depoimento de Camilo sobre o prédio da Secretaria de Segurança e a presença de Seelig entre os seus seqüestradores, finalmente tornou o trabalho amplamente satisfatório. Hoje a apuração dos fatos pelas autoridades é irreversível e não é segredo nesses pagos que ambas as polícias (Federal e do Estado), poderiam saber de toda a verdade há mais de 30 dias.

A visita de um outro estrangeiro, o jurista francês Jean Louis Weill, que chegou no Rio no dia 7/12, representante de três entidades odiadas no Uruguai (Movimento Internacional dos Juristas Católicos, Federação Internacional de Direitos do Homem e Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai), traria-a quase certeza do envolvimento das forças uruguaias no caso de Lilian e Universindo.

Recomendado por Raymundo Faoro ao Conselho Regional da Ordem, em Porto Alegre, Weill, em apenas 37 horas, daria grande contribuição às investigações de seus colegas gaúchos. E seria destrutado várias vezes nas suas andanças entre as autoridades brasileiras.

Disse Weill: "Existem militares treinados no reconhecimento de exilados uruguaio e agindo em vários pontos da América do Sul. E no apartamento da Rua Botafogo, estava presente na hora que o jornalista Luís Cláudio e o fotógrafo Scalco apareceram, pelo menos um uruguaio, que acompanhava a operação dos policiais brasileiros".

E mais: "Pedro Seelig, delegado do DOPS, comandou em campo a operação seqüestro".

Tanto Omar Ferri, como os membros da comissão da OAB/RS (o presidente Justino Vasconcelos e os conselheiros Otávio Caruso da Rocha e José Mariano Beck), destacados por Faoro, assistiram a forma descortês com que Weill, um homem sério e incisivo, foi tratado, pelo vice e futuro governador Amaral de Souza. Aos jornalistas, Weill daria uma demonstração de sua educação à francesa. Quando perguntado qual a sua impressão sobre as autoridades brasileiras e seu comportamento no caso, respondeu:



"Quando tiver a minha idade, tenho certeza que o senhor só terá compromisso com a verdade", disse o advogado ao delegado do Dops

— Não tive impressão, tive sentimento. E os meus sentimentos não os torno público!

Foi dele e de Raymundo Faoro que partiu a idéia da Comissão de Investigação da Ordem ao Uruguai. "Eu não posso ir lá, mas vocês brasileiros podem", disse Weill nos vários encontros com os juristas gaúchos.

Menos de dois dias depois dessa lição do jurista Weill apareceria um vilão, entre os advogados. Na quinta-feira, 11/12, na Galeria do Rosário, o conselheiro da Ordem, José Mariano Beck, foi abordado por um colega recém-formado e até então desconhecido. Era João Antônio Silveira de Castro e dele, Beck, ouviu uma bomba:

— Dr. Beck, queria que o Senhor falasse para o dr. Ferri que eu fui procurado por um cliente minha que está desesperada porque o irmão dela — um garotão que trabalha com o Seelig lá na polícia — está metido nessa história de seqüestro dos uruguaio.

Castro, com escritório no 21º andar da galeria se surpreenderia poucos minutos depois quando Beck, seu filho Herminio (também advogado) e Omar Ferri apareceram na porta de seu escritório. E chegou a dizer:

— Dr. Beck, o senhor agiu rápido, heim? E já começaria ali mesmo a desmentir e ocultar a verdadeira identidade do policial.

Faoro, menos de 10 dias depois de ameaçados, estava em Porto Alegre para se entrevistar pessoalmente com o Presidente do Conselho Regional e dar sua palavra de confiança à Comissão de Investigação que embarcaria no dia 2 de janeiro ao Uruguai. Seus quatro membros: o mesmo José Mariano Beck, antigo parlamentar; o constitucionalista Otávio Caruso da Rocha; o veterano Marcus Melzer; e Omar Ferri, o aguerrido defensor de Lilian e Universindo.

— A partir de nossa, chegada, dos porteiros de repartições públicas até ao Presidente da República, todo o Uruguai entrou em vacações...

Dias depois da viagem considerada um êxito, em sua casa na Bela Vista, Mariano Beck narrava assim o clima de recepção da comissão nas terras uruguaio. De todas as autoridades procuradas, apenas o cônsul da Itália se dignou a dar algumas informações aos advogados brasileiros. Em nome de seu embaixador, garantiu que já tinha pedido informações sobre Lilian e até mesmo uma entrevista entre o embaixador e ela. Mas não obtiveram resposta, ao contrário do procedimento em pelo menos outros 20 casos de presos uruguaio, "oriundi" italianos, aos quais o embaixador acabou por ter acesso.

Seguidos por agentes, fotografados ostensivamente, entortados de portas e repartições oficiais, os advogados da Comissão de Investigação acabaram por voltar vitoriosos ao Brasil, recebidos no sábado, Dia de Reis, com palmas e lágrimas dos familiares no Aeroporto Salgado Filho. Traziam o depoimento do menino Camilo Celiberti (que reafirmou ter estado por algumas horas preso do DOPS e reconheceu Pedro Seelig numa série de fotos) e tinham o convencimento pessoal de que a família Celiberti vive em constrangimento no Uruguai, além de que o seqüestro estava mais do que configurado. E como diz, Mariano Beck:

— Está provado que essa gente saiu daqui à força. Lilian tinha apartamento alugado, as crianças no colégio e tinha entrado legalmente no País com seu passaporte italiano. O depoimento do garoto é válido porque a idade não é problema, se não como Santino, o seqüestrador daquele time de garoto, seria condenado, se não com a palavra dos gurus? Trata-se apenas de um problema de convencimento do Juiz. E o que se vê nesse caso: a polícia investigado a própria polícia, um absurdo!

Da viagem dos advogados, Raymundo Faoro recebeu um relatório de 17 laudas, quase uma reportagem, no dizer do conselheiro Marcus Melzer. Ele que na semana seguinte se entrevistou com o governador Guazzelli (para quem fez um relato verbal) e posteriormente com os altos mandatórios da Polícia Estadual. Marcus Melzer com sua vasta cabeleira branca e seus 42 anos de militância na advocacia gaúcha, chegou na ocasião — conversando com o secretário Moura Jardim e o diretor do DOPS, Marco Aurélio dos Reis — a travar o seguinte diálogo com os dois policiais:

— Dr. Melzer — disse Marco Aurélio — o Senhor, um homem da sua reputação, defendendo essa gente que não passa de subversivos; que são capazes de matar, o Senhor me desculpe.

E teve que ouvir do veterano advogado uma resposta exemplar:

— Dr. Marco Aurélio, quando Senhor tiver a minha idade com certeza o Senhor só terá compromisso com a verdade!

Os dez dias que abalaram o mundo, a origem do capital, a nova mulher e outros assuntos reunidos numa coleção revolucionária.

COLEÇÃO BASES, da GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA. Textos relevantes, acessíveis ao grande público, nos mais diversos domínios, necessários à sua formação cultural básica.

A1 JOHN REED
"DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO"
2ª ed.
O mais vivo relato jamais publicado dos dramáticos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia em 1917. Cr\$ 90,00.

A2 MAIAKOVSKI
"POÉTICA — COMO FAZER VERSOS"
Trata-se da mais importante obra teórica de Maïakovski.

A3 KARL MARX
"A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO "PRIMITIVA"
Mostra objetivamente de que modo teve início o processo de acumulação do capital. Cr\$ 50,00.

A4 MARTA HARNECKER
"O CAPITAL — CONCEITOS FUNDAMENTAIS"
A autora assinala com grande precisão a validade teórica atual de "O Capital" e propõe um rigoroso plano de leitura destinado àqueles que se iniciam no seu estudo. Cr\$ 30,00.

MANUAL DE ECONOMIA POLITICA
LAPIDOS E OSTROVITIANOV

POÉTICA
COMO FAZER VERSOS
MAIAKOVSKI

A5 TURGOT
"REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DAS RIQUEZAS"
KARL MARX

A6 ALEXANDRA KOLLONTAI
"A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL"
Alexandra, porta-voz de uma visão ideológica de classe. Cr\$ 60,00.

A7 LEON TROTSKI
"COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO"
Os métodos, a organização e a estratégia utilizados na Revolução de Outubro. Cr\$ 50,00.

A8 WILHELM REICH
"PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL"
LEON

A9 LENIN
"AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO"
Cr\$ 50,00.

A10 STALIN
"MATERIALISMO DIALECTICO E MATERIALISMO HISTORICO"
Cr\$ 40,00.

Faça já seu pedido. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

A1... A2... A3... A4... A5... A6... A7... A8... A9... A10...

NOME:..... BAIRRO:.....

RUA:..... CEP:..... ESTADO:.....

Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
90.000 — Porto Alegre — RS

ASSINATURA

* Não cobramos despesas de remessa.

As autoridades, sessenta dias tentando negar os fatos

"É um caso muito estranho. Nenhum órgão de segurança foi responsável por esta ação. Estamos tão desinformados quanto qualquer pessoa." (Delegado Edgar Fuques, coordenador da Polícia Federal do RS, dia 20/11).

"É um caso de rotina, sem a menor importância. Provavelmente nem chegará a Brasília." (Paulo Leite, chefe da Divisão de Comunicação Social da Polícia Federal, em Brasília, dia 21/11).

"Quem foram os seqüestradores? Qual a posição das autoridades brasileiras em relação a um acontecimento como esse?" (Advogado Omar Ferri, advogado da família Celiberti, dia 22/11).

"Pelo amor de Deus, me entreguem ao menos os meus netos. Que culpa podem ter as crianças, têm apenas três e oito anos..." (Dona Lilia Terron de Celiberti, mãe de Lilian, dia 22/11).

"Para a Polícia Federal existe apenas um desaparecimento, não um seqüestro. É totalmente improvável que forças de segurança de um País vizinho entrem em nosso território sem ninguém saber. Temos certeza de que tudo ficará claro em pouco tempo, em 48 horas possivelmente." (Delegado Fuques, dia 23/11).

"Tão logo surgiu a notícia do desaparecimento do casal de uruguaio, mandei que a Polícia Federal apurasse tudo a respeito." (Armando Falcão, Ministro da Justiça, dia 23/11).

"Lilian Celiberti e Universindo Diaz foram presos quando entravam em território uruguaio, com material subversivo. As crianças foram entregues aos avós." (Notícia com base no Comunicado das Forças Conjuntas Uruguaio, dia 25/11).

"Tivemos dificuldades nas investigações, pois os repórteres só nos procuraram 72 horas depois que estiveram no apartamento. Agora, com o comunicado do Uruguai, o caso torna-se mais complicado, extremamente delicado." (Coronel Macksen de Castro, superintendente da Polícia Federal no RS, dia 26/11).

"A nota divulgada pelo Governo uruguaio esclarece o caso. E, dentro dessa idéia, não se pode admitir que militares do Uruguai tenham estado aqui." (Coronel Macksen de Castro, dia 27/11).

"Abrimos inquérito, a pedido do Ministro da Justiça. Isso significa que a Polícia Federal admite que possa ter ocorrido o seqüestro dos uruguaio." (Delegado Fuques, dia 27/11).

"Em 30 dias, a verdade total dos fatos será levantada." (Delegado Fuques, dia 29/11).

"A operação envolve um grande nome." (Advogado Omar Ferri, dia 29/11).

"O desaparecimento desses uruguaio é pinto, perto do que está por vir aí. Vamos esclarecer tudo no inquérito." (Coronel Macksen de Castro, ao viajar inesperadamente para Brasília, dia 30/11).

"Fomos levados para um prédio grande, parece um quartel, onde os policiais usam roupas comuns. Na frente, tinha um arroyo, que passava no meio de duas ruas... Vi também dois uruguaio em Porto Alegre." (Menino Camilo, filho de Lilian, dia 30/11, em Montevideu).

"As palavras do menino não assumem caráter de denúncia, pela absoluta falta de provas e evidências. Absolutamente, nenhum funcionário meu, do DOPS ou DCJ esteve com o garoto aqui nesta casa, pois eu seria, obrigatoriamente, informado." (Coronel Rubem Moura Jardim, Secretário de Segurança do RS).

"A resolução deste caso é uma questão de honra, não só para o Estado, como também para a Nação." (Sinval Guazzelli, dia 1/12).

"Não houve seqüestro. O inquérito segue normalmente e há possibilidade de esclarecimento do assunto dentro de 10 dias." (Coronel Macksen de Castro, dia 8/12).

"Foi um seqüestro, sem dúvida, tecnicamente igual a outros em que desapareceram muitos uruguaio em diversos países." (Jean Louis Weill, jurista francês, em Porto Alegre).

"Foi feita uma investigação preliminar e os resultados foram negativos. Agora será feita uma sindicância rigorosa para ver se houve envolvimento de policiais no seqüestro." (Governador Sinval Guazzelli, dia 8/12).

"Não descobrimos nenhum indício que pudesse levar alguém a acreditar que houve participação de policiais gaúchos." (Secretário Moura Jardim).

"Um dos seqüestradores é o delegado Pedro Seelig, do DOPS." (Advogado Jean Louis Weill, dia 11/12).

"Jean Louis Weill não tem nada a ver com isso." (Antônio Azeredo da Silveira, Ministro das Relações Exteriores, dia 12/12).

"E o ônus por eu ter acabado com o terrorismo e grupos subversivos no RS." (Delegado Pedro Seelig).

"Nada foi apurado que confirme a acusação do advogado francês." (Major João Barcelos, Relações Públicas da Secretaria de Segurança).

"Não aceito que esse advogado faça essa declaração, pois não sei em que ele se baseou para dar informações." (Coronel Rubem Ludwig, porta-voz da Presidência da República, dia 12/12).

"Um dos seqüestradores é Didi Pedalada." (Jornalista Luís Cláudio Cunha, dia 23/12).

"Desconheço qualquer participação de agentes do DOPS no caso." (Major João Barcelos).

"Este homem eu conheço... lá da minha casa em Porto Alegre." (Menino Camilo, vendo uma foto do delegado Pedro Seelig, dia 4/01).

"Se ele me viu, me conheceu pelas fotos, o que é que eu vou fazer?" (Delegado Pedro Seelig, dia 5/1).

"Todos os agentes do DOPS estão sendo inquiridos na sindicância." (Secretário Moura Jardim, dia 5/1).

"Não compreendi até hoje essa exploração que estão fazendo a respeito daqueles subversivos." (Coronel Peracchi Barcellos, ex-governador, vice-líder da Arena, dia 7/1).

"Não podemos partir do princípio de que houve cumplicidade brasileira, mas se houve os culpados serão punidos, no Brasil." (Ministro Azeredo da Silveira, dia 10/1).

"Quero que o caso seja resolvido agora." (Presidente Ernesto Geisel, dia 11/1).



Todo escocês é pão-duro,
menos na hora de beber Ye Monks!



Ye Monks'
Meridional Distillery

Andradas, 1234 - 6º andar
Fones 24-2760 e 24-2761 - Porto Alegre - 90.000

PRESTES AOS 81 ANOS:

"Estou certo de que voltarei"

Por José Antônio Pinheiro Machado

Em Paris, pouco antes de completar 81 anos (a maior parte vividos na clandestinidade ou no exílio), o líder do extinto Partido Comunista Brasileiro falou ao Coojornal. "Estou otimista", disse ele sobre a situação política do País

Primero nome da primeira lista de cassados de 1964, antes mesmo do presidente João Goulart; líder do Partido Comunista; comandante da Coluna Prestes, a maior marcha militar da História brasileira.

Eis as primeiras coisas que ocorrem a um repórter brasileiro em Paris, ao tomar conhecimento de que Luiz Carlos Prestes está na cidade. Num momento em que os políticos brasileiros de todas as tendências debatem a redemocratização — colocada pelo próprio Governo como irreversível — certamente não há tempo a perder: uma entrevista com Prestes é fato da maior atualidade.

Procurei o Partido Comunista Francês. A espera não foi longa. Uma semana depois conseguia a entrevista. A primeira impressão que se tem de Prestes: ele parece ter dez anos menos do que os 81 anos que completou no dia três de janeiro, 36 dos quais como secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro. Desde que foi eleito em 1943, quando estava preso, durante a chamada Conferência da Mantiqueira, exerceu a liderança do partido na legalidade apenas dois anos. O resto do tempo esteve preso, na clandestinidade e no exílio.

Quais são as suas expectativas, como político, para 1979?

Prestes — Inicialmente é importante destacar que a evolução dos acontecimentos no Brasil, nestes últimos meses, revela que se criou uma situação nova no País, caracterizada pelo avanço da oposição e por um acentuado desgaste do regime. Para a formação e o desenvolvimento desta situação nova, muito tem contribuído o novo nível alcançado pelas lutas econômicas, mas igualmente políticas.

Mas, apesar de seu crescente isolamento, a ditadura ainda persiste. Apesar de seu crescente desgaste, ela mantém seus conhecidos órgãos de segurança ou repressão policiais e militares. E o aparelho institucional permanece substancialmente íntegro, como ainda, dias atrás, era assinalado por eminente jurista, no *Jornal do Brasil*. Muito embora já não possa fazer tudo o que quer, a ditadura ainda mantém a iniciativa, e trata de intensificar suas manobras com o objetivo de confundir alguns setores da oposição. Com a sua pretensa reforma constitucional, e mais recentemente com a nova *Lei de Segurança Nacional*, manobra em que, ao mesmo tempo em que faz algumas concessões ao movimento democrático conserva, no fundamental, a essência arbitrária e fascista do regime.

É verdade que sofreu dura derrota nas urnas de 15 de novembro último. Mas não serão apenas eleições que derrotarão o regime fascista. Para tanto, é indispensável a ação organizada e unida das grandes massas de nosso povo pela conquista dos seus mais legítimos direitos, como, fundamentalmente, os de viver e trabalhar em condições menos desumanas. E, para tanto, é indispensável impulsionar a organização de uma ampla frente de luta pelas liberdades democráticas que reúna todas



Prestes: "No que me diz respeito, estou certo de que, como em 45, voltarei ao convívio do povo brasileiro"

as forças que se opõem ao regime. Antes de tudo, é necessário conquistar uma anistia geral, ampla e irrestrita para todos os condenados, presos e perseguidos políticos; a revogação de todas as leis de exceção, incluindo a Lei de Segurança Nacional; a supressão dos órgãos de repressão, como o DOI-CODI; a completa liberdade de associação, o direito de reunião e a livre manifestação do pensamento; a ampla liberdade de organização de partidos políticos, inclusive a legalização do partido Comunista Brasileiro; a liberdade e a autonomia sindical e o direito de greve. Somente asseguradas estas conquistas, haverá um clima democrático que permitirá a convocação de eleições livres e diretas para uma Assembleia Constituinte representativa de todas as forças sociais e políticas da Nação e, portanto, dotada de legitimidade.

Nosso empenho para unificar as forças que se opõem ao regime na luta pela conquista das liberdades democráticas está estreitamente ligado ao combate que nosso Partido sempre sustentou e sustenta pelas reivindicações mais sentidas de nosso povo, pela solução dos grandes problemas sociais que o afetam: a miséria, a fome, o desemprego, as enfermidades, o analfabetismo, etc. Em nenhum momento separamos a luta pelas liberdades das lutas pelos grandes problemas da Nação e do povo. Por isso nos empenhamos para que as principais reivindicações de todas as forças de oposição constem das plataformas democráticas que vão sendo formuladas no processo de luta contra a ditadura. E, em primeiro lugar, nos batemos por aquelas reivindicações que vêm sendo levantadas pela classe operária.

Entendemos que será nesse processo de luta, tanto por suas reivindicações específicas, como pelas liberdades democráticas, que a classe operária irá assumindo seu papel dirigente e seu esforço aglutinado de todas as forças que se opõem

ao fascismo, irá se transformando na força hegemônica da frente democrática. Está no caráter de massas dessa ampla frente de todas as forças democráticas, assim como no conteúdo mobilizador de suas bandeiras a única garantia da derrota definitiva do fascismo no Brasil.

Apoiar o MDB é uma questão de coerência

Muitas personalidades políticas, entre as quais algumas da oposição, condenaram o apelo que o senhor divulgou às vésperas da eleição. Inclusive, o presidente Geisel e o general Figueiredo o atacaram com violência...

Prestes — Confesso-lhes que ao lançar aquele apelo estava longe de imaginar que dele fizesse, nossos inimigos e tantas pessoas equivocadas, tão grande divulgação. Desde o início do ano que, através de *A Voz Operária*, já chamávamos o povo a participar ativamente na campanha eleitoral e para não deixar de votar. E isto não podia ser senão no único partido de oposição, cuja existência é permitida pela ditadura. O festival de asneiras e de insultos assacados àquele apelo final, tem, portanto, um claro sentido político: revela o desespero da ditadura que já podia prever a derrota e, de outro lado, o falso espírito democrático de muita gente que pretende passar por democrata mas se deixa influenciar pela discriminação anticomunista que é a arma predileta e mais característica do fascismo. Nossa decisão de votar e concluir a votar nos candidatos do partido de oposição — o MDB — não foi uma simples manifestação de repúdio ao regime ditatorial. Foi também uma forma de levar à prática o nosso propósito de unidade com todas as forças democráticas. Votan-

do nos candidatos da oposição legal fomos coerentes com nossas posições políticas, que são claras e conhecidas: partimos do princípio de que nossa atividade deve estar voltada para a ampliação e fortalecimento de todas as forças que se opõem ao regime, para a organização destas forças na luta pelas liberdades democráticas. Consideramos que nosso apelo para votar nos candidatos do MDB corresponde a uma visão unitária de formação de alianças, visando a conquista de uma democracia que avance e se aprofunde rumo ao socialismo.

Por isso, não podemos aceitar a separação entre a democracia em geral e seu conteúdo concreto, não podemos concordar com qualquer tipo de discriminação em relação aos comunistas. Nosso partido, como força democrática que é e sempre foi, não abdica de seu legítimo direito de participar da vida pública nacional. Quem se diz democrata, mas ao mesmo tempo pretende excluir os comunistas da frente democrática, está na prática fazendo o jogo do regime contra o qual se propõe a lutar, está alimentando perigosas ilusões de que seja possível construir uma democracia real sem a participação das massas populares e da classe operária, cujos interesses reconhecidamente o Partido Comunista Brasileiro vem representando há mais de 50 anos. Que ninguém se iluda: o fascismo só poderá ser vencido por uma frente muito ampla, que inclua todas as forças políticas por ele prejudicadas, desde os comunistas até os setores mais moderados. E para que essa frente se torne realidade, uma das condições mais importantes é o abandono de todo e qualquer tipo de discriminação odiosa, como é o caso do anticomunismo — a discriminação ideológica e política de uma componente fundamental como o PCB, o que é comprovado por todo seu passado de lutas pelos interesses da classe operária e de nosso povo.

Quanto aos ataques dos senhores

Geisel e Figueiredo, são uma honra. Eles revelam, como já afirmei, o desespero da ditadura diante do repúdio generalizado de nosso povo, que mais uma vez a derrotou nas urnas. As provocações anticomunistas, as tentativas de isolar os comunistas do movimento democrático, de apresentar o PCB como uma força antinacional e antidemocrática, fracassaram. Ficou provado que a esfarrapada bandeira (ou indústria?) do anticomunismo está cada vez mais desacreditada junto às grandes massas que não deixaram de votar no MDB, apesar de todos os esforços desenvolvidos pelo regime para evitar uma derrota que a ditadura já não podia deixar de prever. O casuismo escandaloso do pacote de abril já não lhe bastava para impedir a aberta manifestação de repúdio ao regime pelo voto popular, como efetivamente aconteceu.

Acha que o apelo influiu no resultado das eleições?

Prestes — Um documento como o apelo para votar nos candidatos do MDB, assinado por mim em nome do PCB, é apenas o coroamento de todo um trabalho. Não tem o poder de, isoladamente, modificar nada. Mas a repercussão que teve é reveladora do que representam os comunistas na sociedade brasileira. O que influiu decisivamente no resultado eleitoral foi a vontade majoritária expressa na unidade e no esforço conjunto das forças que se opõem à ditadura, inclusive fora do MDB — na Arena e nas Forças Armadas — em torno do objetivo comum de derrotá-la nas urnas. Foi a intensa atividade desenvolvida pelas mais diversas forças políticas durante os meses que antecederam o 15 de Novembro. Para o êxito dessa atividade contribuíram decisivamente os militantes de nosso Partido, que com abnegação e despreendimento participaram do trabalho de esclarecimento do eleitorado, mostrando a importância de votar contra a política antipopular e antidemocrática da ditadura. A campanha eleitoral e os resultados das urnas mostraram que o trabalho foi coroado de êxito, apesar do pacote de abril, da Lei Falcão, do anticomunismo, da corrupção, da fraude eleitoral e de todos os tipos de pressões empregados pelo Governo para favorecer a Arena.

Os resultados das eleições mostram o desgaste do regime

Quais as conclusões que os comunistas retiraram do resultado da eleição de 15 de novembro?

Prestes — Inegavelmente trata-se de uma nova e importante vitória da oposição, ou seja, uma derrota da ditadura.

“É fundamental não só manter, consolidar e ampliar a unidade das forças congregadas no MDB, mas, principalmente, empenhar-se na luta pela conquista dos objetivos democráticos que estão inscritos no programa do MDB”



Arquivo Coojournal

Segundo os últimos dados de que dispomos, nas eleições majoritárias para o Senado, a diferença a favor do MDB atinge 5 milhões de votos. É uma cifra expressiva que fala por si mesma, revelando que as coisas não podem continuar como estão, que existem forças dispostas a mudar a situação existente. É de notar também como um bom sinal dos tempos e da maior maturidade política do eleitorado a derrota que sofreram nas urnas os parlamentares mais vacilantes e reacionários. O que levou a um sensível deslocamento para a esquerda na composição dos órgãos legislativos em comparação com a composição anterior. Consideramos de enorme importância a esmagadora vitória do MDB nos grandes centros urbanos e em estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde não só está concentrada a grande maioria da classe operária, como os setores mais politizados e conscientes de nosso povo.

Os resultados eleitorais de 15 de Novembro último confirmam e reforçam os de 74, deixando claro que estes não foram um acontecimento eventual. Nosso povo, votando maciçamente nos candidatos do MDB, expressou mais uma vez seu descontentamento crescente com a situação de fome e miséria, com a carestia e os baixos salários, e deixou claro seu repúdio ao terror e à corrupção, ao arbítrio e à falta de liberdade, reinantes no País há quase 15 anos. Mas, nestas eleições o povo não só votou contra a ditadura; pronunciou-se também por algo novo, por uma política social diferente, pelas liberdades, pela soberania nacional. E nenhum dos expedientes a que recorreu o regime conseguiu impedir a derrota eleitoral da Arena e, portanto, da ditadura. Somente um sistema eleitoral fraudulento, antidemocrático e injusto permitirá ao Governo manter uma maioria vada vez menos expressiva no Senado, na Câmara e na maioria das Assembléias Legislativas. Não obstante os esforços que desenvolveu para evitar a derrota nas urnas, a ditadura se defronta com uma situação de ilegitimidade ainda mais evidente, em que o sucessor do atual ditador, o general Figueiredo (monarquicamente escolhido pelo senhor Geisel), terá que governar com uma maioria pouco representativa no parlamento. A ilegitimidade do regime é tão evidente que até os próprios homens do Governo, como o futuro vice-presidente, senhor Aureliano Chaves, são obrigados a reconhecer publicamente que “não adianta tapar o sol com a peneira”, pois a vitória é da oposição.

Os resultados de 15 de Novembro acentuaram ainda mais o desgaste que vem sofrendo o regime, deixando ainda mais evidente seu isolamento e suas crescentes dificuldades. Criaram-se novas e amplas possibilidades para o avanço das lutas pela democracia tanto no parlamento, como no

movimento de massas. Tornou-se possível ampliar o espaço e elevar o nível de lutas de todas as forças democráticas. Consolidada-se, assim, a unidade, tanto nas bancadas oposicionistas no Senado, na Câmara Federal e nas Assembléias Legislativas, como no movimento popular de oposição em geral. O que constitui uma valiosa contribuição para impulsionar o processo de formação da frente democrática. Nesse sentido, é fundamental não só manter, consolidar e ampliar a unidade das forças socialmente heterogêneas hoje congregadas no MDB, mas principalmente empenhar-se para que estas concentrem seus esforços na luta pela conquista dos objetivos democráticos inscritos no programa do MDB.

Apesar de tudo, o PCB continua unido e atuante

Em 1975 e 76, a imprensa brasileira noticiou amplamente a prisão em massa de membros ou supostos membros do PCB. O Partido Comunista foi esfacelado ou continua organizado?

Prestes — O golpe militar de 1964 foi dirigido principalmente contra a classe operária e contra o nosso Partido. Desde o início sempre pretendeu, como ainda pretende, liquidar nosso Partido, em que vê, com razão, seu inimigo mais conseqüente. O que freqüentemente muda são os métodos que adota e o sentido que dá à repressão. A partir de 1974, desde o princípio do Governo Geisel, tentou a reação decapitar nosso Partido, através da prisão e do seqüestro de numerosos membros de nosso Comitê Central. Sem deixar, ao mesmo tempo, de continuar prendendo valiosos militantes e outros dirigentes que foram barbaramente assassinados após sofrerem torturas indescritíveis, que agora a imprensa brasileira está começando a denunciar. São heróis do P.C.B., como Célio Augusto Guedes assassinado pelo Cenimar, que como aconteceu com o jornalista Herzog, para seu assassinato foi dada a versão de suicídio. Soubemos, igualmente, da morte na tortura do jovem José Montenegro de Lima. Mais dez membros do Comitê Central foram seqüestrados e as autoridades negam-se, até hoje, a dizer do destino que lhes deram ou mesmo a entregar seus corpos caso os tenham assassinado, como é de prever. São heróicos filhos do povo como David Capistrano da Costa, Itair José Veloso, Elson Costa, Walter de Souza Ribeiro, Luis Ignácio Maranhão, João Messena Mello, Hiram Lima Pereira, Jaime Miranda Amorim, Orlando Bonfim Junior e Nestor Veras.

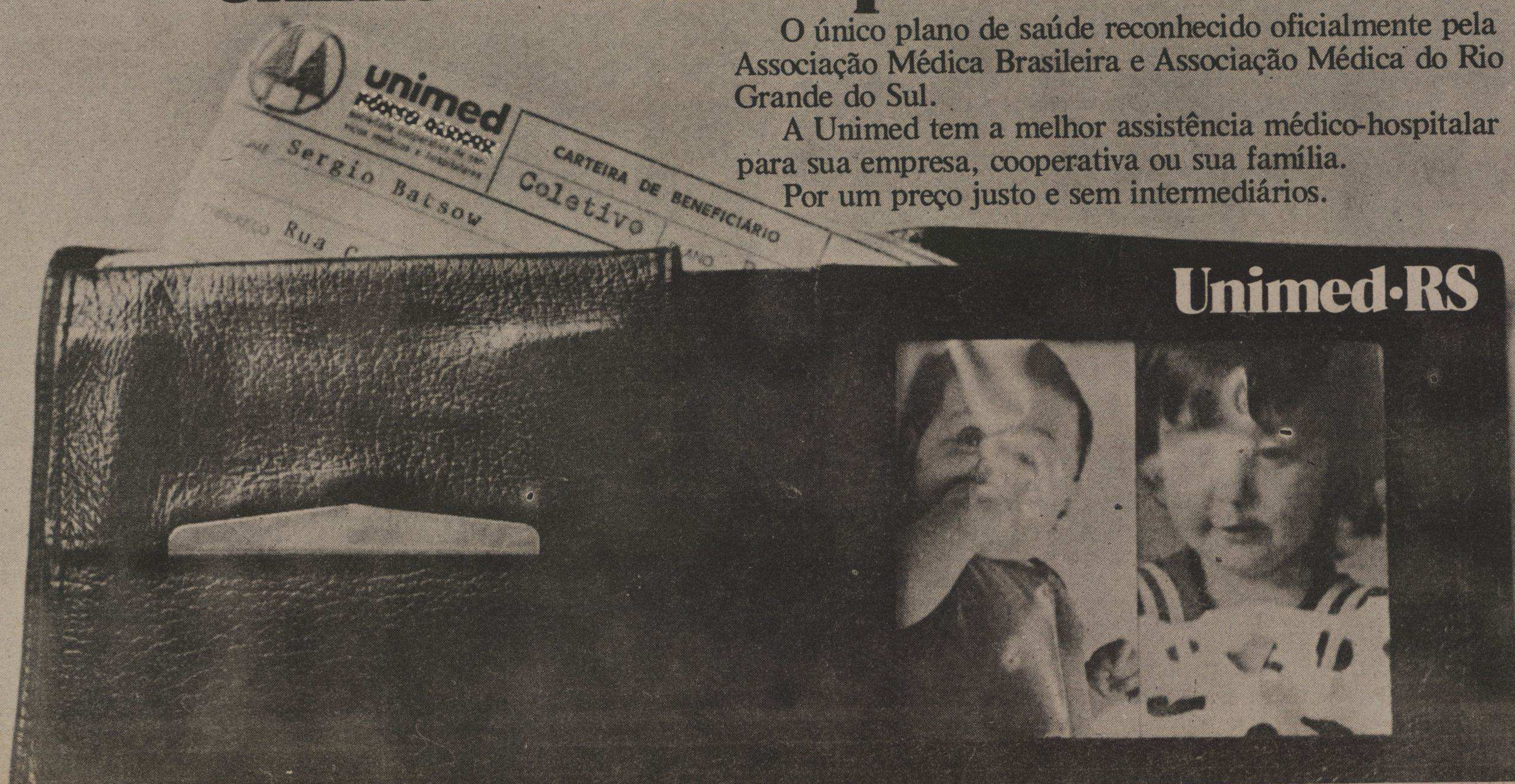
Mas o P.C.B. não foi esfacelado, não obstante os duros golpes que sofreu. Con-

Unimed. Uma cooperativa de saúde.

O único plano de saúde reconhecido oficialmente pela Associação Médica Brasileira e Associação Médica do Rio Grande do Sul.

A Unimed tem a melhor assistência médico-hospitalar para sua empresa, cooperativa ou sua família.

Por um preço justo e sem intermediários.



tinua unido e atuante, participando ativa e efetivamente das lutas dos trabalhadores e demais setores do nosso povo. Reorganiza-se e luta em estreita ligação com as massas, mantendo seu caráter de partido verdadeiramente democrática e profundamente nacional, apesar da situação de clandestinidade que lhe foi imposta pela feroz repressão fascista. Entendemos que a nova situação criada no País torna necessária, oportuna e inadiável a luta pela livre organização dos partidos políticos e, em particular, pela legalidade para o P.C.B. Nossa luta pela democratização da vida nacional e, ao mesmo tempo, a luta pela legalidade do Partido, por nosso direito a atuar publicamente, a funcionar nas mesmas condições democráticas pelas quais lutamos para todos os partidos.

Nosso objetivo, nossa perspectiva na organização do Partido é a construção de um grande partido, de massas implantado em todos os setores da vida nacional, um partido com cujo programa e atuação se identifiquem todos os trabalhadores, manuais e intelectuais, todos os brasileiros que anseiam por uma sociedade efetivamente democrática, em marcha para a abolição da exploração do homem pelo homem e que leve à construção do comunismo em nossa Pátria. Esse é um dos motivos pelo qual lutamos com empenho pela legalidade para o P.C.B.

O senhor acredita na abertura anunciada pelo Governo atual e que o General Figueiredo se compromete a garantir?

Prestes — Antes de tudo, é necessário destacar que não subestimamos a força do regime, nem descartamos eventuais contra-ataques autoritários ou fascistas de parte das forças defensoras dos interesses dos monopólios e da oligarquia dominante. Porém, como se diz na última Resolução Política de nosso Comitê Central, a tendência principal, hoje dominante em nosso País, é no sentido da expansão do movimento de oposição e no aguçamento da luta de classe. Tende, assim, a crescer a unidade e organização das forças de oposição, o que poderá levar a um desgaste cada vez maior do regime e finalmente a sua definitiva derrota. As reformas que devem entrar em vigor em 1º de janeiro, têm um evidente caráter continuísta. Embora incluam de maneira deformada, algumas das reivindicações mais inadiáveis exigidas pela sociedade, no fundamental, asseguram a dominação das forças reacionárias e fascistas. Na verdade, faz concessões extremamente limitadas e já anacrônicas, antes mesmo de serem colocadas em prática.

A democracia terá que ser conquistada pelo movimento democrático, não será jamais uma concessão do Sr. Geisel, Figueiredo ou de qualquer outro ditador. As "reformas" não passam de mais uma manobra da ditadura. Só as forças que efetivamente lutam pela democracia, organizadas e unidas, conquistarão o regime democrático pelo qual aspira todo o povo brasileiro.

A legalização do PC é condição para a democracia

O P.C.B. é a favor da anistia recíproca?

Prestes — Como já dissemos, lutamos por uma anistia geral, ampla e irrestrita para todos os condenados, presos e perseguidos políticos. Nessas condições, o que quereria dizer anistia recíproca? Haverá hoje no País policiais e torturadores condenados, presos ou perseguidos? O que existe na verdade são as vítimas da repressão fascista e das torturas, como a imprensa brasileira vem revelando nestes últimos tempos. Poucas famílias não foram atingidas, direta ou indiretamente, pela repressão violenta, pela tortura e o assassinato de parentes e amigos. É perfeitamente legítima a indignação existente e o anseio de justiça, o que não quer dizer nenhum revanchismo. A punição dos torturadores é uma questão que diz respeito às leis e à justiça de um regime democrático e vai depender, exclusivamente, da vontade do povo a quem será entregue a livre elaboração da Constituição do país. Considero, por exemplo, como uma vitória importante de todos os democratas a decisão tomada por um jovem Juiz de São Paulo, condenando a União no caso do assassinato de Wladimir Herzog. Esta sentença honra a justiça brasileira e revela que os fascistas não conseguiram corromper e aviltar a totalidade de seus membros. Agora são os familiares de Rubem Paiva e

Fiel Filho que se declaram dispostos a levar adiante o esclarecimento desses casos tenebrosos na história recente de nosso País. E este é, sem dúvida, o caminho a ser seguido por outras numerosas famílias vítimas do sistema de repressão montado em nosso País.

E a reorganização partidária pretendida pelo Governo é positiva? Qual a posição dos comunistas diante dos novos partidos?

Prestes — Antes de mais nada, é preciso repetir que somos a favor da completa liberdade de organização de partidos políticos. Existem em nosso País várias correntes políticas que correspondem a interesses sociais diferentes. E essas correntes devem ter o direito de se organizarem autonomamente, de definirem programas próprios, de estabelecerem alianças, de lutarem para obter o apoio do povo brasileiro para suas propostas políticas, econômicas e sociais. Entre elas incluímos o PCB, cuja legalização será um índice do nível atingido pela democracia no País. Consideramos, porém, que enquanto o País viver sob o atual regime de arbítrio — mesmo que se trate do *arbitrio reformado* (como disse o presidente do MDB) — a oposição democrática deve manter e reforçar sua unidade na luta pela conquista de um regime democrático. Como é sabido, o MDB é hoje uma frente das oposições, um canal de expressão do anseio generalizado por liberdades, um instrumento valioso de resistência e combate ao arbítrio, como o revelaram as recentes eleições de 15 de Novembro. A eventual fragmentação do MDB, nas atuais condições, pode ser uma manobra do regime e servir aos seus propósitos de dividir a oposição e, desse modo, neutralizar ou minimizar a derrota que foi imposta à ditadura.

A verdade é que, enquanto persistir este regime, não haverá condições para a criação de novos partidos, partidos de bases populares, chamem-se democratas, socialistas ou trabalhistas, pois a própria legislação partidária impede a formação de partidos e agremiações populares. É impossível em nosso País, uma reformulação partidária democrática dentro dos limites do atual regime fascista. Para derrotar o projeto reacionário de reformulação partidária é necessário conquistar o direito à livre associação dos cidadãos nos mais diferentes níveis. Concordamos com as opiniões emitidas pela grande maioria dos representantes do MDB no sentido de mantê-lo unido como frente de oposições, uma vez que na plataforma do MDB estão expressas as reivindicações mínimas que unem todos os democratas e que continuam na ordem do dia enquanto persistir o atual regime. Deve ficar claro que o que defendemos e promovemos é não tanto o MDB como partido político, mas a frente única que ele representa. Isso não significa questionar o direito de várias tendências existentes no seu interior a se articularem livremente tendo em vista sua futura organização em partidos políticos autônomos, no momento em que as liberdades democráticas forem conquistadas. O que pretendemos evitar é que essa articulação leve à desagregação da frente política oposicionista, que só serviria aos propósitos continuístas do regime militar-fascista.

O PCB é visto, na simplificação dos jornais da grande imprensa, como um "Partido pró-soviético". Como vê, neste contexto, as relações com a União Soviética?

Prestes — Nosso Partido e todos os Partidos Comunistas e Operários que participam do movimento comunista internacional, são completamente autônomos. A partir de 1943, com a dissolução da Internacional Comunista, deixou de existir no movimento comunista internacional um centro dirigente e qualquer Partido guia, e isto se deu em consequência do próprio amadurecimento na formação dos partidos e a grande diferenciação da situação que cada um enfrentava. Hoje é princípio básico das relações entre partidos a solidariedade internacional e o apoio mútuo, assim como a não interferência nos assuntos internos de qualquer partido.

Nosso Partido, como acontece com os demais Partidos Comunistas e Operários, é o único responsável pela elaboração de sua linha política, pela aplicação do marxismo-leninismo às condições concretas de nossos País e estudamos, com a maior atenção, a experiência de todos os partidos irmãos e em particular do Partido Comunista da União Soviética, como o primeiro a construir o socialismo. Nossas relações com o Partido Comunista da União Soviética estão baseadas no princípio de que a revolução não se exporta; é o resultado da luta de cada povo, da luta das forças

políticas e partidos nacionais. De nossa parte, consideramos a União Soviética como a primeira e grande realização do movimento comunista e a principal componente das forças revolucionárias da atualidade, como País que ajuda todos os povos que lutam pela independência nacional e progresso social, e dá uma contribuição decisiva para a manutenção da paz mundial.

Eurocomunismo é expressão criada pela burguesia

O PCB rejeita o eurocomunismo?

Prestes — A expressão *eurocomunismo* é, evidentemente, inadequada; ela foi criada pela burguesia com a intenção de dividir o movimento comunista, no entanto, ela hoje é usada por diversos partidos do Ocidente Europeu como expressão do terreno comum entre eles existentes, malgrado as divergências que, também, entre eles existem. O marxismo não é um dogma, mas um guia para ação. Cada Partido Comunista aplica os princípios comuns do marxismo-leninismo à realidade concreta de seu País. E, no mundo atual, essas realidades são cada vez mais diversificadas e complexas. A situação nos países da Europa Ocidental, por exemplo, era e é muito distinta daquela que existiu na Rússia de 1917, quando da Grande Revolução Socialista de outubro. É portanto, perfeitamente válido o esforço dos partidos comunistas dessa região do mundo, como de todas as demais regiões, de encontrar seus próprios caminhos para o socialismo, o que, certamente, não invalida a existência das leis gerais da revolução e da construção do socialismo, leis gerais que, quando ignoradas, podem levar o movimento revolucionário a sofrer sérias derrotas.

O *eurocomunismo* é produto de diferentes e contraditórias tentativas de explicar os condicionamentos e as dificuldades que atravessa o processo de emancipação social da classe operária nos países capitalistas desenvolvidos. Como tentativa de interpretação, trata-se de hipóteses a serem testadas na prática social. Como sempre, a prática é o critério da verdade. Temos as melhores relações com todos os partidos do movimento comunista internacional, excetuando-se o chinês, portanto não repudiamos nenhum partido pela posição que assumam, embora não nos deixemos iludir ou envolver pelos "modismos" da imprensa burguesa, que procura dividir os comunistas geograficamente. Somos partidários de uma reflexão e discussão séria de todos os problemas nos marcos das relações entre os Partidos Comunistas.

Sou otimista. Creio que a volta está próxima

Um dado novo nos anos 60 foi o surgimento de grupos "à esquerda" do PCB. Alguns antigos dirigentes comunistas, como Carlos Marighela, Mário Alves e outros, dele participaram. Como o senhor vê o fato?

Prestes — Após uma derrota, como a que sofremos quando do golpe reacionário de 1964, pode-se compreender a impaciência e o desespero de uma parte da esquerda, o que se manifestou num *surto esquerdista*, como o que ocorreu naquele período. Alguns antigos dirigentes do nosso Partido, como Carlos Marighela e Mário Alves, e muitos jovens honestos e combativos pensavam que com seu exemplo, sem um longo e difícil trabalho de educação e organização das massas, seria possível pôr abaixo a ditadura. Repetiam, uma vez, mais, um erro muito conhecido na história mundial: o voluntarismo e o subjetivismo. Pensar que um pequeno grupo de homens bem-intencionados pode substituir o papel das massas na revolução. O PCB lutou contra esse tipo de concepção e tudo fez para evitar que esse caminho fosse trilhado por muitos jovens equivocados. Lamentavelmente numerosos foram os militantes dos grupos esquerdistas que perderam suas vidas nesse tipo de atividade. Hoje, a grande parte dos que sobreviveram estão de acordo conosco, reconhecem que o principal é trabalhar junto às massas, esclarecendo-as, organizando-as e mobilizando-as na luta contra a ditadura.

Eu já teria direito à aposentadoria mas...

Alguns exilados já voltaram. Outros, como Leonel Brizola, estão anunciando a volta. Quando é que o senhor volta ao Brasil?

Prestes — Antes de tudo, o exílio para mim e outros dirigentes do PCB não foi uma opção, mas uma imposição diante da fúria repressora contra nosso Partido e particularmente sua direção. Consideramos uma discriminação inaceitável o afastamento dos comunistas de uma participação efetiva na vida política nacional. Não haverá democracia enquanto os comunistas ou outra qualquer força política continuar a ser discriminada. Quando lutamos pela anistia, estamos certamente lutando também pela volta ao País dos dirigentes de nosso partido que se encontram no exílio. Quando lutamos pela legalidade do PCB, estamos também lutando pelo nosso direito de atuar livremente no Brasil. No que me diz respeito, estou certo de que, como em 1945, voltarei ao convívio do povo brasileiro, que cada vez mais se mostra empenhado numa campanha vigorosa e de âmbito nacional a favor da anistia ampla, geral e irrestrita. Sou otimista e creio que a volta está próxima.

O chamado "processo do PCB", com absolvições (na verdade por prescrição) tem algum significado político maior?

Prestes — O que ocorreu não foi propriamente uma absolvição; o que teve lugar foi uma sentença considerando a extinção da culpabilidade, uma vez que a pena máxima aplicável pela Lei de Segurança Nacional, em virtude do tempo decorrido, estava já naquela data, prescrita. Mas o importante não é isso, e sim o clima de repulsa geral contra a repressão fascista. Considero que a sentença judiciária que beneficiou a mim e a diversos outros dirigentes do PCB deve ser encarada como uma consequência desse clima criado pela luta das forças democráticas em nossa pátria. Vejo essa sentença como uma vitória política de todos os democratas e patriotas, como uma vitória de nosso Partido, como um demonstração de que é importante e necessário continuar lutando pela anistia, pela revogação das leis repressivas e pela liquidação dos órgãos repressores.

Quais são as relações do PCB com a Igreja Católica?

Prestes — Importantes setores da Igreja e de movimentos sob sua influência vêm desempenhando um papel de destaque na luta pelas reivindicações populares e pelas liberdades tanto na cidade, como no campo. Por isso, consideramos que a unidade do movimento popular pressupõe uma correta valorização deste papel positivo da Igreja e a luta pela unidade com as massas católicas. Entendemos que importantes setores da Igreja Católica, comprometidos com os sofrimentos das massas populares, desempenham um papel fundamental na luta pela democracia. E tudo faremos para que o continue tendo, mesmo depois da conquista das liberdades democráticas, no processo de edificação de uma democracia que se aprofunde e amplie em direção ao socialismo.

Quem dirige o PCB? E como se coloca a sua sucessão na direção do PCB?

Prestes — Entre os Congressos — e o Congresso é o órgão máximo do Partido — quem dirige o PCB é o seu Comitê Central, eleito pelo último Congresso. Nosso trabalho de direção é coletivo e, por isso, o problema não se coloca em termos de sucessão, e sim de continuidade, de renovação e integração na direção dos homens de diferentes gerações. Temos muitos quadros jovens e capazes de integrar os coletivos de direção. Eu já teria direito à aposentadoria, mas as circunstâncias históricas me colocaram numa situação em que meus camaradas consideram que devo continuar no posto de secretário-geral do Partido.

Por último, como o senhor faz para se manter tão atualizado com as coisas do Brasil?

Prestes — Mantenho múltiplos contatos com correligionários e amigos no País e no exterior e procuro acompanhar, cotidianamente, a imprensa brasileira e internacional, assim como uma parte do que é publicado hoje no Brasil.

Elas esperam o irmão (há 56 anos)

São quatro senhoras idosas, mas mesmo os parentes evitam procurá-las. São as irmãs de Luís Carlos Prestes que vivem no Rio, praticamente sozinhas. Por causa do *Mano* sofrem perseguições desde o Governo de Artur Bernardes

São nove horas da noite, o televisor ligado anuncia mais um capítulo da série *Holocausto*, que mostra o massacre dos judeus pelos nazistas. Dona Lígia ergue-se, rápida:

— Deixa desligar isso aqui, não posso ver estas coisas.

Depois explica, serenamente:

— Essas cenas me deixam triste. Minha cunhada morreu assim, numa câmara de gás.

Uma conversa com as irmãs de Luís Carlos Prestes é toda assim, cheia de lances perturbadores. Mesmo quando se toca nos assuntos mais corriqueiros. Por exemplo:

— A Senhora não tem um álbum com fotos da família? Gostaríamos de reproduzir...

Dona Lígia sorri com condescendência:

— Meu filho, desde que o nosso *mano* saiu de casa, em 1922, nós nunca mais fomos uma família normal, assim em condições de tirar fotos familiares, essas coisas... Já fazem 56 anos, não é?

Dona Lígia tem 65 anos, é a mais moça das quatro irmãs de Prestes, que vivem no Rio de Janeiro, num isolamento quase completo, rompido apenas por uns raros amigos. Devido à perseguição sistemática que sofrem desde o Governo Artur Bernardes e que se intensificou muito a partir de 64, mesmo os parentes se afastaram delas.

— Nós temos uns primos que moram aqui em Niterói, mas eles não nos visitam, nem telefonam... a gente entende, as pessoas têm as suas vidas.

Talvez por isso, elas relutam tanto em nos receber no pequeno apartamento no tradicional Bairro do Catete, no Rio, onde moram Dona Elizabeth e Dona Clotilde (Dona Lígia mora em outro apartamento em Botafogo).

Clotilde tem 80 anos (Prestes é o mais velho, completou 81 anos no último dia 3 de janeiro), Heloísa tem 78 anos, Lígia tem 65 anos e Lúcia tem uma idade intermediária entre as duas últimas. De Lúcia, porém, elas preferem não falar:

— Ela é casada, adota o nome do marido, trabalha numa repartição pública. Se a gente falar dela, vai acabar sendo prejudicada. Um dos nossos problemas sempre foi trabalhar, porque só pessoas muito amigas nos dão emprego.

Conversamos com Dona Lígia e Dona Elizabeth, pois Dona Clotilde não está em casa. Percebe-se claramente que a mais moça exerce a liderança entre as quatro. Fala com firmeza, preocupa-se em não deixar a impressão de que está se queixando ("Há pessoas que sofreram muito mais do que nós"). Às vezes atalha declarações da irmã que julga inconvenientes (a irmã ao contrário é ingênua, bondosa, com ar de tia), custa a perder a desconfiança.

— Aonde é que vocês vão publicar isso? Vocês vão publicar? Olha que é perigoso, eles não deixam sair nada sobre nós...

Na verdade, as duas apareceram nos jornais do Rio, no dia 20 de setembro do ano passado, quando houve o julgamento do chamado *Processo do Partidão* — 63 pessoas acusadas de tentarem reorganizar o Partido Comunista. Todos foram absolvidos, inclusive oito dados como desaparecidos (acredita-se que foram mortos) e Luís Carlos Prestes, que desde 1971 vive em Moscou.

Foi a foto das duas, simpáticas, sor-



Lígia (65 anos) e Heloísa (78 anos): "Não fale em sofrimentos, nem em velhice"

ridentes que nos despertou a curiosidade: como vive a família do bicho-papão? Prestes, um ex-capitão que trocou uma promissora carreira no Exército pela militância revolucionária, é seguramente uma das figuras mais conhecidas e mistificadas da história política do País neste século.

Vive no exílio ou na clandestinidade desde 1924, com pequenos intervalos, e sobre o seu nome pesa uma maldição oficial sem precedentes, pelo fato de ser há 36 anos o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro. Em certas áreas, especialmente das Forças Armadas, o nome Prestes é um estigma.

No início deste século, no entanto, identificava apenas a família de um advogado de Porto Alegre que teve um de seus filhos, um jovem militar, casado com Maria Leocádia, filha do engenheiro e líder positivista Joaquim José Felizardo. O casal teve cinco filhos, quatro meninas e um menino "pequeno e enfermizo" de temperamento discreto, introvertido. Aplicado nos estudos, sensível, identificando-se com a mãe no gosto pela música. A mãe

tocava piano, ele chegou a tocar cítara razoavelmente.

— Se não se tornasse um revolucionário, seria um artista, um poeta, diz Dona Lígia com evidente orgulho.

A família morou em Porto Alegre, em Alegrete e depois no Rio. E o único varão seguiu, a exemplo do pai, a carreira militar. Seria um militar exemplar. Aluno brilhante, primeiro em todas as turmas, tornou-se oficial respeitado. Aos 26 anos era capitão de grande prestígio entre a jovem oficialidade, servindo em Santo Ângelo, RS.

— Ele era tão cioso da disciplina e dos regulamentos militares, que cinco meses antes de sair com a Coluna, pediu demissão do Exército. Hoje negam isso, para dizer que ele desertou. Mas ele pediu demissão e não recebeu resposta, diz Dona Heloísa.

Com a *Coluna Invicta*, que se movimentou em outubro de 1924, partindo de Santo Ângelo, para levar ao interior do país o inconformismo contra o Governo Artur Bernardes, o nome Prestes deixou de ser um nome comum. A Coluna atravessou o

Brasil uma vez e meia, sendo considerada a maior marcha militar que a História registra, mas a façanha não deu apenas notoriedade ao seu líder.

— Nessa época a nossa casa no Rio passou a ser permanentemente vigiada pela polícia do Artur Bernardes. Um segredo, como se dizia naquele tempo, nos vigiava permanentemente, diz dona Heloísa.

A polícia do presidente Artur Bernardes — hoje nome da rua onde moram as irmãs de Prestes — era discreta.

— Durante esse período nunca sofremos uma busca. Apenas nos vigiavam. Tempos depois, por exemplo, descobrimos que uma vizinha nossa era ligada à polícia, informava tudo sobre nós.

Nessa época, porém, Luís Carlos Prestes era apenas um oficial idealista que se rebelara contra o Governo. Seu pai já havia morrido e as sete mulheres que dependiam dele — a mãe, as quatro irmãs, uma babá que acompanhava a família desde o Rio Grande do Sul e uma filha desta babá — acreditavam que era uma questão de mudança de Governo para ele retornar ao País.

Estava em marcha a Revolução de 30, ele certamente voltaria com os tenentes. Em maio, ele divulgou o seu famoso manifesto dizendo-se marxista.

Dona Heloísa, na época com 30 anos, não sabia o que era comunista:

— Não tinha a menor idéia. Me lembro que um amigo, o Paulo Lacerda, trabalhava num jornal — *A Esquerda* — que tinha o Otávio Brandão (NR: um dos fundadores do PC no Brasil) e eu pedi para ele me mostrar, eu queria ver o comunista. Mas só vi de passagem, por trás. O Paulo gritou: "Corre aqui Dona Heloísa, lá vai ele". Mas quando cheguei ele ia subindo a escada, de costas.

Dona Lígia era adolescente, estudante ainda (depois seria casada com Otávio Brandão):

— Quando o *Mano* lançou o manifesto, pedi a um amigo livros para saber o que era comunismo. Ele disse: "Você está louca, não vou dar uma coisa dessas para você".

Com o manifesto, foi-se a esperança da família de que o *Mano* pudesse voltar.

— Minha mãe então decidiu vender tudo o que tínhamos, um terreno e outras coisinhas, compramos cinco passagens e fomos para Buenos Aires onde esta-



Dona Leocádia e as quatro filhas, em Buenos Aires

zecca araujo

luís carlos felizardo

va o Mano. Ele tinha arrumado emprego, nós poderíamos trabalhar. Mas aí, para nosso azar o Washington Luiz achou que ele estava participando da conspiração para derrubar o Governo, ao lado do Getúlio, e pressionou o Governo argentino para expulsá-lo. Quatro dias depois que havíamos chegado lá, ele teve que ir para Montevideu. Ficamos novamente separados. E sem saber o que fazer, pois tínhamos vendido tudo o que tínhamos no Brasil.

A situação era difícil em Montevideu. Prestes não pôde ficar mais do que um ano. Tentou ir para os Estados Unidos, mas o cônsul negou o visto várias vezes:

— Dizia que ele ameaçava as instituições, ironiza Dona Lígia.

Surgiu, então, o convite da União Soviética.

— Fomos no porão de um navio cargueiro alemão. Um grande amigo nosso, quando soube que nós íamos juntas ficou em pânico. Dizia: "Mas vocês estão loucas, las as mulheres são nacionalizadas".

Dona Heloísa emenda com um sorriso maroto:

— Vivemos 14 meses lá... e não fomos nacionalizadas.

— Nós não sabíamos de nada, mas a nossa mãe disse: "Eu tenho confiança inabalável no meu filho. Se ele, acha que devemos ir, nós vamos. E nós não tínhamos mesmo escolha..."

Prestes era engenheiro, foi trabalhar no I Plano Quinquenal da União Soviética, com a família morando em Stalingrado. Dona Lígia lembra:

— Foi um período duro, de grandes sacrifícios para todo o povo soviético, mas foi fascinante participar de um processo de construção de uma sociedade nova.

Dona Heloísa:

— Ih, fazia tanto frio que a gente, às vezes, não podia sair na rua, tinha que trabalhar em casa. As únicas notícias que tínhamos do Brasil eram através do *Jornal do Comércio*, que chegava com dois anos de atraso. Mas foi bom, foi lá que nos politizamos.

A senhora é comunista, Dona Heloísa?

— Graças a Deus!

Pouco mais de um ano depois, porém, Prestes voltaria ao Brasil para engajar-se na atividade revolucionária. Em 1934 foi aceito no PCB e no ano seguinte, eleito presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, comandou a célebre insurreição armada que chegou a manter um Governo revolucionário por quatro dias em Natal.

Fracassada a insurreição, Prestes e outros líderes foram presos e condenados. Mas as represálias não ficaram aí: sua mulher, Olga Benário, de nacionalidade alemã, foi entregue pelo então chefe de Polícia, Filinto Müller, à Gestapo no ano de 1936. Estava grávida e a menina, nascida numa prisão em Berlim, recebeu o nome de Anita Leocádia em homenagem à Anita Garibaldi e à mãe de Prestes, que a estas alturas percorria a Europa numa grande campanha internacional para salvar a nora e a neta.

Olga acabou assassinada pelos nazistas em 1942, mas Anita foi resgatada pela avó. Devido à guerra na Europa, as (agora seis) mulheres da família Prestes transferiram-se para o México. Luís Carlos Prestes, enquanto isso, está no Rio, condenado a 46 anos de prisão.

— Mandaram construir uma cela es-



Durante o exílio na Argentina, Prestes com a mãe e a irmã Clotilde

pecial para ele, com formato triangular, no centro do Presídio Frei Caneca que, nas cartas, ele chamava Meu Elefante Branco. Ele não podia ler jornal, nem o *Jornal do Comércio*, e os guardas estavam proibidos de trocar palavra com ele. Em certos períodos proibiam até as cartas da mamãe, o que era mais um castigo para ela que já se encontrava velha e doente, diz Dona Lígia.

Prestes cumpriu 9 anos, todo o tempo incomunicável. Numa das longas cartas semanais que escrevia para a mãe e as irmãs no México fala do medo de estar perdendo "o dom da fala".

O máximo de liberalidade que consegue nos últimos anos é a permissão para receber livros e alguns objetos que um primo de Porto Alegre lhe manda. Nas cartas a esse primo, em letra miúda e caprichada comenta tudo o que lê — romances, discursos, relatórios, jornais e até revistas de engenharia ("Excelente aquele artigo sobre estradas de cimento e de asfalto").

E não esquece mesmo as pequenas questões familiares. Numa delas, por exemplo, mostra-se preocupado com a possibilidade de que a avó materna, Dona Hermelina de Almeida Felizardo, por quem tinha grande admiração, não entenda suas idéias políticas.

Algumas lembranças que suas irmãs guardam desse tempo:

— Da sua cela, ele ouvia os gritos de um companheiro do Partido que havia enlouquecido e era maltratado pelos guardas. O Mano gritava reclamando e era punido: tiravam-lhe os livros, papel e lápis.

— Nesses períodos, para passar o tempo, ele se dedicava a resolver problemas de matemática, mentalmente.

— De tempos em tempos nós ficávamos em pânico, lá no México o Governo espalhava que ele havia morrido.

— Quando mamãe morreu em 1943 (aos 69 anos), até o Governo mexicano intercedeu para que Getúlio permitisse que o Mano fosse ao enterro. O general Cárdenas, ministro da Guerra e ex-presidente, mandou um telegrama comprometendo-se a pôr um avião militar à disposição para levá-lo e trazê-lo de volta, sob a respon-

sabilidade do Governo mexicano. Mas nossa mãe foi velada 4 dias e 4 noites e não deixaram ele ir.

As quatro irmãs voltaram ao Brasil em 1945, quando Prestes, beneficiado pela anistia, foi posto em liberdade. Elegeu-se em seguida senador pelo PC à Assembléia Constituinte, sendo o mais votado do País.

— Foi um período de absoluta liberdade. Mas durou pouco mais do que um aninho. Em 1946 já começaram a dissolver os comícios a bala, já o nosso Mano passou a não dormir em casa.

Em 1948 foram cassados os mandatos dos comunistas e cancelado o registro do partido, Prestes volta à clandestinidade por mais dez anos. Dona Lígia aponta para um retrato na parede, Prestes bem arrumado, com bom aspecto:

— Essa foto aí é de 58, quando ele saiu da clandestinidade. Nesses dez anos, nós só sabíamos dele por bilhetinhos ou recados.

— Foi outro período duro. Dois ou três agentes nos vigiavam permanentemente e davam buscas freqüentes em nossa casa. Anita, que tinha 12 ou 13 anos, era perseguida na escola, ameaçada, nós vivíamos com medo de um atentado.

A partir de 58, Prestes teve vida legal, embora o partido continuasse fora da legalidade. Em 1964, teve os direitos políticos cassados e foi indiciado em vários processos, voltando à clandestinidade. Ficou no Brasil até 1971, quando buscou o exílio, em Moscou, onde vive com a segunda esposa, Maria, e oito filhos.

Anita, formou-se em 1964, como primeira aluna da Escola Nacional de Química, com uma passagem brilhante pelo curso.

— Apesar de ser considerada aluna brilhante, nunca conseguiu emprego regular, fazia bicos quase clandestinos e chegou a mudar-se para São Paulo para ver se conseguia coisa melhor. Certa vez apresentou-se numa firma e o chefe ficou entusiasmado com ela, acertou tudo para ela começar no dia seguinte. Quando ela se apresentou na manhã seguinte, ele disse secamente: "Desculpe, mas não posso empregar-la, por motivos óbvios".

Em 1972, Anita teve sua prisão preven-

tiva decretada sob a acusação de que tentava reorganizar o Partido Comunista e, então, partiu também para o exílio. Hoje vive em Moscou (seu processo foi julgado no ano seguinte e ela condenada a 4 anos e meio de prisão).

Dona Lígia aponta para a parede onde está pendurada a foto de uma menina de olhos grandes, boca expressiva, cabelos longos e negros, a filha do irmão, que ela criou desde que foi devolvida pelos nazistas:

— Estou sem minha filha há seis anos!

Ela mesma ficou sem conseguir emprego de 64 a 68, até que um amigo decidiu dar-lhe trabalho em seu escritório comercial.

— Eles fizeram tudo para nos tornar a vida impossível. Nós tínhamos uma babá, que nos acompanhava desde que morávamos no Sul e ela tinha uma filha, que se criou conosco, era quase irmã. Pois perseguiram elas, a filha foi presa, sofreu muito. Então, elas deixaram de nos procurar.

Quando começou o movimento militar de 64, o apartamento delas, foi ocupado por um coronel e vários soldados (todos à paisana) durante seis horas, das 17 às 23 horas.

— Não podíamos atender nem o telefone. Mas não houve violências, não tenho queixas do meu coronel, diz Dona Lígia.

Em 72 ela decidiu fazer vestibular para economia (acabou aprovada em primeiro lugar), mas quando estava ainda no curso já recebeu um telefonema:

— Aqui é o agente Paulo da Polícia Federal. Estou encarregado de fazer um levantamento sobre sua vida, queria algumas informações.

— Eu disse que ele não tinha nada com a minha vida, mas ele respondeu: "Acho bom a senhora falar, porque nós temos outros meios..." Então, mandei ele vir em casa e ele ficou horas me interrogando. Queria basicamente saber por que eu estava querendo entrar para a Universidade. Bobagem, porque no final tive que abandonar o curso porque não podia pagar.

Dona Lígia e as duas irmãs solteiras dividem a pensão do pai, paga pelo Exército. Ela é a única que trabalha num escritório comercial. Dona Heloísa aposentada e Dona Clotilde também não tem mais idade para trabalhar.

Quando foi a última vez que as senhoras viram seu irmão?

— Estivemos no início de 1977 em Moscou. Além disso ele nos escreve sempre quando vai à Europa. Este ano mandou carta da Grécia, em maio, em junho um cartão da Bélgica... De qualquer forma é uma ironia a nossa família viver nestas condições, nós sempre fomos tão apegados uns aos outros, principalmente o nosso irmão.

À saída Dona Lígia nos faz um pedido: — Olha, não diga que nos queixamos de nada. Tem milhares de famílias que passam por coisas muito piores do que nós. Quando a gente luta por uma causa a gente não sofre. E, depois, nós não temos importância nenhuma, o nosso irmão é que é importante.

E Dona Heloísa, que nos acompanha até o elevador, acrescenta com um sorriso maroto:

— Não fale em sofrimento, nem em velhice, hein? Nada de velhice...

Elmar Bones/Riomar Trindade

Três cartas de Prestes, da prisão do Estado Novo, aos familiares em Porto Alegre:

Olga nada se sabe, a mal se o que dizem os jornais sobre o que sofrem as mulheres polonesas no campo de concentração de Ravensbrück que é justamente o em que ela se achava até novembro de 1941. Enfim, parece que é esta a maneira por que devo participar dos grandes acontecimentos contemporâneos e como esta participação, assim por inteiro, de corpo e alma, é a mais íntima exigência do meu próprio ser, única maneira de sentir-me digno dos que sofrem e lutam pela humanidade, acaba sempre por ser de conforto e satisfação a resultante final destes meus pensamentos de solitário.

"De Olga nada se sabe, a não ser o que dizem os jornais sobre o que sofrem as mulheres polonesas no campo de concentração de Ravensbrück que é justamente o em que ela se achava até novembro de 1941. Enfim, parece que é esta a maneira por que devo participar dos grandes acontecimentos contemporâneos e como esta participação, assim por inteiro, de corpo e alma, é a mais íntima exigência do meu próprio ser, única maneira de sentir-me digno dos que sofrem e lutam pela humanidade, acaba sempre por ser de conforto e satisfação a resultante final destes meus pensamentos de solitário."

Para assim responder. Aqui da minha vida nada de novo tenho para te contar. Recebo regularmente as cartas da mamãe, mas há muito que não tenho cartas da Olga. Além disto, são cada vez mais difíceis as notícias das mães e receio muito pela saúde de Maria que, apesar de toda a sua coragem e energia, muito sofre com esta dolorosa situação. Minha filha vai bem e segundo as últimas notícias já começa a frequentar um Jardim de Infância da capital mexicana.

"Aqui da minha vida nada de novo tenho para te contar. Recebo regularmente as cartas da mamãe, mas há muito que não tenho cartas da Olga. Além disto, são cada vez mais difíceis as notícias das mães e receio muito pela saúde de Maria que, apesar de toda a sua coragem e energia, muito sofre com essa dolorosa situação. Minha filha vai bem e segundo as últimas notícias já começa a frequentar um Jardim de Infância da capital mexicana."

Nestes últimos dias de mês, ao escrever a minha carta do "ovo", resolvi-me a fazer esse esforço por me não esquecer por mais tempo esta resposta à tua boa e apreciada carta de 3 de corrente. Meu esforço? — Sem, bem imaginavas o que se passa: a falta por tantos anos da convivência com amigos e seres queridos diminuiu por tal maneira o hábito de charla que me sinto durante dias seguidos, como que incapacitado para esta espécie de palestra à distância; até mesmo os bilhetes semanais à mamãe são às vezes escritos com esforço e dificuldade.

"Não imaginas o que se passa: a falta por tantos anos da convivência com amigos e seres queridos elimina por tal maneira o hábito de charla que me sinto por vezes durante dias seguidos, como que incapacitado para esta espécie de palestra à distância; até mesmo os bilhetes semanais à mamãe são às vezes escritos com esforço e dificuldade."

SOCIALISMO SEM DESPOTISMO

A luta no mais duro dos regimes do bloco comunista, a Alemanha Oriental, por uma abertura política que leve ao "verdadeiro socialismo"

"Nós devemos liberar o socialismo da mácula mortal a que esteve até hoje atrelado pelos stalinistas e defensores do *socialismo real*. Da mácula que faz identificar o socialismo com um sistema no qual as pessoas são forçadas a agir contra a sua vontade... um sistema no qual não é permitida a crítica livre ao próprio sistema e aos governantes. Onde não existem eleições livres, nem partidos de oposição, nem liberdade de expressão ou de publicação, onde não existem tribunais livres, nem direito à escolha de um emprego e uma residência, nem mesmo o direito ao livre trânsito dentro do próprio país. Numa só palavra: nós devemos de forma concreta e real contestar a afirmação de que socialismo e liberdade são coisas incompatíveis".

Esta é a opinião do filósofo alemão-oriental, marxista e dissidente, Robert Havemann, atualmente sob prisão domiciliar (para confirmar suas próprias palavras), um dos principais expoentes do movimento de intelectuais e artistas da Alemanha Oriental contra o chamado *socialismo real existente*.

Socialismo real existente é a expressão que designa o sistema político do bloco soviético, marcado por uma profunda burocratização, sob o despotismo esclarecido de um partido com formação marxista e prática stalinista. Segundo seus defensores, é o único sistema possível na etapa atual e no caminho para o comunismo e os que não compreendem isso são utopistas e idealistas impacientes frente às dificuldades do processo, complicado e contraditório, de transição para o comunismo.

Havemann e a intelectualidade socialista de oposição dizem que, ao contrário, foi o socialismo real existente que levou o termo e o ideal socialista ao maior descrédito, prejudicando a luta pelo socialismo nos países capitalistas. Eles tentam recuperar o conceito de democracia para o ideário marxista, depois de décadas de desprezo dos partidos comunistas pelas conquistas e reivindicações democráticas.

O POETA VOLTOU À SUA PÁTRIA (COMO EXILADO)

A revolta veio a público há dois anos, quando o Governo da Alemanha Oriental decidiu retirar a cidadania ao compositor popular Wolf Biermann, que na ocasião fazia uma *tournee* pela Alemanha Ocidental.

Há vários anos, Wolf Biermann estava proibido de gravar e apresentar-se em público com suas canções pouco ortodoxas para o gosto dos dirigentes comunistas daquele País. Homem político, poeta e comunista convicto ("comunista democrático", como se define) Biermann não poderia deixar, em suas apresentações na Alemanha Ocidental, de expressar sua crítica ao socialismo real existente e às arbitrariedades do Governo contra escritores e intelectuais.

A ousadia fechou-lhe o caminho de volta. Ele, que ainda jovem abandonara a Alemanha Ocidental onde nasceu, para ir ajudar a construir o socialismo do lado Oriental, vinte anos depois teve que exilar-se em sua ex-pátria.

Seu caso, porém, fez estourar a onda de protestos públicos, abaixo-assinados e manifestos clandestinos de solidariedade por parte de intelectuais, artistas e mesmo membros ativos do Partido Socialista Unitário — o partido comunista da Alemanha Oriental.

Uma longa lista de destacados intelectuais que igualmente foram perseguidos e emigraram, dava idéia da enorme insatis-



fação existente no País com relação ao *socialismo real*. Jurek Becker, Juergen Fuchs, Reiner Kunze, Sarah Kirsch, Thomas Brach, Hans Joachim Schaedlich são alguns dos mais conhecidos escritores e poetas. E a lista ganhava dimensão política e teórica com os nomes de Robert Havemann e, sobretudo com Rudolf Bahro, teórico marxista, ex-militante do partido e dirigente de empresa do Estado, preso e condenado a oito anos pela publicação de um livro, hoje best-seller, contendo a "mais radical e sistemática crítica do modelo socialista do Leste Europeu já feita por um marxista desde Leon Trotsky".

MOVIMENTO DE INTELLECTUAIS QUE REFLETE A INSATISFAÇÃO

Os dissidentes alemães são diferentes dos demais dissidentes dos outros países do Bloco Soviético. Na União Soviética e na Tchecoslováquia, por exemplo, o movimento de oposição caracteriza-se quase que exclusivamente por uma luta civilista, em favor dos direitos humanos e de uma

certa liberalidade da vida política, sem tocar na essência das relações do poder no Estado e na Sociedade. Na URSS, predominam as forças conservadoras e nacionalistas, enquanto na Tchecoslováquia o movimento dissidente (Carta 77) é formado e dirigido pelos reformistas da Primavera de Praga, ex-comunistas e ativos defensores da liberalização empreendida por Alexander Dubcek, em 1968.

Já na Polônia, a oposição é antes de tudo operária e suas reivindicações têm um caráter essencialmente econômico — melhoria das condições de vida, distribuição dos frutos do socialismo, em grande medida concentrados nas mãos dos tecnocratas e militantes do PC.

O movimento dissidente da Alemanha Oriental é essencialmente intelectual e antes de tudo é um movimento de contestação global ao sistema político e ideológico do Partido Socialista Unitário e do Estado por ele montado. É uma oposição formada por ex-militantes comunistas e marxistas fazendo uma contestação desde uma perspectiva socialista e democrática. E embora limitada à intelectualidade, não há

Por Sérgio C. Buarque

dúvida, de que reflete uma enorme insatisfação popular com o imobilismo, a burocratização, a falta de participação política, influência nas decisões, as diferenças sociais e a mordomia.

AS MELHORES CONDIÇÕES PARA CHEGAR AO SOCIALISMO DEMOCRÁTICO

A República Democrática Alemã é o País que teria as melhores condições de realizar um modelo socialista e democrático. No entanto é o mais rígido, burocratizado e, politicamente, o mais dependente da União Soviética.

Os comunistas chegaram ao poder num País relativamente desenvolvido e industrializado, mais do que qualquer outro do Leste Europeu no momento da revolução, e saído de uma luta violenta contra a ditadura nazista. Contava com uma curta, mas importante, experiência de democracia parlamentar burguesa, a República de Weimar (1918-1933) e com um movimento operário que, apesar de destruído e dividido pelo nazismo, tinha uma história de lutas e organização político-partidária.

Mais do que isso, os socialistas e comunistas alemães eram herdeiros de uma das mais ricas tradições do pensamento socialista, que vai do próprio Marx até Rosa Luxemburgo, ardorosa defensora das conquistas democráticas e crítica das medidas autoritárias do partido bolchevique na jovem república soviética (ainda com Lenin e Trotsky).

"Liberdade apenas para os membros do governo, apenas para os militantes do partido não é liberdade. A liberdade é sempre a liberdade daqueles que pensam diferente. Não devido ao fanatismo pela *justiça*, mas sim porque tudo de instrutivo, saudável e limpo depende, na essência da liberdade política, e seu resultado fracassa quando a liberdade se torna um privilégio", dizia Rosa Luxemburgo, cujos argumentos hoje servem e muito aos dissidentes da RDA.

REFORÇANDO O DOMÍNIO DOS VELHOS COMUNISTAS FIÉIS A MOSCOU

As condições em que se reorganizou a política na Alemanha Oriental depois da guerra, com a fusão do antigo Partido Comunista com o partido Social Democrata, tinham tudo para ter dado origem a um Estado e a um partido socialista amplo, tolerante, aberto à confrontação de idéias e divergências políticas e ideológicas.

Mas ocorreu exatamente o contrário. Em 1946, quando se unificaram os dois partidos, dando origem ao Partido Socialista Unitário, a sua direção foi formada, em partes iguais, por comunistas e social democratas e a tônica da sua política era a democratização do País. É preciso considerar, no entanto, que a Alemanha era um País ocupado e assim como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França definiram o caráter do Estado e da sociedade reconstruído do lado Ocidental, a União Soviética fez o mesmo do lado Oriental.

O Governo de ocupação soviético evidentemente iria favorecer os homens de sua confiança e o partido inspirado nas suas concepções, com quem inclusive já colaborava mesmo antes da vitória sobre as tropas nazistas. Assim, o Partido Socialista Unitário pouco a pouco transformou-se num rígido e centralizado partido stalinista, depurando as forças incômodas e reforçando o predomínio dos velhos comunistas fiéis a Moscou. Em 1949, quando se formou a República Democrática Alemã, ele já estava com tudo sob controle.

Os outros quatro partidos menores, ▶

"A produção material deveria ser uma forma de libertação do homem e não sua prisão. A produção desenfreada gera novas e maiores necessidades que acabam por destruir a liberdade"

fundados em 1948, continuam existindo, mas sua participação é apenas formal. Eles são apenas "uma extensão do sistema despótico e autoritário do partido comunista"

UM CONFRONTO PERMANENTE COM O LADO OCIDENTAL

Entre os componentes básicos do quadro político alemão Oriental deve ser incluído ainda a questão da divisão do País. Se "no passado era uma fraude falar-se de socialismo num só País, falar-se hoje de socialismo em meio País é uma fraude maior ainda", dizia Rudi Dutschke, um dos líderes das revoltas estudantis de 68 sobre as condições do socialismo na RDA. Este socialismo em meio País é a questão nevrálgica para o lado Oriental, em permanente confronto com seu oposto, o capitalismo alemão Ocidental, desenvolvido e liberal.

A comparação e concorrência entre as duas partes em que foi dividida a nação alemã é parte da luta ideológica entre o Ocidente e o Leste. As condições de vida e a política liberal do Ocidente colocam a RDA em grande desvantagem nessa luta. Tudo agravado porque o sistema e o way of live do Ocidente entra pela porta dos fundos da Alemanha Oriental, através da televisão Ocidental que pode ser assistida em todo o seu território.

Esta realidade, somada ao fato de a confrontação entre os dois grandes blocos militares do mundo — OTAN e Pacto de Varsóvia — ter lugar precisamente na fronteira daqueles dois países, contribui para que a RDA apresente-se como o mais rígido e intolerante dos países do bloco soviético.

SOCIALISMO NÃO É SÓ A ELIMINAÇÃO DA PROPRIEDADE

Os dois grandes impactos políticos provocados pelos dissidentes alemães aconteceram em 1977: o livro de Rudolf Bahro, que apareceu em agosto e o longo manifesto assinado por uma *Federação dos Comunistas Democráticos*, publicado em dezembro na revista *Der Spiegel* (da Alemanha Ocidental). Segundo a revista esta Federação é composta de militantes de alto e médio escalão do partido Socialista Unitário, em organização clandestina.

O manifesto, apesar de contradições e algumas confusões, dá forma política às proposições do trabalho teórico de Rudolf Bahro.

"Minha crítica do socialismo real existente", diz Bahro, "tem como objetivo a criação de uma *alternativa comunista radical* à ditadura político burocrática que colocou algemas no nosso processo de vida e trabalho social".

Como todos os outros dissidentes alemães-orientais, Bahro parte também da defesa das conquistas sociais já alcançadas na República Democrática Alemã. Mas, afirma, o socialismo não se limita à eliminação da propriedade dos meios de produção (estatização), embora dependa dela.

Ele tenta recuperar para o marxismo o conceito de alienação (que permanece nos países do Leste Europeu) e avisa o humanista do socialismo presente, sobretudo, nas primeiras obras de Marx. Em essência, diz ele, o sistema econômico da Alemanha Oriental não alterou em nada a velha divisão do trabalho, mudando apenas as relações de propriedade. Como nos Estados teocráticos orientais, onde não dominava a propriedade privada, mas sim a apropriação da maior parte do produto excedente por uma casta religiosa e administrativa, imprudência que conserva o poder e a sabedoria.

A comparação, aliás, vem muito a propósito tendo em vista o caráter religioso que a ideologia marxista assume naqueles países do Leste Europeu como forma de repressão moral e ideológica.

O CAMINHO DO ESTADO PROLETÁRIO AO ESTADO OPRESSOR

A burocracia estatal e partidária da RDA se apropria do excedente produzido e decide sua distribuição e sua acumulação. O sistema conserva e acentua, até certo ponto, as raízes históricas da submissão e opressão, qual seja, a oposição entre trabalho manual e intelectual, entre elite e massa, que está na origem do Estado e é anterior à propriedade privada e ao capitalismo.

Esta é no *socialismo real existente* a base da desigualdade e injustiça social, base que é mantida e reproduzida pelo sistema educacional, pelo ritmo e intensidade de trabalho, pela divisão vertical do trabalho pela estrutura do partido e do poder, pela hegemonia dos quadros dirigentes na formação da opinião pública, discussão e definição da política do País.

Do *Estado Proletário* que, segundo os clássicos do marxismo, deveria levar a um processo permanente de dissolução de si mesmo e do Estado em geral, chegou-se ao fortalecimento das instituições e estrutura do Estado Opressor.

CONDIÇÕES PARA A PLENA EMANCIPAÇÃO DO HOMEM

Em suas teses, Bahro não se afasta muito dos diferentes críticos do stalinismo (desde Trotsky), partindo da identificação das condições particulares da revolução bolchevique e o *caminho não capitalista* da industrialização e desenvolvimento da União Soviética.

A revolução bolchevique, num País economicamente atrasado, abriu uma seqüência de *ditaduras de desenvolvimento* que, sem poder aspirar ao socialismo, empreendeu o processo de industrialização e transformação não-capitalista, utilizando-se principalmente da estatização da economia.

O novo em Bahro é a relação entre Estado e Sociedade que ele observa e que daria uma base mais universal ao fenômeno de burocratização do *socialismo real existente*. O Estado, que serviu no momento de tomada do poder, para revolucionar a sociedade, passa a ser o instrumento de contenção do progresso e da mudança social, conservando o seu poder e seu caráter repressivo, numa espécie de instinto de sobrevivência.

O que ocorre no período pós-revolucionário é uma identificação do partido comunista ou dos partidos revolucionários com o Estado, passando, portanto, a exercer uma função de resistência ao progresso que requer, segundo Bahro, a redução permanente do poder do Estado e a eliminação das relações de submissão e alienação, condição indispensável para emancipação humana.

Em vez de abrir um processo de paulatina mas persistente eliminação da divisão do trabalho (trabalho manual e intelectual) das relações de dominação e submissão, um processo de ampliação rápida da democracia e da participação de todos nas decisões políticas, de revolução das condições e métodos de trabalho, de afirmação da personalidade e desenvolvimento intelectual de todos os cidadãos, o Estado e o Partido que com ele se identifica, na realidade reproduzem aquelas relações de dominação e alienação, reforçam a estrutura e burocratização do Estado, consolidam o imobilismo da força de trabalho e a divisão entre elite e massa.

TESES SEMELHANTES AS DOS UTOPISTAS DO MUNDO OCIDENTAL

Bahro propõe, como saída, a organização de outro partido político que organize o desejo de emancipação dos cidadãos na luta contra o Estado, um Estado onde a repressão e o poder não apresentam



Tropas soviéticas na Alemanha Oriental: uma incômoda presença

apenas as formas disfarçadas das democracias ocidentais.

O Estado proto-socialista exerce uma espécie de despotismo esclarecido, combinando a repressão direta e o centralismo com a repressão moral e ideológica. Não se trata, porém, de criar um novo partido do proletariado, mas de um partido de todas as forças emancipatórias do País.

Em certo sentido, também a plataforma política de Bahro se identifica em vários pontos com correntes de pensamento revolucionário do mundo Ocidental. No caso, Bahro se assemelha ao discurso dos *utopistas* modernos e críticos radicais do mundo capitalista, desde Ivan Illich até Loup Verlet e os Socialistas Radicais Europeus que propugnam por uma revolução cultural (e não apenas social, como a esquerda tradicional).

Tanto quanto eles, Bahro ataca o fetiche do crescimento econômico e o eficientismo e defende a busca de uma nova forma de vida. A diferença, mais uma vez está nas condições da sociedade em que os mesmos se localizam e às quais criticam. Enquanto as teses de Illich podem ter apenas um efeito importante no questionamento da ideologia capitalista e apontar para uma nova utopia, as mesmas idéias ganham em Bahro atualidade e viabilidade concreta graças às condições já alcançadas pelo proto-socialismo alemão.

Bahro critica a "explosão das necessidades materiais", a escalada entre produção e necessidade criada pelo círculo vicioso do crescimento. Ele afirma que a sociedade da abundância de que falava Marx era a abundância dos bens de primeira necessidade e não a produção desenfreada, que cria sempre novas e crescentes necessidades.

A insaciabilidade material, essa escalada das necessidades destrói a liberdade do homem, segundo o teórico alemão. A partir daí, ele propõe um novo modelo que promova uma "transformação da estrutura de necessidades". A produção material deveria ser uma forma de libertação do homem das suas necessidades e não uma nova prisão.

Mas do que uma revolução política, como queria Trotsky para os países socialistas, faz-se necessária uma revolução econômica, uma radical alternativa econômica para obstruir a fonte de subalternidade e alienação e, mais ainda, uma revolução cultural e ideológica (questões que certamente Trotsky vislumbrava, mas que não faziam parte da sua preocupação imediata).

QUAIS SERIAM OS RESULTADOS DE UMA TRANSFORMAÇÃO?

A acusação principal que se pode fazer a Bahro é que, com sua *utopia* ele pretende desestabilizar o *Estado Socialista* e o bloco das nações socialistas, favorecendo a reação e o capitalismo internacional. Sua pretensão de desestabilizar e revolucionar o sistema do *socialismo real existente*, aliás é evidente e por ele mesmo declarada em sua obra.

O contrário, contudo, é o realismo político que em nome da luta pelo socialismo impede as transformações e consolida o sistema autocrático e desigual. Se, por um lado a desestabilização contém um risco político indiscutível, (como todo o

processo de transformação) ela resultaria, ao mesmo tempo, na melhor propaganda e estímulo à organização e à luta pelo socialismo em todo o mundo, o socialismo democrático e dinâmico que preparasse um processo continuado de libertação do homem.

Isto não significa ignorar o quadro político internacional e a *raison d'état* em que se fundamenta o socialismo real existente. Realmente é uma temeridade e ousadia querer definir para a RDA, por exemplo, uma política que a torne vulnerável à pressão militar da OTAN, concentrada na sua fronteira ocidental. Temeridade também porque do outro lado está a União Soviética com sua *razão de bloco*.

No entanto, a vulnerabilidade que poderia resultar de uma revolução política e cultural na Alemanha Oriental é apenas aparente, porque ao mesmo tempo em que desestabiliza, esta revolução consolida o socialismo no próprio País e desperta, no mundo capitalista, um renascimento dos ideais socialistas.

No caso da Alemanha, por exemplo, quais seriam, nas duas partes da Nação Alemã, os desdobramentos de uma ampla transformação do sistema alemão oriental, na direção de um regime democrático, de um renascimento do debate das idéias socialistas e de mudanças nas relações de produção e trabalho que apontassem na direção de uma nova forma de vida e convivência social?

Hoje, no momento em que o movimento operário alemão ocidental luta por uma redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais, o socialismo real existente não oferece nenhum exemplo que apresentasse as vantagens do socialismo neste terreno.

A POLÍTICA COMO ARTE DE BUSCAR O IMPOSSÍVEL

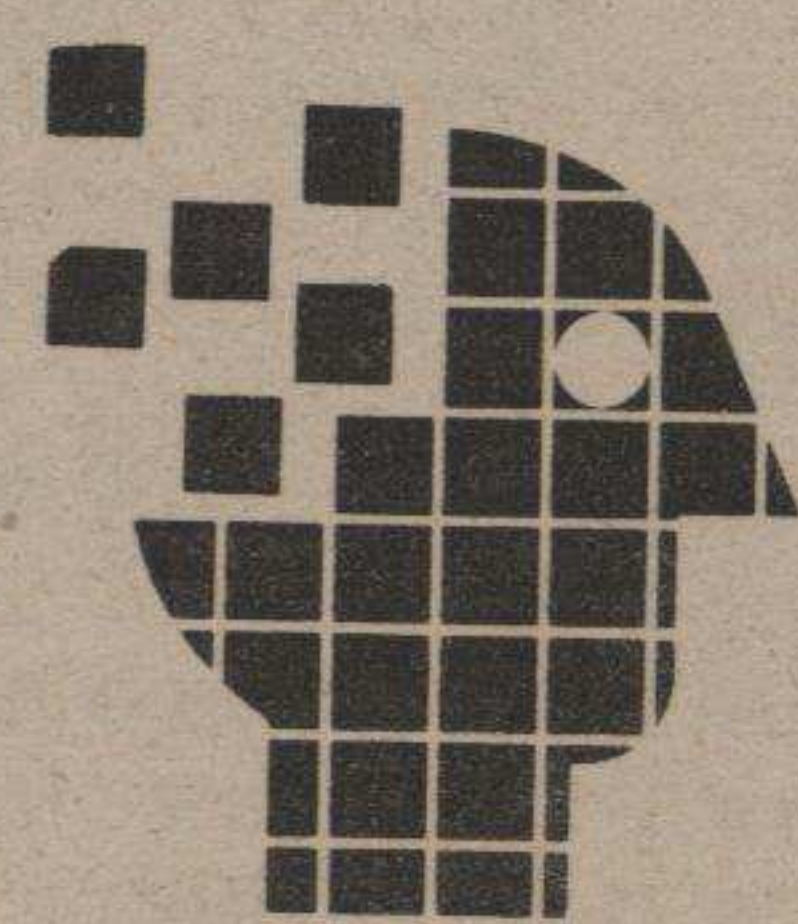
A neutralidade das duas Alemanhas e sua posterior reunificação, como defende a chamada *Federação dos Comunistas Democráticos* é uma ilusão se considerarmos os interesses soviéticos e norte-americanos naqueles dois Estados e os riscos de uma crise militar internacional.

Contudo, sem uma política de neutralidade, não se pode imaginar uma modificação nas relações de hegemonia internacional nem uma paz duradoura na Europa. E é consciente das limitações da chamada *Real Politik* que Rudolf Bahro recorre a Karl Liebknecht, que em 1922, opondo-se ao *slogan* em moda "A política é a arte do possível", afirmava: "O mínimo possível só é alcançável lançando mão do impossível. O possível realizado é o resultado do impossível ambicionado. Pretender o impossível objetivo não significa utopismo e cegueira absurda, mas sim uma política prática no mais profundo sentido. A verdadeira e mais forte política é a arte do impossível".

O impossível aqui é concebido como a soma de todas as coisas que, de fato, não são realizáveis se não com a transformação da situação global, precisamente o que pretendem os socialistas. De modo que para a transformação da sociedade com vistas ao socialismo, a política realista consiste, para os socialistas, em ambicionar e defender o impossível.

**Mais do
que nunca
é preciso
pensar.**

AMPLA



**Arme-se.
Use a cabeça.**

Leia e assine
cooJORNAL

NEM CLARINS, NEM TAMBORES

TERROR E ÉXTASE, de José Carlos Oliveira; 156 páginas, Cr\$ 65,00; Editora Codecri.

Terror e Éxtase, em relação à boa parte da produção literária carioca dos cinco ou seis últimos anos, é algo original, e foge à vulgaridade e à pobreza que tem sido, com raras exceções, o dominante num país onde cada vez mais, a literatura está condenada a cumprir um papel bastante secundário.

O livro constrói-se em dois tempos: o do delírio e o da ação. No primeiro, José Carlos Oliveira tenta minuciar os momentos dessa torrente de sentimentos e impressões internas de seus personagens. O próprio texto se constrói numa aparente (e só aparente) desordem, que é a desordem de nossas impressões, mesmo quando inativos. Na ação, procura reconstituir, como olhando de fora — como num filme ou numa boa história policial — o delírio, a vertigem dos movimentos meio cegos, meio lúcidos, de um assaltante esperando sob alta pressão e tensão, no Rio de Janeiro, com sua cocota, seus inimigos, vítimas ou companheiros. Haveria muito pouco (se houvesse) a reparar na estrutura desenvolvida por José Carlos Oliveira. O que parece ser o ponto mais frágil do livro (e que o torna, por vezes, inconsistente) é a incapacidade do autor de retirar dos personagens aquela articulação verbal do próprio autor. Lá está a gíria, a linguagem nova e reluzente que ele utilizou e ouviu nas ruas.

Mas na construção dos diálogos, na forma de organizar as frases, aparece o fantasma da lógica do autor, e sua incapacidade de reconstruir o entrecortado mundo mental e verbal de pessoas submergidas na ação e no pesadelo de uma extrema solidão social e pessoal. A fala, o diálogo (embora o vocabulário pouco habitual), tem aquela limpeza de encaminhamento verbal que se espera de uma peça teatral clássica, onde as pessoas possuem o controle do próprio discurso, como totalidade, mesmo que o controle sobre a vida, os sentimentos, os outros, se lhes escape por entre bules de chá.

O que critico é parecido com o que



Alvaro Ramalho

Dwight McDonald critica em *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway: o autor impregnou um coração primitivo transformando-o em alguém que, apesar da dimensão desesperada, limite, evasiva e delirante de sua ação, não perde nunca esta algema da rotina que é a rigorosa estruturação e ordenação da linguagem oral. Se foi intencional, o autor nos impõe fortemente a idéia de que estaremos, por mais desesperada que seja a aventura, sempre presos ao nosso excessivamente articulado discurso. Se não o foi, o autor fracassou no essencial: os personagens, como num drama antigo, passam o tempo nos contando, em frases articuladas de gíria, o que fazem, o que sentem, o que desejam e esperam.

McDonald reclamava do velho Santiago: "Não diga, faça-o", isto é, mostrenos através da ação que você é "um velho estranho". Mas apenas através da sua ação. Esperava de José Carlos Oliveira que nos desse a febre, esta febre de que ele parece ter sentido o próprio pulsar de perto, naquilo que é a essência do elogio ao marginalismo: a pele desta serpente cotidiana

— nossa língua domada — cai, e cresce, como perdição e como construção, a nova e brutal língua de indivíduos que giram fora do eixo.

Mesmo quando seu texto se torna mais livre, para apanhar exatamente a minúcia, a voragem interna do vazio, da paixão, da dor ou da simples convivência, mesmo aí o texto não parece ter sido resultado de uma laboriosa construção da linguagem interior. Ele ainda parece toscamente literário. Está montado de tal forma que não podemos ver a obra, pois os andaimes ainda estão todos ali.

Ainda não foi José Carlos Oliveira que nos deu a novela forte que revitalizasse esta aguada e medíocre literatura brasileira. Mas certamente, só últimos anos, foi o que chegou mais perto. Esta resenha resalta os vazios da construção de *Terror e Éxtase* porque o autor, como é comum na nossa imprensa, só recebeu a discutível ajuda do incenso. Será que estamos tão habituados com a mediocridade que nos fascinamos diante de um bom trabalho?

Ele tem mais técnica que a maioria dos autores brasileiros com várias publicações. Pode se satisfazer com isso e continuar um bom escritor de segunda ou terceira categoria. Ou se exigir e corrigir mais, desvelando, sem forçar o discurso (e atingindo realmente uma dimensão superior da prosa), os corações selvagens dos marginais ricos e pobres do Rio de Janeiro.

José Onofre

como no Brasil. Quanto à análise econômica fica prejudicada, no caso brasileiro, sobretudo, pela conhecida ausência de dados.

Algumas observações devem ser feitas. A terceira parte, que consta de uma análise estatística sobre o impacto dos serviços de saúde nos níveis de higiene da população, desce a um nível de detalhamento que contrasta com o caráter sobretudo geral da obra. Além disto, envolve conhecimentos especializados fora do alcance do leitor comum, que não é obrigado a saber o que se entende por *coeficiente de correlação de Pearson* ou *estudo de regressão linear múltipla*. É claro que os autores também não são obrigados a explicar seus métodos; mas esta atitude se choca com o propósito implícito no texto, que é o da democratização do saber.

Detalhes, apenas. Mas não é apenas detalhe a orientação do trabalho no Capítulo 3 da 1ª parte, *Da Revolução Vital à Medicalização da Sociedade*. Ali encontramos as **bêtes noires** (no bom sentido) da Medicina atual, Illich, Foucault, Szasz, Goffman, Ivan Illich, um crítico implacável da sociedade industrial — das formas educativas aos meios de transporte — popularizou o conceito de medicalização, que é, em última análise, a intromissão indevida da Medicina na vida de cada um.

Segundo Illich, esta intromissão resulta em maiores prejuízos que benefícios. Ele cita como argumento os males da iatrogenia — as doenças causadas pela terapêutica (o termo não é de Illich, mas ele o popularizou). Os autores, corretamente, situam Illich na sua devida perspectiva, mas, no meu entender, não são suficientemente enfáticos quanto às soluções por ele propostas, que implicam numa volta à natureza, ao primitivo.

O erro desta atitude está em condenar a industrialização em *bloc*, independente das relações de produção que nela existem. O poder é primariamente de classe, não profissional, diz, em *Medicine under Capitalism* (New York, Prodist, 1976), Vicente Navarro — autor cuja ausência na bibliografia de *Prevenir e Curar* é lamentável, como são lamentáveis as ausências do grande historiador da Medicina, Henry Sigerist, e de Milton Roemer, conhecido por seus trabalhos em Administração de Saúde.

Foucault, respeitado historiador e filósofo, também segue a linha de buscar as estruturas de poder. Quanto a Szasz, me parece mais um liberal romântico. Não quer dizer que as críticas feitas à Psiquiatria, e, mais extensamente, à Medicina, não sejam válidas. São válidas, e muito. Mas ficarão limitadas, se forem dirigidas aos serviços de saúde, e não ao contexto social que os gerou. O mal dos serviços de saúde, especialmente os de Saúde Pública, não é o excesso de poder, mas antes a impotência. O público, mas também os técnicos, estão alienados do processo de planejamento, que precisa ser estendido e não restrito. Afinal de contas, não se deve jogar fora a criança com a água do banho. Deste risco, os autores de *Prevenir e Curar* estão bem cômicos. Sua excelente obra é indicadora de uma nova mentalidade na área da saúde.

Moacyr Scliar

Uma seleção de humor para você!



Se você gosta ou não de televisão não importa. Você vai gostar de Chico Anísio escritor. Jorge Amado disse dele que "é um escritor dotado de prosa límpida, cheia de amor ao ser humano e à vida". Leia e veja por quê:

- | | | |
|---|---|--|
| <p>1H — O Batizado da Vaca — São vinte contos que Chico Anísio nos oferece: vinte histórias que refletem de maneira descontraída e gostosa as tragédias e comédias cotidianas do Rio de Janeiro e São Paulo. Um sucesso permanente: já na 16ª edição. — Cr\$ 80,00.</p> <p>2H — O Enterro do Anão: Pequenas histórias em linguagem coloquial. O humor do dia a dia transposto do teatro para a prosa. 14ª edição. — Cr\$ 80,00.</p> <p>3H — A curva do Calombo — Um novo Chico Anísio cheio de humor, sabedoria popular e malandragem carioca. — Cr\$ 80,00.</p> | <p>4H — O Melhor de Stanislaw Ponte Preta — Sérgio Porto. Os melhores momentos de Stanislaw: Tia Zulmira, Primo Altamirando, Garoto Linha Dura, Febeapá, Crioulo Doido. Uma coletânea que você não pode deixar de ler. — Ilustrada com desenhos de Jaguar. Cr\$ 90,00.</p> <p>Luis Fernado Veríssimo e o humor sutil.</p> <p>5H — O Popular — Um extraordinário poder de síntese, de observação, de forma, de acuidade mental. Um escritor inteligente, ferino e irônico. — Cr\$ 85,00.</p> | <p>6H — A Grande Mulher Nua — Luís Fernando tanto maneja a pena de escrever como a de desenhar. Com uma simplicidade extraordinária ele transforma uma simples crônica em uma aguda visão universal. — Cr\$ 90,00.</p> <p>7H — Amor Brasileiro — A grande qualidade do autor está em nos fornecer um produto cada vez mais raro: o humor. — Cr\$ 75,00. Escolha e peça hoje mesmo pelo Reembolso Postal. Basta preencher o cupom abaixo.</p> |
|---|---|--|

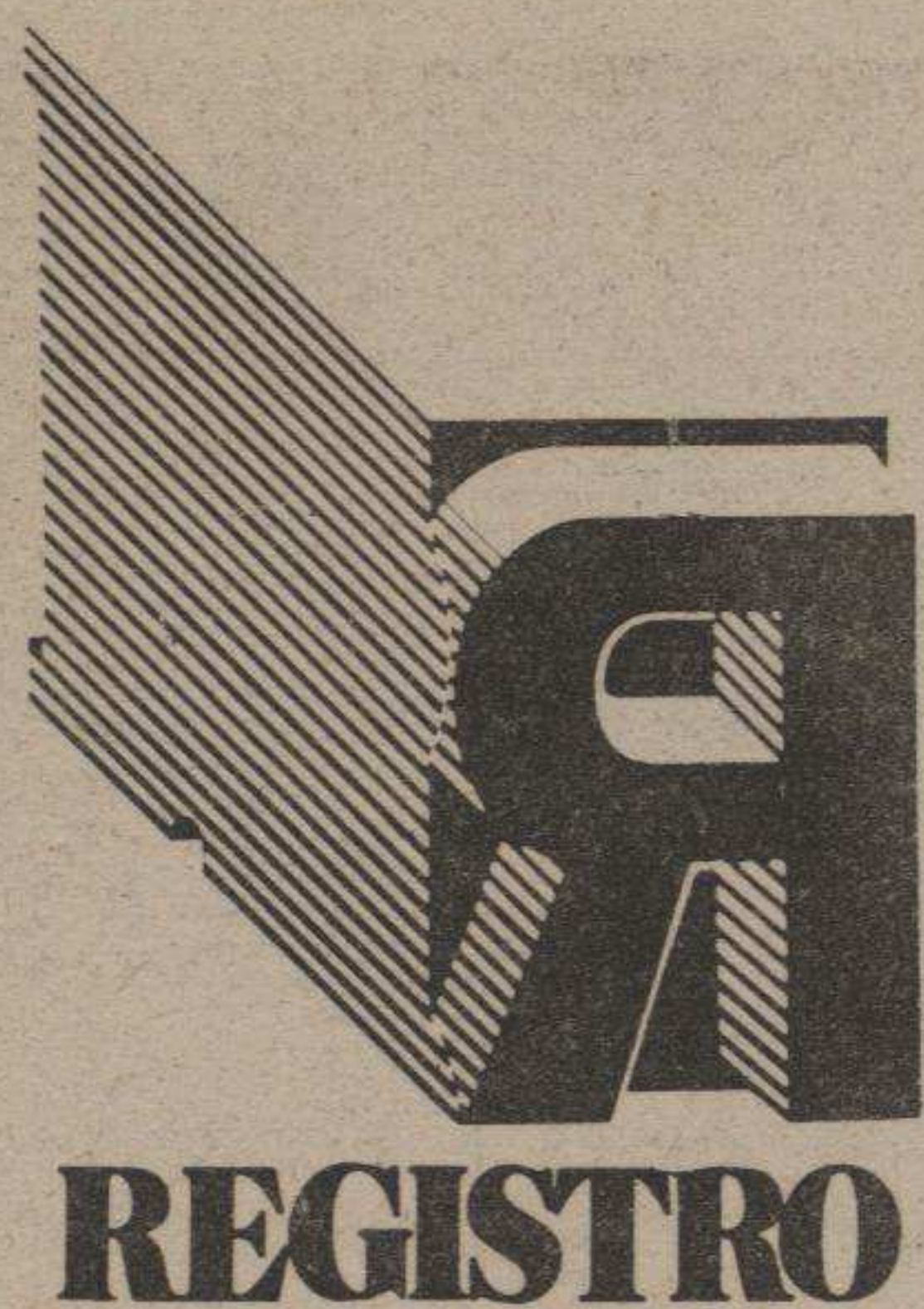
ponha logo no correio

Agência Literária Veritas Ltda.
Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com X:
1H.....2H.....3H.....4H.....5H.....6H.....7H.....

Nome: _____
Rua: _____
Cidade: _____ CEP: _____ Estado: _____
Data: _____ Assinatura: _____

* Não envie dinheiro. Só pague ao receber os livros.
Não cobramos despesas de remessa.



IMPRENSA EM TEMPOS ÁSPEROS

A IMPRENSA OPERÁRIA NO BRASIL (1880-1920), de Maria Nazareth Ferreira, Editora Vozes, 160 páginas, Cr\$ 100,00.

Quem, em fins do século passado e no início deste, visitasse o Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e mesmo cidades do interior como Pelotas, no Rio Grande do Sul, ou Uberaba e Juiz de Fora, em Minas Gerais, se surpreenderia com o número de jornais editados pelos operários para os operários. A imagem de um trabalhador metalúrgico que deixa a forja para escrever artigos defendendo seus interesses pode parecer romântica à primeira vista. Mas só a primeira vista.

Na verdade, revela um aguçamento da luta ideológica que se travava entre elementos pertencentes à classe subalterna e à classe dominante. É grande parte desses jornais era anarquista. Os redatores? Muitos deles imigrantes intelectuais principalmente da Itália, que entravam para o movimento operário brasileiro depois de experiências no país de origem. Assim foi em São Paulo, assim foi no Rio de Janeiro, e o mesmo se repetiu em outras cidades brasileiras que davam seus primeiros passos no rumo da industrialização com o corolário do trabalho urbano.

Para mostrar que os jornais operários pouco tinham de romântico, Maria Nazareth Ferreira pesquisou durante vários anos algumas das fontes mais valiosas para um estudo dessa imprensa: os jornais dos trabalhadores surgidos no Brasil de 1880 a 1920. Este volume pertence à coleção *Meios de Comunicação Social* da Vozes e quem quiser, conhecer uma das épocas mais áspers da história brasileira deve ter esta obra indispensável. A Imprensa Operária no Brasil (1880-1920).

O centro do Interesse de Maria Nazareth são os jornais de São Paulo. Aliás, a autora afirma que de 1875 a 1920 apareceram 343 títulos de jornais operários espalhados pelo território brasileiro, contribuindo São Paulo com 149 títulos (42%), o Rio de Janeiro com 100 títulos (30%) e 94 títulos distribuídos pelos outros estados, ficando o Rio Grande do Sul com 5% do total de 343, Minas Gerais e Pernambuco com 4% cada um, Alagoas e Paraná com 3% cada um, Ceará, Bahia, Pará, com 2% cada um, Amazonas, e Sergipe, com 1% cada um além de alguns títulos no Mato Grosso, Maranhão e Piauí.

Na medida em que a imprensa operária pertencia ao ciclo da imprensa ideológica — no seu sentido restrito porque nada mais

A PLEBE

Toda a correspondência a EDGARD LEUENROTH
 DO: 42880
 Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO (Brasil)
 Redação e Administração: Rua Cap. Seixas, 2-D (Sobrado) junto ao Largo do Século
 Preço: \$200

VIMOS

Ilução Social

A configuração horrível a que a burguesia vai arrastando, uma a uma, todas as nações, convulsionando o mundo, precipitou estupidamente os acontecimentos de maneira a acelerar a solução dos grandes problemas sociais que, pacientemente se há meio século, traziam agitados todos os povos civilizados da terra.

Urge a ação em todas as suas manifestações, consciente, decidida, vigorosa.

Como é bem de ver, essa obra literária cabe lugar de destaque à imprensa avançada, a quem está confiada a missão delicada de orientar o povo, hoje à mercê da perseverante ação diamoniosamente insubordinadora dos jornais ao serviço dos dominadores da época.

Por isso, apesar das tremendas dificuldades dominantes, apareceu *A Plebe* em substituição de *A Lanterna* que, sendo surgido com um título tradicionalmente anti-burguesia, não conseguiu sempre com a ação mais ampla, através do padre e a Igreja na sua época, como elementos perniciosos, alçados perennis dos dominantes, ao mesmo tempo que focava, por ser dirigida por liberais, em todos os fatos da época.



IGUALDADE E FRATERNIDADE

Guanabarras

Rio, 6 de Junho — Quando o cargueiro *Paraná* foi metido a água, com grave prejuízo para a Companhia Comercio e Navegação, uns quantos meios estudantes de Direito e outras coisas tortas promoveram reuniões de protesto contra a Alemanha e a favor da entrada do

O pobre é um pa

O *Correio Paulistano*, publicando diariamente, há 20 de um aviso da Liga Social Nacional, um misto de conselho, apographo de S. Paulo, produtor, produtor, de divisões paulistas, dirigidas, dirigidas, dirigidas.

Primeiro número de *A Plebe*, jornal operário fundado em 1917

ideológico que o moderno jornal objetivo capitalista — a autora traz uma comparação interessante sobre a evolução das greves em São Paulo e a evolução do número de título dos jornais.

Mas, por que uma imprensa tão rica, tão audaciosa, tão política desapareceu quase por completo do cenário brasileiro? Por que diminuiu a importância dos intelectuais, "também agentes propagadores das idéias revolucionárias vulgarizando as ideologias sociais, tornando-as inteligíveis para as massas?" Talvez a resposta esteja na evolução da imprensa no Brasil dentro de um contexto de fortalecimento de uma burguesia que tinha um outro tipo de imprensa: o jornal-empresa, o jornal-

indústria, o jornal como um meio de produção econômica e um meio de produção político na ótica da classe dominante.

A industrialização da imprensa, a exigência de grande capital para o estabelecimento de um novo jornal, a utilização da imprensa capitalista como arma nesta guerra ideológica, a imprensa que se servia da publicidade como um motor indispensável, serviu para sufocar os jornais operários surgidos em tão grande número no Brasil. Hoje, quando se discute a necessidade de jornais que defendam os interesses dos trabalhadores, é importante conhecer esse fenômeno.

Sérgio Caparelli

Ô COPACABANA:, de João Antônio, Ed. Civilização Brasileira, Cr\$ 65,00. Novo romance do autor-reporter João Antônio (*Malagueta, Perus e Bacanaço, entre outros*) retratando tipos do bairro-cidade. Ilustrado com fotos que mostram a decadência de Copacabana.

OS AMIGOS DA NOITE: de Fernando Nogueira, Ed. Beija-Flor, Cr\$ 70,00. "A literatura latino-americana não é exótica. Mas é, sim, diferente." A definição de Otto Maria Carpeaux se aplica a estes contos tristes, satíricos, irreverentes deste jornalista-escritor carioca que vive há cinco anos em Curitiba.

O GENERAL DUTRA E A REDEMOCRATIZAÇÃO DE 45: de Osvaldo Trigueiro do Vale, Ed. Civilização Brasileira, Cr\$ 120,00. Ensaio político com base em fontes originais, principalmente do arquivo do próprio general Dutra, que procura relembrar a ação do Exército na redemocratização do País. Lembra uma situação semelhante à atual, em que em nome da defesa da democracia instalou-se um sistema autoritário apoiado nas Forças Armadas.

10 DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, de John Red, Ed. Alfa-Omega. Reportagem (do mesmo autor de *México Rebelde*) sobre os primeiros dias da Revolução de Outubro de 1917, na União Soviética. Editado nos Estados Unidos em 1919 e na URSS em 23. Lênin recomendou o livro "sem reservas, aos trabalhadores de todos os países", porque "traça um quadro exato e extraordinariamente vivo dos acontecimentos".

A SAÍDA DO PRIMEIRO TEMPO, de Renato Pompeu, Ed. Alfa-Omega. Romance sobre futebol e pessoas, ambientado em Campinas e no clube de futebol Ponte Preta. Jornalista, autor de *Quatro Olhos*, Pompeu escreve aqui com paixão e humor.

ANÁLISE DO "MODELO" BRASILEIRO (6ª edição) e **A HEGEMONIA DOS ESTADOS UNIDOS E O SUBDESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA** (3ª edição), de Celso Furtado, Ed. Civilização Brasileira, Cr\$ 80,00 e Cr\$ 100,00. Reedições de ensaios do economista Celso Furtado, hoje professor da Sorbonne e da American University. O primeiro livro analisa o "milagre brasileiro" e o segundo aborda os dois fenômenos interligados de subdesenvolvimento e dependência externa.

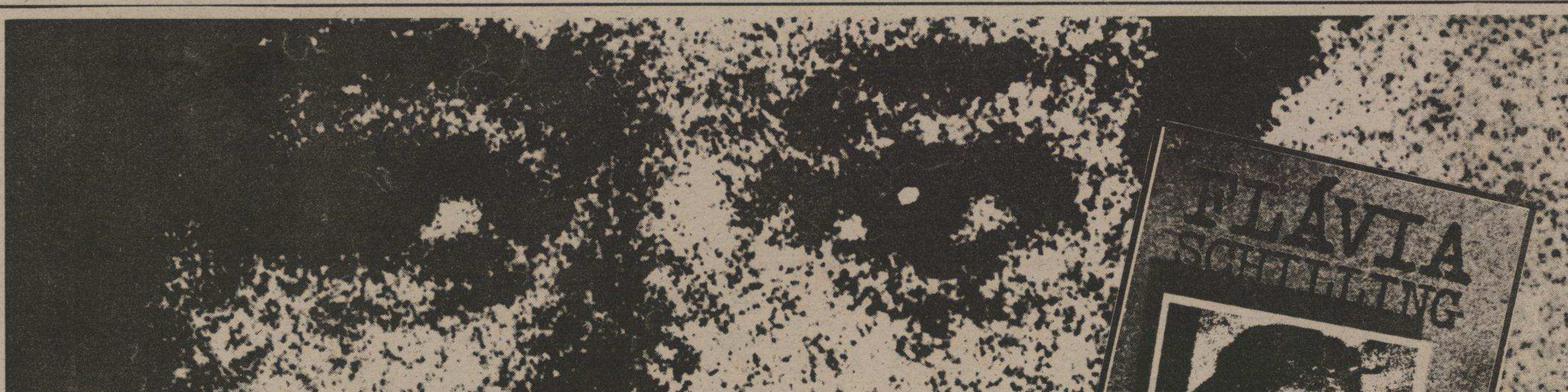
EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS, de D. Paulo Evarist Arns, Ed. Civilização Brasileira, Cr\$ 150,00. Segunda edição de um apanhado de entrevistas concedidas pelo cardeal-arcebispo de São Paulo a partir de 1970. Nelas o cardeal expõe suas idéias, analisa questões sociais e relata sua luta em defesa dos direitos humanos.

BRASIL: O RETRATO SEM RETOQUE, de Dêlcio Monteiro de Lima, Livraria Francisco Alves Editora. O autor de *Comportamento Sexual do Brasileiro* volta a ser repórter para tentar mostrar o que o brasileiro pensa do País hoje e de seus problemas. Além de análises e dados, traz 30 depoimentos (Antonio Houaiss, Dom Ivo Lorscheister, Raymundo Faoro, Celso Lafer e Oscar Sala entre eles).

INFLAÇÃO RECENTE NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA, Ed. Graal. Reúne trabalhos de quatro técnicos da CEPAL — Anibal Pinto, Héctor Assael, Arturo Nuñez del Prado e Luiz Cláudio Marinho.

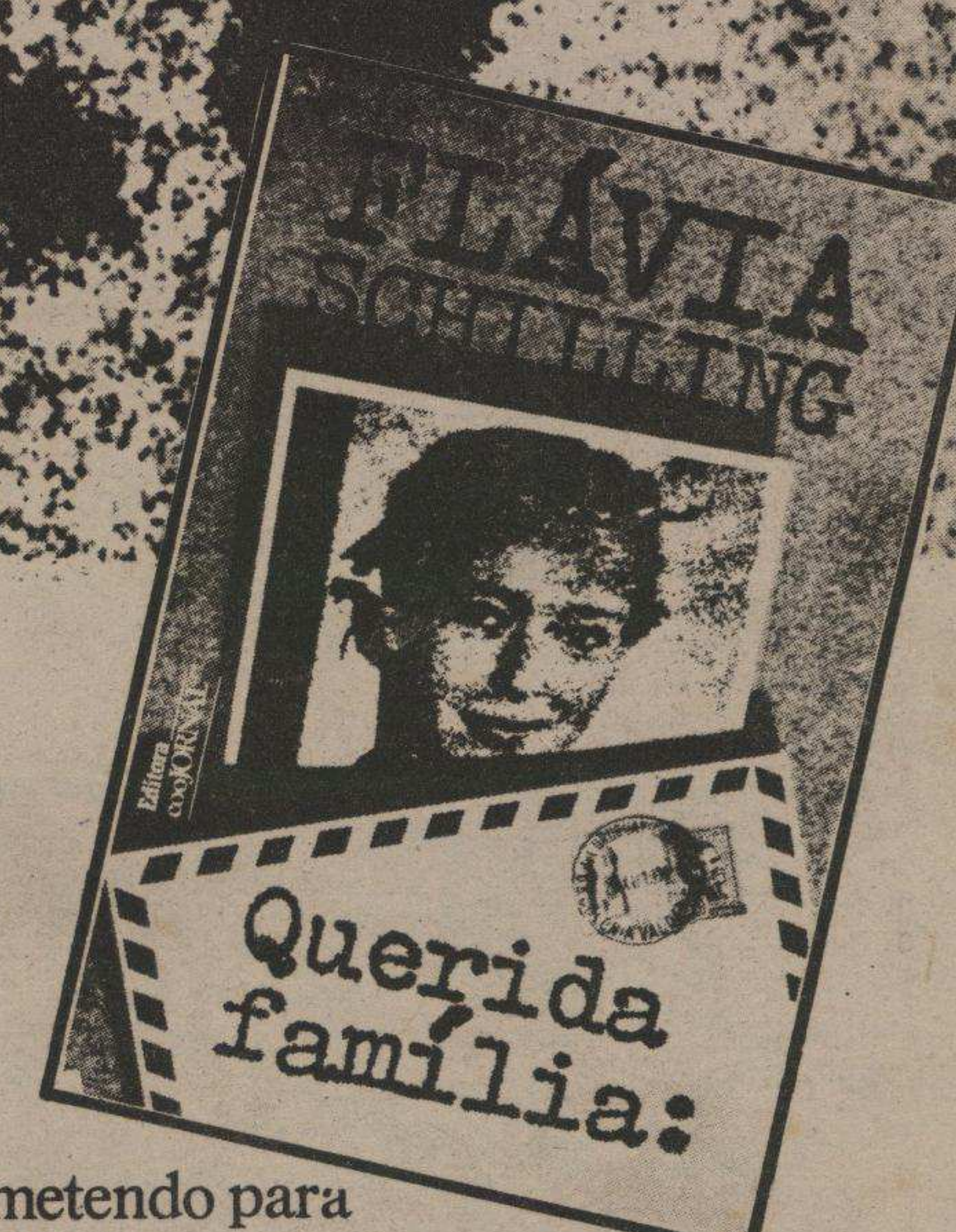
O COLAPSO DO POPULISMO NO BRASIL, de Octavio Ianni. Ed. Civilização Brasileira, Cr\$ 120,00. Quarta edição da obra escrita em 66/67, em que o autor focaliza o populismo "com uma estratégia política de desenvolvimento econômico" e procura explicar "a natureza da 'crise brasileira' na década dos sessenta".

LILI PASSEATA, de Guido Guerra, Ed. Beija-Flor, Cr\$ 80,00. Romance sobre as transformações de uma garota: admiradora de Elvis, rebelde em passeatas, surfista, hippie. Tudo em linguagem "ágil, concisa e brilhante", segundo os editores.



UM DRAMA DO NOSSO TEMPO.

As cartas enviadas pela brasileira Flávia Schilling à sua família, relatando toda sua amarga experiência vivida nos cárceres uruguaios



Faça seu pedido pelo reembolso postal, preenchendo este cupom e remetendo para a Editora Coojournal

Solicito exemplar(es) do livro "Querida Família:", ao preço de Cr\$ 70,00 cada. Rua Comendador Coruja, 372 90.000 — Porto Alegre — RS

Nome: _____ Bairro: _____
 Rua: _____
 Cidade: _____
 CEP: _____ Estado: _____

Não mande dinheiro. Só pague ao receber o livro. Assinatura _____

ENQUANTO ISSO...

PRECISAMOS NOS ORGANIZAR, ALGUÉM DEVERIA TER AVISADO O GOVERNADOR.

